UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE TURISMO

DIONATAN FRANÇA RODRIGUES

EPISTEMOLOGIA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTIFICO NO CURSO DE TURISMO DA UFMA: uma aproximação teórica e crítica.

São Luís

2018

DIONATAN FRANÇA RODRIGUES

EPISTEMOLOGIA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTIFICO NO CURSO DE TURISMO DA UFMA: uma aproximação teórica e crítica.

Monografia apresentada ao curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof. Dr. Linda Maria Rodrigues

São Luís
2018

França Rodrigues, Dionatan.
EPISTEMOLOGIA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTIFICO NO CURSO DE TURISMO DA UFMA: uma aproximação teórica e crítica / Dionatan França Rodrigues. - 2018. 108 f.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientador (a): Linda Maria Rodrigues.

Monografia (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Ciência. 2. Epistemologia. 3. Produção do Conhecimento. 4. Turismo. I. Maria Rodrigues, Linda. II. Título.

DIONATAN FRANÇA RODRIGUES

EPISTEMOLOGIA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTIFICO NO CURSO DE TURISMO DA UFMA: uma aproximação teórica e crítica.

Monografia apresentada ao curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Linda Maria Rodrigues – (Orientadora)

_____

1º EXAMINADOR

_____

2º EXAMINADOR

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, sem a ajuda dela não seria possível concluir este trabalho dentro do planejado.

A todos que de alguma forma ajudaram-me a trilhar este caminho, não foi fácil.

À minha orientadora, por ter me apoiado e me aceitado como seu orientando.

Ao curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão pelo seu potencial de incutir nos alunos a importância da atividade turística.

A todos os professores deste curso que são como mestres. Àqueles que me deram dicas e me ensinaram ao longo desta jornada.

A todos os autores de que fiz uso durante esta pesquisa, o compartilhamento dos seus conhecimentos é deveras importante.

Também ao NPDTUR - Núcleo de Pesquisa e Documentação em Turismo, por ser um espaço acessível e primordial para formação do estudante.

Turismo é uma palavra de conteúdo científico, extraído do conhecimento vivo, presente ao longo do desenvolvimento da humanidade e através de complexas e diferentes manifestações. Turismo é também uma noção, quer dizer, é algo que se pode conhecer; dito cientificamente, Turismo é objeto de conhecimento.

Jimenez Guzman

RESUMO

Este estudo realiza uma reflexão acerca da crítica epistemológica do conhecimento em turismo. De abordagem essencialmente teórica, discorre sobre a teoria do conhecimento e suas principais discussões, como parte introdutória, para adentrar na epistemologia do turismo, baseado na filosofia da ciência. Seu objetivo foi reflexionar sobre a produção teórica de conhecimento no turismo, para isso apresenta os conceitos de turismo de vários autores, desde as primeiras contribuições teóricas. Constatando as divergências destas conceituações, percebe-se que sua acumulação ao longo do tempo deu-se por distintas disciplinas, visto o próprio fenômeno adentrar em vários campos da ação humana, mas, sobretudo social, e que seu patamar de conhecimento atual é multidisciplinar, e que vários teóricos demandam pela sua interdisciplinaridade. Portanto, entende-se que estudos desta natureza devem iniciar pelos conceitos, como pré-requisito para o tratamento epistemológico, para depois trazer as abordagens de filosofia da ciência no turismo, ou seja, propuseram-se as abordagens multi e interdisciplinar, por serem da própria natureza dos estudos do turismo, a sua historiografia teórica, por ser premissa básica de qualquer exploração epistemológica, e as abordagens fenomenológica e hermenêutica, ambas sendo ramos da filosofia, contribuem para aproximações de cunho epistemológico. A fenomenologia, com a teoria da busca da essência aplicada ao turismo, e a hermenêutica como teoria de interpretação, tanto aquela como esta, complementam-se, ou seja, quando se realiza um tratamento fenomenológico à determinado fenômeno, no caso o turismo, o uso da hermenêutica na interpretação deste fenômeno faz-se presente. A seguir, foram feitas considerações sobre o turismo ser considerado uma disciplina científica autônoma, ou tão-somente campo disciplinar, nota-se que distintos teóricos tomam diversas posições nesta questão. Há aqueles que já o consideram como ciência, outros dizem que ainda não alcançou tal patamar, mas está se desenvolvendo neste sentido, e outros afirmam peremptoriamente que o turismo não pode ser considerado, nem virá a ser, ciência, devido às próprias características do fenômeno social, mas que isto não se constitui em um problema. Tal discussão dificilmente chegará a um termo. Foram analisadas vinte e duas monografias do curso de turismo da Universidade Federal do Maranhão, cujas temáticas se aproximassem mais da produção do conhecimento, com o intuito de mostrar a preocupação por parte do corpo discente da Universidade, da qual o autor do presente estudo faz parte. Da amostra das monografias analisadas, constatou-se que suas temáticas contribuem para produção de conhecimento científico, porém o seu número ainda é incipiente e carece de maiores aprofundamentos de pesquisa neste sentido. Esta investigação propôs-se a ser um contributo teórico para o campo de estudos do turismo, pois constatou-se esta perene necessidade.

Palavras-Chave: Ciência, Epistemologia, Produção do Conhecimento, Turismo.

ABSTRACT

This study reflects on the epistemological criticism of tourism knowledge. From an essentially theoretical approach, it discusses the theory of knowledge and its main discussions, as an introductory part, to enter the epistemology of tourism, based on the philosophy of science. Its objective was to reflect on the theoretical production of knowledge in tourism, for this presents the tourism concepts of various authors, from the first theoretical contributions. Observing the divergences of these conceptualizations, one can see that their accumulation over time has taken place through different disciplines, since the phenomenon itself penetrates several fields of human action, but above all social, and that its level of current knowledge is multidisciplinary, and that several theorists demand for their interdisciplinarity. Therefore, it is understood that studies of this nature should start with the concepts, as a prerequisite for epistemological treatment, to later bring the approaches of philosophy of science in tourism, that is, multi and interdisciplinary approaches were proposed, since they are the very nature of tourism studies, its theoretical historiography, the basic premise of any epistemological exploration, and the phenomenological and hermeneutic approaches, both being branches of philosophy, contribute to epistemological approximations. Phenomenology, with the theory of the quest for essence applied to tourism, and hermeneutics as a theory of interpretation, both the one and the one, complement each other, that is, when a phenomenological treatment is applied to the given phenomenon, in this case tourism, the use of hermeneutics in the interpretation of this phenomenon is present. Next, considerations have been made about tourism being considered an autonomous scientific discipline, or just a disciplinary field, it is noted that different theorists take different positions on this question. There are those who already consider it as science, others say that it has not yet reached such a level, but it is developing in this sense, and others affirm peremptorily that tourism can not be considered, nor will it become, science, due to the very characteristics of the phenomenon but that this is not a problem. Such a discussion will hardly come to a term. Twenty-two monographs of the tourism course of the Federal University of Maranhão, whose themes were closer to the production of knowledge, were analyzed in order to show the concern on the part of the student body of the University of which the author of the present study is part. From the sample of the analyzed monographs, it was verified that their themes contribute to the production of scientific knowledge, but their number is still incipient and needs further research in this sense. This research was proposed to be a theoretical contribution to the field of tourism studies, because this perennial necessity was verified.

Keywords: Science, Epistemology, Knowledge Production, Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- O sistema de turismo de Leiper 48

Figura 2 - O turismo e suas relações segundo Hunziker e Krapf 55

Figura 3 - Fases teóricas do turismo com base na teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn 57

Figura 4 - A criação de conhecimento em turismo segundo Tribe.....80

LISTA DE ABREVIATURAS

ABBTUR	Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo
AIEST	International Association of Scientific Experts in Tourism
ANPTUR	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
NPDTUR	Núcleo de Pesquisa e Documentação em Turismo
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
SISTUR	Sistema de turismo
TF	Campo de turismo
TF1	Campo de turismo um
TF2	Campo de turismo dois
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNWTO	The World Tourism Organization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 EPISTEMOLOGIA 17

2.1 Sobre a epistemologia 17

2.2 Questões da teoria do conhecimento 21

2.3 Abordagens da filosofia da ciência 26

2.3.1 Tendência Analítica 27

2.3.2 Tendência Histórica 29

3 EPISTEMOLOGIA E TURISMO 32

3.1 A problemática das definições de turismo 32

3.2 Abordagens teóricas do turismo 41

3.2.1 Abordagens Multidisciplinar e Interdisciplinar 42

3.2.2 Abordagem Historiográfica da Teoria do Turismo 50

3.2.2.1 Historiografia teórica em Muñoz de Escalona 51

3.2.2.2 Historiografia teórica em Panosso Netto 55

3.2.3 Abordagem Fenomenológica 62

3.2.4 Abordagem hermenêutica 68

4 TURISMO COMO CIÊNCIA? 72

5 PROCEDIMENTOS DA METODOLOGIA APLICADA 82

6 ANÁLISE E RESULTADOS DAS MONOGRAFIAS COM BASE NA PESQUISA EPISTEMOLÓGICA 85

6.1. Descrição do *corpus* *85*

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 99

REFERÊNCIAS 102

1 INTRODUÇÃO

O resultado da produção em um campo científico mostra quantitativa e qualitativamente o que está se desenvolvendo neste campo. Mas, só se chaga a frutos desta natureza por meio da análise dos vários resultados dele, os quais comumente apresentam-se por meio dos relatórios e resultados de pesquisas científicas variados. Isto, inevitavelmente, levanta questões a respeito do caráter da sua pesquisa e produção do saber, o que levaria nosso olhar ao objeto epistemológico do campo de conhecimento.

É de interesse capital lançar luz sobre a produção científica de uma determinada área do conhecimento com o intuito de proceder sobre a compreensão crítica da mesma. Tendo este critério como premissa, identificou-se a necessidade de se realizar uma apreensão epistemológica na área do turismo, visto o mesmo ser um campo de estudo multidisciplinar, possuidor de enfoques diversos. Para tanto, se lançou mão de um delineamento teórico de pesquisa de métodos bibliográfico e documental.

A presente pesquisa nasceu da reflexão crítica que se traçou durante a trajetória acadêmica no curso de turismo, principalmente no que diz respeito às leituras teóricas realizadas ao longo de todas as disciplinas cursadas. Leituras que enriqueceram o conhecimento do discente a respeito de vários temas e que servem de componentes de base para a área de estudo do turismo como um todo. As leituras realizadas sobre a temática em particular, de produção do conhecimento, foram decisivas para escolha do tema, principalmente o artigo *Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica*, dos professores Panosso Netto e Castillo Nechar (2014).

O Turismo por ser um campo multidisciplinar é uma área de especial interesse para outras disciplinas que se servem das suas reflexões e, concomitantemente, o servem com os seus conhecimentos produzidos por seus próprios métodos e análises. A geografia é um exemplo claro quando se trata do exame do espaço onde transitam os turistas, ou os espaços produzidos por eles, assim como a economia com seus métodos de medição de demanda turística também o é.

Essas constatações realizadas por meio de um olhar empírico e das leituras dos textos científicos ao longo do curso, propiciaram o arcabouço reflexivo base para a proposição da pesquisa. Passou-se de uma cogitação teórica mais abrangente à uma necessidade teórico-prática mais concreta. Ao realizar tais reflexões, inevitavelmente, o

olhar que está se apresentando é um olhar epistemológico e crítico sobre a própria produção científica em Turismo, e é esta visão que se propõe a pesquisa.

Uma das questões que se encontra na gênese de propositura da pesquisa foi, qual seria, de fato, a importância que a teoria desempenhou e desempenha para a área do turismo? Procura-se, à luz deste questionamento, algumas respostas.

Quando se faz levantamentos deste tipo o que se procura, portanto, é entender a própria realidade do turismo, e isso levando em consideração que esta é dinâmica e mutável, nesta ordem, pois, de acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004), aquele termo provém do grego *dynamikós* que é relativo ao movimento e este do latim *mutabile* que significa suscetível de mudar (o movimento traz a mudança), o que mostra que somente o que não se deixa estático é suscetível de mudança. As palavras movimento e mudar, de acordo com este dicionário, possuem o mesmo significado, querem dizer a mesma coisa, deslocamento, e entende-se que este é o problema epistemológico: perceber a realidade em transformação "frente a tantos conhecimentos e realidades transformadoras e em transformação" (PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014, p. 136).

Esta realidade social que intervém e é mediada pelas ações humanas, está sujeita a estas constâncias e, é natural buscar a compreensão e o entendimento sobre ela. Esta fora uma outra premissa chave da pesquisa, visto o próprio ato de viajar, deslocar-se, está inserido na sociedade como uma necessidade que fora criada por ela própria (KRIPPENDORF, 2001). Porém, a pesquisa que hora é proposta parte para uma investigação por via um tanto distinta, que dizer, buscar-se-á a compreensão desta realidade pela via epistemológica, que é estritamente acadêmica (PANOSSO NETTO, 2005), sobre o que se está refletindo sobre esta mesma realidade (do turismo) tomada como *una* por meio das suas mais variadas temáticas.

Os fatores reflexão e problematização, dois outros norteadores que justificaram a escolha da temática na área da epistemologia, e por serem elementos da sua própria definição, podem ser depreendidos do conceito de epistemologia de Hilton Japiassu (1979):

> tem como função essencial submeter a prática dos cientistas a uma reflexão, [...] seu problema central, e que define seu estatuto geral, consiste em estabelecer se o conhecimento poderá ser reduzido a um puro registro... ou se o Sujeito poderá intervir ativamente no conhecimento dos Objetos. (p. 27-28).

Esta abordagem requer reflexão cuidadosa acerca da área de conhecimento denominada turismo, pois incide sobre a própria produção do conhecimento que é realizada, e esta produção, como é sabido, também é dinâmica (CASTILLO NECHAR E CORTÉS, 2006) e está sujeita, quando da sua constituição, às influências sociais (TRIBE, 2006), visto ser considerada, no mínimo, um campo de estudos das ciências sociais.

Tal aproximação epistemológica justifica sua importância no fato de constituir-se em um modo ímpar de entendimento da produção do saber teórico na área do turismo, ou seja, por conta do seu aprofundamento teórico, mas que reflete de alguma forma na própria atividade como fenômeno percebido no seu desenrolar. Em relação a isso, Jovicic em seu artigo de 1988 intitulado "*A plea for tourismological theory and methodology*" (Um apelo a teoria e metodologia turística), diz que a prática do turismo está em um patamar maior de desenvolvimento em relação ao seu estudo teórico, cujo um dos motivos estabelece-se no "fato de que porque, o fenômeno do turismo ser um produto da história moderna, [isto] pode explicar o atraso e os mal-entendidos em sua interpretação teórica". (p.2). Atualmente a teoria se desenvolveu bastante comparada a 1988, mas ainda está aquém de uma produção teórica mais satisfatória, como se constatará no decorrer do trabalho.

Concorda-se com Tribe (2006), outrossim, que nos diz em seu artigo *The truth about tourism*, que as lacunas no conhecimento em turismo aparecem em consequência das 'verdades' sobre ele permanecerem incontestes, ele questiona "*Is it possible to tell the truth about tourism?* " (É possível falar sobre verdade no turismo?) (p. 360). Verdade aqui entendida como a busca da compreensão da própria investigação, isto é, do ato de investigar. E ele o faz com base no seu conceito de campo de força do conhecimento, que em poucas palavras seria um substrato que funciona como filtro no qual o mundo fenomenal do turismo perpassa em direção à compreensão deste próprio mundo, isto é, o fato turístico e a busca de sua compreensão.

Enquanto Tribe procura o entendimento desse mundo do conhecimento por meio de uma análise sócio-antropológica baseada em cinco fatores de influência (pessoas, regras, posição, objetivos e ideologia), também o buscamos de nossa parte, mas focando nosso olhar especificamente na produção do conhecimento pela via estritamente epistemológica. Lembrando que a nossa busca do conhecimento, conforme já se apontou parágrafos acima, é precisamente baseada no conceito de *conhecimento-processo*, não *conhecimento-estado* e apresentando-se *em devir* (JAPIASSU, 1979), pois se a realidade se apresenta dinâmica e mutável, também o seu estudo.

O problema, (ou problemas), de pesquisa e que serviu de norteador nasceu justamente das inquietações aludidas até aqui que por mais que sejam plurais acabam imbricando-se, pois, ao suscitar uma, outra inevitavelmente será levantada, pode-se visualizar algumas perguntas claras, dentre outras: Em que constitui a produção do conhecimento teórico no turismo? E a produção de uma teoria nessa área? Está consolidada? Sim? Não? Em que patamar? Este tipo de produção questiona o turismo enquanto ciência? Seria uma análise crítica? Pode-se encontrar abordagens críticas e epistemológicas na produção científica do turismo? E estes mesmos questionamentos circunscritos à produção do conhecimento em âmbito local, isto é, na produção monográfica do curso de turismo da Universidade Federal do Maranhão, UFMA.

Realizou-se, então, uma exploração teórica acerca da epistemologia como produção do conhecimento em turismo, tendo por base a concepção de diferentes autores e abordagens, tanto do campo da epistemologia, considerada como uma das grandes áreas da filosofia, quanto dentro do campo do turismo e o tratamento epistemológico que vários autores despendem em suas reflexões sobre este fenômeno. A partir deste ponto, buscou-se identificar, nas produções monográficas dos discentes do curso de turismo da UFMA, os trabalhos que mais se aproximariam da temática epistemológica, que trata justamente da produção do conhecimento.

Tendo em vista que este tipo de reflexão não é muito comum dentro do campo de pesquisa em turismo, optou-se por um recorte amplo das monografias, que abrangesse o período compreendido entre 1992 e 2016, e também por considerar como método de seleção as que mais se aproximassem da presente temática, não somente no corpo integral de sua proposta, mas que dentro do conteúdo de seu objeto de análise identifica-se um ou mais de um argumento que pelo menos tangencia-se a produção do saber no campo do turismo.

Deste modo, ao logo dos capítulos deste trabalho apresentou-se os conceitos de epistemologia e algumas discussões da teoria do conhecimento e da filosofia da ciência, realizou-se uma aproximação teórica da produção do conhecimento em turismo por meio das abordagens multi e interdisciplinar, da sua historiografia teórica em dois autores, das propostas no campo da fenomenologia e da hermenêutica. Ainda, problematizou-se sobre a cientificidade do turismo sob distintos autores e, apresentou-se as considerações a respeito dos resultados das monografias selecionadas para análise, isto é, buscou-se identificar nestas produções qualquer contribuição, por mínima que fosse, sobre a produção de conhecimento em turismo por parte dos discentes em seus trabalhos.

A proposta é de refletir sobre a pensamento turístico desenvolvido até aqui, isto no intuito de uma contribuição epistemológica para o turismo que, segundo Panosso Netto (2005, p. 20) "não é um assunto muito difundido entre os pesquisadores do turismo". Seguindo esse raciocínio tem-se que a palavra chave aqui é, 'questionar', pois ao realizar uma visitação às primeiras teorias que fundamentaram os escritos sobre o turismo e trazê-las aos dias atuais, é ter o intento de verificar se suas reflexões ainda são 'válidas' na contemporaneidade e conferir possíveis mudanças, evoluções ou até o esquecimento por parte dos estudiosos da área, buscando entender o porquê de cada caminho seguido, isto é epistemologia. Posto isso, Muñoz de Escalona (1992, p. 1) diz:

> ... estamos convencidos de que a tarefa central da ciência é questionar noções, fundamentais ou não, através de críticas sistemáticas, com o fim de propor novas noções, susceptíveis de serem questionadas e, por sua vez, de ser submetido a críticas razoáveis.

Muitos dos autores que serão usados nesta pesquisa trataram da filosofia do turismo, pois, ao analisarem este fenômeno epistemologicamente, questionaram sua natureza, essência e propriedade que o identificam, isto constituindo, necessariamente, o ponto de encontro da filosofia e do conhecimento do turismo (PALOMO, 2012)..

Como fora dito, serão destacados também, duas propostas significativas de análise epistemológica do turismo, a perspectiva hermenêutica e a fenomenologia no turismo como em Erik Cohen, Panosso Netto, Pernecky e Jamal, dentre outros. A escolha destas duas propostas deu-se pelo motivo de que tanto uma como a outra contribuem consideravelmente na criação de uma teoria mais reflexiva do turismo, que saia dos, 'tão-somente', estudos analíticos, que são importantes, mas não os únicos (PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014).

Castillo Nechar (2011) diz que estas duas abordagens contribuem para uma postura epistemológica crítica de reflexão verdadeiramente holística da sociedade, "porque a sociedade não pode ser concebida como um objeto a mais, a sociedade implica subjetividade [fenomenologia] e, portanto, interpretação [hermenêutica]" (p. 528). Pernecky e Jamal (2010), por sua vez, corroboram e falam que estas duas abordagens são valiosas no sentido de apoiarem a concepção de um significado mais profundo no turismo.

A pesquisa está dividida em sete capítulos, em que o primeiro compõe-se da introdução e no qual são expostos os motivos de escolha da temática, os problemas que nortearam esta escolha, assim como os objetivos que se delinearam e foram executados para consecução do trabalho. Em todos os argumentos demonstrados, a iniciar por esta introdução, teve-se o cuidado de os apresentar embasado por autores que tratam do tema.

O segundo capítulo trata da epistemologia em si, isto é, como uma abordagem filosófica. Está dividido em três itens: o primeiro versa sobre algumas acepções do termo epistemologia, o segundo considera a epistemologia enquanto teoria do conhecimento, ou seja, a reflexão filosófica em torno do conhecimento de um modo genérico, englobando todos os tipos de conhecimentos, o terceiro considera a filosofia da ciência, isto é, a reflexão que se faz em torno da ciência em particular, que no caso é a mais apropriada para o exame da produção do conhecimento científico no turismo.

No terceiro capítulo adentra-se na temática epistemológica do turismo. Inicia-se apresentando suas conceituações e ponderando sobre sua problemática em torno de uma definição consolidada, muito disto por um dos únicos conhecimentos seguros que se tem, e que se refere a sua multidisciplinaridade.

Depois, em um segundo tópico, apresenta-se quatro abordagens teóricas do turismo: a multi e interdisciplinaridade, uma segunda abordagem que versa sobre as contribuições de vários teóricos ao longo do tempo, e neste caso baseamo-nos em dois autores em particular: Muñoz de Escalona e Panosso Netto. A terceira abordagem fora a fenomenologia e a quarta a hermenêutica. A multidisciplinaridade é pré-requisito para a interdisciplinaridade, então fala-se das duas juntas, apresenta-se a historiografia teórica por ser premissa epistemológica (JAPIASSU, 1979), e as terceira e quarta abordagens pelas contribuições substanciais mostradas acima.

O quarto capítulo ocupa-se da questão da cientificidade do turismo, ou seja, sua consideração como disciplina cientifica ou não, objeto de discussão básico quando se trata da epistemologia no turismo.

O quinto capítulo explana a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, bem como suas fontes e dificuldades. O sexto capítulo apresenta e analisa as monografias, que foram selecionadas, à luz desta primeira grande parte teórica do trabalho. Portanto, faz-se uma reflexão tendo por base a epistemologia no turismo e a importância que esta tem para a produção do conhecimento desde a graduação, como essencial para o desenvolvimento crítico na área.

No último capítulo tem-se as considerações finais, na qual se traz algumas lições apreendidas durante o processo de pesquisa e os resultados da mesma. Além de se afirmar a relevância que tal temática encerra para uma compreensão mais grave em torno do campo científico do turismo.

2 EPISTEMOLOGIA

2.1 SOBRE A EPISTEMOLOGIA

Quando o conhecimento filosófico se detém acerca do saber científico, adentra-se no domínio epistemológico. A palavra epistemologia equivale, em sentido amplo, à filosofia da ciência, teoria do conhecimento ou gnoseologia e, este último, é bem aproximado de sua formação radical que provêm do grego gnosis: conhecimento, e logos: teoria e/ou ciência. Porém, é importante ressaltar que gnoseologia apesar de ser usado como sinônimo de epistemologia designa uma reflexão muito mais ampla do que a da filosofia da ciência, pois abarcando todo tipo de conhecimento sendo científico ou não, ou seja, estuda o conhecimento de modo genérico (JAPIASSÚ E MARCONDES, 2001).

A definição mais tradicional de epistemologia é inspirada do *Teeteto* de Platão e denomina-se análise tripartite do conhecimento ou análise tradicional, de acordo com tal definição o conhecimento é a proposição de uma crença verdadeira e justificada, logo, tem como base três condições essenciais: crença, verdade e justificação, juntas corroboram o ato suficiente do conhecer (MOSER, MULDER, TROUT, 2004). É assim que Mario Bunge (1980) denomina a epistemologia tradicional que tem como seu principal pressuposto a definição de uma crença verdadeira e justificada e seus principais representantes os filósofos Platão, Aristóteles, René Descartes, John Locke e Immanuel Kant.

Apoiando a assertiva anterior, alguns autores ao trabalharem a teoria do conhecimento, como a filósofa Linda Zagzebski, salientam que os objetivos mesmos dos epistemólogos, de forma geral, é o mesmo de Platão, qual seja: “está empenhado para definir por um só termo os diferentes tipos de conhecimento” (ZAGZEBSKI, 2008, p,148). Apesar disso, conforme salienta Morton (2009), apenas recentemente, final do século XX, é que os filósofos tentaram sistematicamente definir a palavra conhecimento, a qual empregavam sem uma preocupação em sua conceituação. De acordo com esse autor, as respostas consideravam duas características habitualmente simples: convicção e razoabilidade “então, nos anos 1960, instigados por um texto curto de Edmund Gettier[1], os filósofos de repente acordaram para o fato de que essa resposta não era óbvia nem

[1] Filósofo norte-americano que em 1963 publicou um artigo que refutava a definição tripartite de conhecimento que remota aos textos platônicos (crença verdadeira e justificada). Essa definição era aceita tacitamente pela comunidade filosófica até a refutação de Gettier por meio de dois contraexemplos, são conhecidos como ‘o problema de Gettier’. Seu texto intitula-se *Is Justified True Belief Knowledge?* Pode ser encontrado em: http://www.jstor.org/stable/3326922.

verdadeira" (p.75). Ressalta-se, no entanto, que a observação deste autor está centrada em "tópico" objetivo e técnico, que é a consideração do conhecimento desde uma perspectiva geral da teoria, pois a busca da compreensão do conhecimento mesmo e dos seus vários tipos derivam desde os gregos, por exemplo.

O presente estudo concentra-se na filosofia da ciência que, segundo Penna (2000), apareceu no contexto do movimento positivista de Comte iniciado na França, mas que, naquele momento, foi preterido por uma outra expressão, "filosofia positiva". Este mesmo autor observa que fora com Descartes que o problema epistemológico se centralizou como preocupação filosófica "dado que tanto na filosofia antiga quanto na medieval, o centro mesmo de reflexão [...] é o problema ontológico" (p, 20). E ainda pode-se destacar a visão da epistemóloga Hilary Kornblith (2008) que em seu ensaio *"Em defesa de uma epistemologia naturalizada"* ratifica desta visão quando destaca que para Descartes a epistemologia é a filosofia primeira e que a teoria do conhecimento viria antes até mesmo que qualquer conhecimento empírico.

Passa-se, então, à introdução de algumas definições de epistemologia. De acordo com John Greco (2008) duas questões fundamentais devem conduzi-la, a primeira e mais essencial de todas, "o que é o conhecimento? " E a outra, mas não menos importante, "O que podemos conhecer? " Este autor lembra que tudo o que já fora escrito a respeito de teoria do conhecimento trata ao menos de uma destas questões e que se poderia agregar a elas uma terceira, qual seja: "Como conhecemos o que conhecemos? ". Portanto, visualiza-se que o conceito de epistemologia possui uma forte ligação às suas próprias indagações essenciais e, acrescenta este autor "... um epistemólogo raramente aborda uma delas sem abordar as outras ou sem ao menos presumir algo sobre as outras" (p. 17).

Penna (2000, p. 18) diz que "De um modo sumário, pode ser definida como a reflexão sobre a natureza e o valor do conhecimento na busca das suas formas, características, origens, seus limites e acima de tudo às questões relacionadas a verdade". Outra definição é apontada por Moser, Mulder e Trout (2004), que destacam a função do epistemólogo, isto é, o filósofo dedicado às questões do conhecimento, seria aquele cuja a tarefa é a definição das condições e fontes de conhecimento, além da discussão sobre a medida do conhecimento humano, em outros termos, até onde esse conhecimento pode chegar. E estes autores corroboram com a conceituação que diz respeito a preocupação com a verdade, ressaltam que uma das principais funções da epistemologia é o esclarecimento em que consiste o verdadeiro conhecimento. Logo, vê-se o cuidado com a definição e com a busca da verdade que de uma forma ou de outra refletem uma preocupação da própria epistemologia como um todo. Tal preocupação remonta à

filosofia grega de Aristóteles que, "registra no Livro IV da metafísica que uma afirmação só é verdadeira se afirmar que o que é, é, ou que o que não é, não é" (MOSER; MULDER; TROUT, 2004, p. 74).

Segundo Abbagnano (2007), qualquer que seja o sinônimo empregado para epistemologia, nenhum deles identificará uma disciplina filosófica geral e circunscrita tal como a ética ou a lógica, antes, estará na base de um pressuposto filosófico que, é o idealismo, e que se faz presente em toda e qualquer área de conhecimento. Como se pode ver, a sua definição apoia-se na doutrina filosófica do idealismo[2] quando ele próprio diz que "por origem e formulação, a teoria do conhecimento é idealista (p, 183).

Para ele, a teoria do conhecimento trata da realidade das coisas, preferindo empregar esse termo e preterindo o termo epistemologia, salienta que essa realidade é externa, mas apreendida somente pelo espírito humano, já que o conhecimento é uma categoria desse espírito e apoia-se sobre o ato da correspondência de uma entidade externa qualquer à entidade mental, que existe somente dentro do indivíduo e que equivale à ideia, diz: "Mesmo as soluções chamadas "realistas" são formas de idealismo, na medida em que as entidades que reconhecem como "reais" são, muito frequentemente, consciências ou conteúdo de consciência" (p, 183).

Aponta-se a definição do conceituado filósofo brasileiro Hilton Ferreira Japiassu do seu livro *Introdução ao pensamento epistemológico* (1979), este autor afirma que por epistemologia "no sentido bem amplo, podemos considerar o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais" (p, 16). Ele acrescenta que a epistemologia possuiria em sua constituição conceitual uma dupla ambiguidade: "discurso sistemático que encontraria na filosofia seus fundamentos e na ciência seu objeto" (p, 24). Sua definição de epistemologia, portanto, liga-se mais a filosofia das ciências. Ele considera, também, três tipos de epistemologia:

1. Epistemologia global ou geral: considera-se a reflexão do saber como um todo;
2. Epistemologia particular: considera-se um campo particular do saber;
3. Epistemologia específica: quando trata de uma disciplina bem definida e estuda sua origem, constituição, perspectivas e sua relação com as demais disciplinas.

[2] O conceito de idealismo correlaciona-se ao engajamento e dedicação com o ideal, sem preocupação prática necessariamente e sem visar um fim imediato (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2001).

Algumas características apontadas por ele à epistemologia geral são: a importância da sua historicidade, ou seja, a elaboração crítica da história das ciências, ele chama atenção para o objeto da filosofia das ciências dever-se se situar na história das ciências, que além de ser-lhe indissociável, ajudar-nos-ia a discernir os problemas dos conhecimentos científicos já superados daqueles que não estão e que requerem nossa reflexão, e assim "colocando em marcha o processo [do próprio conhecimento] científico" (p, 33). Este autor citando G. Canguilhem afirma que uma epistemologia sem relação com a história das ciências seria uma réplica perfeitamente supérflua da ciência sobre a qual pretenderia discorrer.

Outra característica, é só através da epistemologia que se pode apreender os valores ideológicos dos cientistas, que de uma forma ou de outra podem intervir em suas práticas, ou seja, a epistemologia submete essas práticas a uma reflexão. Outrossim, destaca que a produção do conhecimento, quando objeto de investigação da epistemologia, pode ser estudada sob os pontos de vistas linguístico, ideológico, sociológico, dentre outros, ele deixa bem claro seu caráter interdisciplinar.

Luiz Carlos Bombassaro no seu livro "*As fronteiras da epistemologia: como se produz o conhecimento*" (1992), ao considerar a epistemologia como disciplina filosófica que trata do conhecimento, propõe que a sua definição deverá passar obrigatoriamente por duas categorias que estão sempre presentes quando o assunto é teoria do conhecimento, mas que foram tratadas ao longo tempo como antagônicas, ou seja, alguns filósofos ao considerar uma delas desprezou a outra ou pelo menos a relegou há um segundo plano. Estas duas categorias são: a racionalidade e a historicidade.

O conceito de Racionalidade advém de Racionalismo que é "em geral, a atitude de quem confia nos procedimentos da razão para a determinação de crenças ou de técnicas em determinado campo" (ABBAGNANO, 2007, p. 821). O primeiro filósofo a usar este termo em sua doutrina fora Immanuel Kant no começo do século XIX, na sua chamada filosofia transcendental. Já para o termo historicidade, pode-se destacar a significação mais adequada, visto possuir múltiplas, que é a "doutrina segundo a qual a realidade é história (desenvolvimento, racionalidade e necessidade) e que todo conhecimento é conhecimento histórico" (ABBAGNANO, 2007, p. 508)

Se se quiser uma compreensão madura da epistemologia, diz Bombassaro, deverá esquecer-se tal antagonismo e levar em consideração uma outra leitura, a de que o conhecimento só poderá realmente fazer-se entendido em uma ação conciliatória de tais categorias, e de que "a questão da racionalidade e da historicidade do conhecimento somente poderá ser compreendida com a efetivação deste procedimento" (p, 9). Ao realizar esta análise o autor tenta compreender o que ele chama de os 'limites da

epistemologia', ou seja, uma proposta de superação das visões 'clássicas' das duas categorias apontadas, e isto ele o faz pela tentativa de conjugação das mesmas, daí o título do seu livro no qual ele realiza "um exame da historiografia da epistemologia" (p,18), e assim ele o diz:

> Com isso, somos levados a admitir que a epistemologia é necessária, mas não suficiente para tratar da questão, o que torna premente a necessidade de ultrapassar os limites da epistemologia se quisermos responder de modo satisfatório às nossas expectativas iniciais. (BOMBASSARO, 1992, p. 10).

O bojo da discussão deste autor situa-se numa perspectiva epistemológica mais técnica a qual foge ao escopo do trabalho, porém, preludia as próximas análises. Ressalta-se ainda que as definições de epistemologia apontadas até aqui, serviram como uma introdução a esta matéria, simples porque não foram muito técnicas, mas extremamente úteis ao segundo item onde se passará ao tratamento de algumas ponderações usuais e concernentes a este tema, centradas tanto dentro das linhas teoria do conhecimento como da filosofia da ciência, portanto será realizado um sucinto panorama de algumas abordagens e discussões que sempre se fazem presentes quando se trata de epistemologia.

2.2 QUESTÕES DA TEORIA DO CONHECIMENTO

À epistemologia, como mencionado, interessa questões relativas ao conhecimento, portanto nada mais evidente que os pensadores ajuízem sobre a origem deste. Certo é, que a busca desta origem é lógica e não psicológica, por exemplo. Relativo a esta problemática, duas posições clássicas e antagônicas exerceram e exercem ainda hoje forte influência sobre os filósofos que se detém acerca da teoria do conhecimento.

A primeira é a denominada racionalista e tem como fundador René Descartes, e principais representantes os filósofos Baruch de Espinoza, Gottfried Wilhelm Leibniz e Immanuel Kant (DUTRA, 2010), a segunda, toda uma série de filósofos ingleses e irlandeses dos séculos XVII, XVIII e XIX e se denomina empirista, alguns representantes são: John Locke, George Berkeley, David Hume, dentre outros (PENNA, 2000). Apesar dessa dualidade, ao longo da história, conforme Moser, Mulder e Trout (2004), os filósofos tomaram conjuntamente estas duas correntes de pensamentos numa espécie de combinação. Assinala estes autores que, para os racionalistas, a fonte de todo o conhecimento é a razão não empírica e, por sua vez, para o empirismo a gênese de todo o conhecimento seria a experiência sensorial.

Dos filósofos racionalistas Kant foi o que mais exerceu influência, especialmente com a sua obra *Crítica da razão pura* (1787), conduziu esta corrente de pensamento ao seu ponto máximo, sua importância fora tão grande que é considerado por alguns estudiosos como o maior filósofo de todos os tempos, a este respeito, Dutra (2010) afirma que a epistemologia kantiana resgatou as virtudes tanto do empirismo quanto do racionalismo e descartou seus vícios e que ele fora "a grande figura do período em que a epistemologia surgiu e se consolidou como disciplina filosófica' (p. 121).

O racionalismo possui como elemento central uma abordagem chamada fundacionismo que deriva de Descartes e Kant. Em rápidas palavras, pode ser conceituado como a aceitação de elementos primitivos considerados como verdades autoevidentes e incontestáveis que servirão para, por meio de um método axiomático ou dedutivo, derivar outras verdades para o conhecimento humano (DUTRA, 2010), esses elementos estariam no próprio intelecto humano e não exteriormente. Por sua vez, para o empirismo, do francês *empirisme,* o conhecimento é externo pela experiência e sensação, seu grande argumento é "Nada se encontra no espirito que não tenha, antes, estado nos sentidos" (JAPIASSÚ E MARCONDES, 2001, p. 61).

O empirismo como corrente de pensamento, muito forte na Inglaterra, influenciou no campo político o Utilitarismo de John Stuart Mill e no campo econômico foi muito influenciado pela economia clássica de David Ricardo e Adam Smith (CASTAÑON, 2007). David Hume foi o maior representante do empirismo inglês, lançando, com suas obras *Investigação sobre o entendimento humano* (1777) e *Tratado da Natureza Humana* (1739-1740), as bases de sua argumentação que se assentavam, sobretudo, numa crítica a um enfoque metafísico tradicional sobre o conhecimento e principalmente no pressuposto de que as nossas crenças não são adquiridas por um método de raciocínio dedutivo, mas que são derivadas das experiências sensoriais e com os objetos externos (DUTRA, 2010).

Pode-se realizar ainda uma outra distinção relativa a evolução histórica do conhecimento, e que se origina e se subdivide em três: "... por Parmênides, a postulada por Platão e a que se estrutura a partir da filosofia moderna" (PENNA, 2000, p.35). A que se compõe pela filosofia moderna é a dos filósofos apontados acima e que defendem as posições que se antagonizam.

Acerca dessa concepção histórica de origem do conhecimento derivada dos gregos, há uma distinção pertinente teorizada por Parmênides e incorporada por Platão. Trata-se da diferenciação feita entre saber (episteme) e opinião (doxa), em que o saber é

uma opinião acompanhada por uma fundamentação ou uma explicação, neste caso ‘transformando-se’ em uma opinião verdadeira (BOMBASSARO, 1992). Daí que deriva a conceituação clássica de conhecimento ser uma crença verdadeira e justificada (ZAGZEBSKI, 2008). Logo, surgiria uma dúvida sobre a crença, esta seria verdadeira porque justificada ou justificada porque verdadeira? Uma possível resposta é a apontada por Paul K. Moser no seu ensaio “*Realismo, Objetividade e ceticismo*”, que trata destes três temas relativos a epistemologia, ele afirma que o objetivo dela é “caracterizar, entre outras coisas, a evidencia adequada e a forma pela qual tal evidencia fundamenta crenças qualificando-as como conhecimento” (2008, p. 117).

Um conhecimento do tipo *episteme* é o conhecimento científico e sua significação estaria condicionada à diferenciação que dele se faz frente a outros tipos de conhecimento como o popular e o religioso, e tendo como distinção chave frente a todos os outros a sua exequibilidade, isto é, caracteriza-se por ser real ou factual (LAKATOS, 2011). O conhecimento popular, por sua vez, aproximar-se-ia ao que Platão chamou de doxa.

A preocupação dos filósofos com os tipos de saberes é notória, porém para uma investigação epistemológica, os conhecimentos levados em consideração serão os circunscritos à *episteme*, ou seja, ao saber filosófico e científico. Apesar disso, Lakatos (2011) nos fala que a ciência “não é o único caminho de acesso ao conhecimento ou a verdade” (p.76), e mostra, ainda, que as suas características elementares são a factibilidade, ser contingente, sistemática, verificável, falível e aproximadamente exata. Já Japiassu (1979), distingue dois grandes grupos de saberes, que seriam os especulativos, que não são ciência: o racional (filosofia) e o teológico; dos que não são especulativos, ciências: os conhecimentos da matemática e os conhecimentos empírico e positivista.

No que diz respeito ao vínculo entre ciência e verdade pode-se encontrar pensamento similar em Bouveresse (1978), citado por Penna (2000), quando este resume o pensamento de Karl Popper ao colocar que a posse da verdade não é o atributo da ciência, mas que o predicativo mais adequado a ela é a busca da verdade, e ainda acrescenta-se que isto é o que se pode denominar de *conhecimento-processo* contraposto a *conhecimento-estado*, isto é, processo [ciência] sempre provisório e inacabado, conhecimento no *devir* (JAPIASSU, 1979).

Considera-se agora o conhecimento como ação, passa-se da problemática da origem do conhecimento para o apreender como atividade. Neste caso, toma-se outra classificação, de racionalistas e empiristas para idealistas e realistas. O ponto comum

destes é que concordam que o conhecer é uma atividade, mas divergem quando o que se está perscrutando é como isto acontece, ou como ocorre tal atividade.

O idealismo advém do sentido gnosiológico cujo o significado definitivo fora introduzido por Kant quando afirma que, citado por Abbagnano (2007, p. 607) "é a teoria que declara que os objetos existem fora do espaço ou simplesmente que sua existência é duvidosa e indemonstrável, ou falsa e impossível". Vê-se nesta definição que o objeto de conhecimento é um produto do sujeito, que o produz por si, sem qualquer participação de elemento extrínseco. Já os realistas consideram a plena existência de um objeto externo que age sobre o sujeito e este sobre o objeto na consecução do conhecimento, o objeto opera sobre o sujeito, e vice-versa, tanto pelos sentidos como pela razão. É nessa acepção que Penna (2000) salienta o processo cognitivo, considerado pelos realistas, ao mesmo tempo passivo e ativo.

Castañon (2007) ressalta que o realismo é a crença mais básica de sustentação da atividade cientifica porque pressupõe a existência de um objeto independente da mente humana, que poderá ser investigado, ele o cognomina de *realismo ontológico*, pode-se chama-lo de *realismo puro*, mas em muitos casos ele é chamado de *realismo ingênuo*. Contudo, a partir de Kant, diz o autor, o único realismo defensável filosoficamente seria o *realismo crítico*, que considera além dos elementos extrínsecos e autônomos ao ser cognoscitivo, o processo de expectativa inerente a este próprio ser, e a crítica revelar-se-ia no malogro dessa expectativa. Para esta corrente, o conhecimento condiciona-se tanto às crenças do observador quantos aos objetos externos. Este autor acrescenta que "Esta posição defende que as representações mentais não são idênticas aos objetos que visam, mas são influenciadas por estes uma vez que as expectativas que temos sobre como os objetos comportar-se-ão são muitas vezes frustradas por eles" (p. 20).

Depreende-se que a influência da filosofia kantiana, que realiza exame exaustivo da inteligência humana, conforme Dutra (2010, p. 122), elaborou um verdadeiro modelo do nosso intelecto destacando três capacidades "sensibilidade, o entendimento e a razão - modelo que permite explicar nossa vida intelectiva e ativa".

Destaca-se, ainda, que é derivado do realismo a diferenciação que se faz entre duas formas de conhecer, quando este processa-se pela razão, tem-se o chamado conhecimento racional, quando, ao contrário, o método se realiza pelos sentidos, ter-se-á o conhecimento sensível (BOMBASSARO, 1992; PENNA, 2000). Esta é uma das formas de classificar o conhecimento. Se poderá fazê-lo em uma segunda distinção, refere-se àquela que o classifica em *conhecimento a priori* e *conhecimento a posteriori*, tal

distinção ganhou notoriedade a partir de Kant (BOMBASSARO, 1992). A diferença entre ambos repousa no fundamento de sua evidência, enquanto para o primeiro o fundamento são as intuições intelectuais, para o segundo é a experiência sensorial (GRECO, 2008), pode-se concluir dessa ideia que ambas as significações possuem uma forte carga das correntes filosóficas racionalista e empirista.

O *a priori* apoia-se na noção da existência de elementos irredutíveis da consciência, algo que antecede qualquer experiência sensorial e que até serviria de base para tal conhecimento. O espaço e o tempo seriam duas destas categorias e, a partir destes, produzir-se-iam as experiências (PENNA, 2000). Enquanto para o *posteriori*, literalmente uma expressão latina que quer dizer posterior à experiência, estabelece-se o conhecimento em virtude da experiência, é um conceito simples de se compreender.

Além dessas categorias de conhecimento apontadas, uma tendo como parâmetro a sua origem (o racionalismo e o empirismo), outra considerando o conhecimento como ação (o idealismo e o realismo) e a outra tendo como critério a evidencia do ato do conhecer (o priori e o posteriori), poder-se-ia apontar uma distinta alternativa que se refere à própria possibilidade do conhecimento. Esta divide-se em duas posturas opostas: aquela que considera o conhecimento plenamente possível – a dogmática - e uma diversa que exclui totalmente esta possibilidade – a cética. Quanto ao primeiro grupo, a possibilidade do conhecer "estaria justificada pela profunda aspiração que em todos nós se revela no tocante à sua aquisição" (PENNA 2000, p.30). É a posição do senso comum.

O florescimento do cético, por seu lado, se dá a partir do momento em que se encara a verdade como algo objetivo, diferentemente da relativização da verdade. A consequência é que, como a verdade possui critérios praticamente impossíveis de serem alcançados para a sua constituição, ela se torna algo oposto à relativização que de forma lógica não os possui, ou antes o seu único critério é o da crença estabelecida pela potência do conhecedor (MOSER; MULDER; TROUT, 2004). Afirma Michael Williams (2008) que a epistemologia se tem preocupado fundamentalmente com os problemas céticos, apesar de não serem as únicas preocupações dos teóricos do conhecimento.

O ceticismo é tão importante porque relaciona-se diretamente à questão da verdade, tema central para a epistemologia (PENNA, 2000), e pode assumir duas espécies distintas: quanto ao próprio conhecimento, levado ao seu grau máximo na afirmação de que ninguém conhece nada, e quanto a justificação quando, de modo irrestrito, afirma que ninguém possui justificativa nenhuma para crer em nada (MOSER; MULDER; TROUT, 2004). O conceito de justificação mostra a correlação que se faz entre verdade e ceticismo,

o primeiro é, grosso modo, provar que as crenças de uma pessoa são provavelmente verdadeiras (WILLIAMS, 2008). É neste viés que Descartes é considerado um filosofo cético quando afirma que a epistemologia é a filosofia primeira, contrapondo os conceitos de episteme e doxa, e que se deve antes de tudo duvidar das crenças pré-teóricas, elas têm a vigorosa possibilidade de serem falsas, temos de rejeita-las para construir um corpo de crenças desde o começo, volta-se à corrente do fundacionismo que, neste caso de Descartes, de acordo com Hilary Kornblith (2008) responderia às três questões epistemológica capitais:

1. O que é o conhecimento?
2. Como é possível o conhecimento?
3. O que devemos fazer para alcançar o conhecimento?

Apesar da preocupação epistemológica com o ceticismo, Penna (2000) afirma que o problema máximo da teoria do conhecimento é a verdade, considerada tradicionalmente como a acomodação entre pensamento e realidade, uma acomodação coerente, verdade é coerência:

> Segundo a definição de verdade como coerência, uma afirmação só é verdadeira se guarda uma relação adequada com algum sistema de outras afirmações. Essa relação adequada é chamada coerência. Essa definição de verdade foi apresentada por Espinosa (1632-1677) e Hegel (1770-1831). (MOSER; MULDER; TROUT, 2004, p.77).

Ora, como visto acima, um problema está intrinsecamente ligado ao outro, ou seja, quando se fala de ceticismo inevitavelmente se falará da verdade. Zagzebski (2008) concorda com essa afirmação e ressalta a existência de uma relação sujeito consciente e uma porção da realidade, essa relação dar-se-ia por meio da ação do juízo do sujeito ao desprender uma determinada proposição sobre o exterior, o conhecimento seria um atributo estrito do juízo (PENNA, 2000), e essa ralação caracterizar-se-ia como um ‘estado de crença’. Com a proposição sendo verídica, este estado também o seria. Quando essa relação existe, encontra-se o que se chama de coerência.

2.3 ABORDAGENS DA FILOSOFIA DA CIÊNCIA

Quando se leva em conta as formas de conhecer ou tipos de conhecimento, como alguns os destacados no item anterior, consegue-se perceber que todos relacionam-se mutualmente. É nessa perspectiva que certos autores consideram que quando se fala de epistemologia, houve, em anos mais recente, dois tipos de abordagens neste tipo de investigação. Como elas serão consideradas, em suas conjecturas e pressupostos, de maneira genérica, o termo mais adequado a fazer-se uso é o de tendências, conforme Bombassaro (1992), entretanto, poderemos denomina-las de filosofias. Logo, duas foram as tendências que se sobressaíram na análise da filosofia da ciência: a tendência analítica e a histórica.

Essas duas linhas de investigação possuem pressupostos desiguais e encaram o conhecimento sob perspectivas distintas, porque buscaram tradições antagônicas. Bombassaro (1992) ressalta que suas influências se fizeram sentir com mais força a partir do começo do século XX, mas enquanto a tendência analítica tem suas raízes mergulhadas tanto no positivismo do século XIX de Auguste Comte, que por sua vez remota à Idade Média dos séculos XIII e XIV (PENNA, 2000), quanto na concepção empirista do conhecimento de tradição inglesa, a filosofia histórica 'floresceu' contemporaneamente em meados do século XX como um 'movimento' de contestação à filosofia analítica.

2.3.1 Tendência Analítica

Começa-se o esboço, então, pela tendência analítica. Como dito, esse grupo foi muito influenciado pelo positivismo de Auguste Comte (1798-1857), o qual é considerado o fundador dessa corrente filosófica, mas neste caso na França, pois na Inglaterra o seu representante máximo fora John Stuart Mill (1806-1873). Consoante Bombassaro (1992), as outras influências originaram-se do monismo metodológico de David Hume (1711-1776), do desenvolvimento da lógica e matemática de Bertrand Russell (1872-1970) e também da obra do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) publicada em 1921 sob o título de *Tractatus Logico-Philosophicus.*

A obra de Wittgenstein influenciou sobremaneira a tendência analítica que se afigurou no denominado Círculo de Viena, fundado em 1929 sob a direção do físico e filósofo Moritz Schlick, compunha-se de vários investigadores de múltiplas áreas como filosofia, física e matemática. Afirma Bombassaro (1992, p. 27) que o propósito desse círculo era "a investigação, realização e divulgação da concepção científica do mundo".

Estes pesquisadores buscavam, sobretudo, a reconstrução racional do conhecimento por meio de critérios metodológicos rigorosos e apoiando-se na lógica matemática e da análise filosófica da linguagem e, terminantemente, recusavam-se a conceber a metafísica como um conhecimento digno de atenção além de, como influência do empirismo, conceberem o método indutivo como o único critério de método científico válido.

Este movimento que era chamado de Neopositivismo, Positivismo Lógico e/ou Empirismo Lógico teve entre os seus principais representantes: Moritz Schlick, Rudolf Carnap, Hans Reichenbach e Viktor Kraft. Suas atividades existiram por aproximadamente uma década (BUNGE, 1980) e uma de suas teses principais era a da verificação empírica, isto é, devia-se averiguar e distinguir as proposições que, sob a luz dos critérios citados anteriormente, possuíam significados válidos daquelas que não possuíam, só as significativas eram aceitáveis sob o ponto de vista do conhecimento (PENNA, 2000). Esse era o chamado critério da verificabilidade, que posteriormente veio a sofrer uma dura crítica com o falseacionismo anti-indutivista popperiano, o qual ver-se-á adiante.

Resumindo as suas características: a fixação de um racionalismo por oposição ao irracionalismo, nominalismo epistemológico com a lógica-matemática e filosofia da linguagem, posição antimetafísica, e cientificismo como unidade do conhecimento humano (PENNA, 2000). O epistemólogo Mario Bunge (1980) ao realizar uma crítica a esse movimento fala que com ele começou uma espécie de epistemologia artificial que "em rigor não é epistemologia [...] se fechou em uma problemática pequena que não atraia a atenção dos investigadores científicos" (p. 24). A dissolução desse círculo veio a ocorrer quando a Áustria fora anexada à Alemanha, e afetado diretamente pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.

O círculo de Viena, apesar do seu ideal cientificista, e antes da sua ruptura total, não estava entregue a estagnação, fala Bombassaro (1992) que a epistemologia de Karl Popper, denominada de *racionalismo crítico*, foi a principal responsável por sua auto-renovação. Mas na verdade isto é ponto controverso, pois, apesar deste autor entender Popper como pertencente ao círculo, outros consideram que a sua participação fora tangencial, como Bunge (1980). Concorda-se com Castañon (2007) quando diz que o principal opositor ao movimento neopositivista fora o próprio Popper que diz em sua *Autobiografia Intelectual* (1977), citado por Castañon (2007, p.85):

> Todos sabem, atualmente, que o Positivismo Lógico está morto. Mas poucos se lembram de que há uma questão a se propor aqui – a pergunta 'Quem é o responsável? ', ou antes, 'Quem matou o Positivismo Lógico? ' Receio que eu deva assumir essa responsabilidade" (p. 95-96).

Popper constitui-se no grande crítico do positivismo, pois contestava a precisão do discurso científico apoiado na lógica linguística e também na tese do círculo de que a filosofia seria destituída de significados. Ele inaugura o *racionalismo crítico* em 1934 com sua obra *A lógica da Investigação Científica* (CASTAÑON, 2007).

As suas principais teses eram: a crítica a indução, diz respeito à lógica da investigação que rejeitava totalmente o método indutivo e propugnava como único meio seguro de avaliação das proposições científicas o método lógico dedutivo (BOMBASSARO, 1992), e o critério de demarcação científica, que invalidava a verificabilidade do positivismo lógico e, em lugar deste adotar-se-ia o recurso conhecido como *falseamento* ou *falsificabilidade*[3], ou seja, "Partindo-se de conjecturas, de hipóteses, de teorias, somente as consolidamos quando registramos que elas resistiram a todas as tentativas de refutá-las" (PENNA, 2000, p. 63).

Para Popper o conhecimento científico é uma episteme, mas uma episteme só possuiria esta condição provisoriamente, pois uma episteme seria sempre uma doxa. Esta última tese talvez seja a maior contribuição popperiana para a epistemologia, pois ela apregoa antes de tudo a falibilidade da ciência, ou seja, a ciência não possui garantia de certeza e é carregada de "autocorrigibilidade e auto-aperfeiçoamento contínuo" (CASTAÑON, 2007, p.95).

2.3.2 Tendência Histórica

Delinear-se-á agora sobre a tendência histórica. Como fora dito, as suas manifestações teóricas só vieram a ocorrer em meados do século XX como contraponto à filosofia analítica, primordialmente por verificarem o total desprezo daquela com relação a análises que levassem em consideração uma epistemologia histórica. Tomaram, também como pontos, nos diz Bombassaro (1992), a revalorização da filosofia ontológica e metafísica. De acordo com esse autor, alguns filósofos que representariam esta tendência são: Thomas Kuhn (1922-1996), Paul Feyerabend (1924–1994), Gaston

[3] Em outras palavras, uma teoria só pode considerar-se científica se ela puder ser provada como falsa, se não existir mecanismo lógico, metodológico e ontológico que a empreendam neste sentido ela não será considerada uma teoria científica. Uma teoria nunca é verdadeira, ela somente possui o *status* de verdadeira, até ser substituída por outra, ou ser falseada por outra.

Bachelard (1884 – 1962), Michel Foucault (1926-1984) e Theodor Adorno (1903-1969), dentre outros.

Cada um desses teóricos segue linhas de pesquisas diferenciadas, não há uma unidade em suas análises teóricas, as suas críticas, portanto, são esparsas e independentes umas das outras, o que não diminuíam seus esforços, pois são filósofos de grande influência epistemológica. A denominação de tendência histórica, portanto, é recurso didático. Ressalta-se, contudo, que todos convergem para críticas ao cientificismo e ao abandono de subsídios históricos quando se trata de epistemologia.

Gaston Bachelard, por exemplo, é um filósofo que resiste a classificações (CASTAÑON, 2007). Revelou-se um crítico ferrenho à filosofia neopositivista e referência para outros pensadores como Georges Canguilhem e Michel Foucault. Japiassu (1979) situa este autor entre aqueles que focaram seus estudos nas investigações da história da ciência e suas revoluções, e diz que para a filosofia de Bachelard "uma disciplina que toma o conhecimento científico como objetivo de investigação deve levar em conta a historicidade deste objeto" (p. 71).

Outro teórico que merece destaque é Michel Foucault com a sua *arqueologia das ciências* (1969), que visa a busca das origens das ciências humanas. Para este autor, as ciências humanas fundamentavam-se ora nas ciências empíricas, ora na ciência formal e passando, também, pela reflexão filosófica (JAPIASSU, 1979). Foucault muito afetado em sua concepção de mundo por uma filosofia niilista e relativista, fora influenciado também, pelas teorias marxista e freudiana Castañon (2007), comungando das ideias de que o homem não é um ser autenticamente livre em suas escolhas, mas produto da estrutura econômica de sua sociedade assim como a teoria do inconsciente, o homem da tradição humanista seria uma invenção histórica e, "assim, mais do que a morte de Deus, escreve Foucault em *As palavras e as coisas*, devemos proclamar a morte do Homem" (p. 81, grifo do autor).

Ainda, ressalta-se outro representante da tendência histórica. Paul Feyerabend, é considerado um dos autores mais radicais, isso porque, conforme Bombassaro (1993), no seu entender a história das ciências mostraria que na ciência não existe método ou métodos ou, antes, que o único método que realmente existiu e existe é a ausência de metodologia. Em sua famosa obra *Against Method* publicada em 1975 "nega que exista ou tenha existido um método científico e afirma que o único princípio que não inibe o progresso teórico na ciência é o 'tudo vale' (*anything goes*) " (p. 33).

Mais um teórico digno de nota é Thomas Kuhn, físico de formação migrou para a filosofia das ciências com destaque para história das ciências e estudos de cunho sociológico e de psicologia social dos cientistas com conclusões epistemológicas, que já neste último caso está estreitamente ligada à filosofia das ciências. Com a sua obra *A estrutura das Revoluções científicas* (1962) introduziu conceitos como os de: Ciência normal, Ciência Extraordinária, Paradigmas e Revoluções científicas. O conceito de paradigmas nas próprias palavras de Kuhn: "Considero 'paradigmas' as realizações cientificas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência" (KUHN, 1998, p.13). Quando nos fala sobre a história das ciências com as suas conquistas e processo de acumulação do conhecimento, nos diz que o seu desenvolvimento seria registrado por essa disciplina.

A sua concepção de paradigma destacada acima, resume os seus conceitos chaves apresentados em sua obra. As realizações científicas seriam, ao mesmo tempo, os paradigmas, enquanto não são sucedidas por outras teorias, ciência normal e, quando sucedem outras, ciência extraordinária. A comunidade de praticantes de uma ciência deriva da sua ponderação "Talvez a ciência não se desenvolva pela acumulação de descobertas e invenções individuais" (KUHN, 1998, p.21). Ele aponta-nos que a *ciência normal* só existiria porque parte-se do pressuposto de que essa comunidade "sabe como é o mundo" (p. 24). Não adentraremos nos detalhes de sua obra, pois caso contrário se fugirá do escopo da pesquisa, mas se fará referência a este teórico no decorrer do trabalho.

Por enquanto, em resumo, a título de finalização, nas palavras de Bombassaro (1992, p. 36), à tendência histórica tem-se a revalorização da "metafísica, [...], o abandono da ideia de existência de um método único, a discussão sobre a mudança conceitual e a crítica à tese dos dados dos sentidos, entre outras, indicam as grandes linhas traçadas" pela tendência histórica na epistemologia. Esses foram pressupostos em clara oposição à tendência analítica e o círculo de Viena, sua expressão maior.

3 EPISTEMOLOGIA E TURISMO

3.1 A PROBLEMÁTICA DAS DEFINIÇÕES DE TURISMO

O turismo é um fenômeno econômico e social que foi responsável pela geração de receitas de exportação a nível mundial em extraordinários US $ 1,5 trilhão no ano de 2015, de acordo com a Organização Mundial do Turismo - OMT. Investigar seus conceitos é um diligente trabalho teórico de esforço e investigação no que se descobre, durante o processo, que a escassez consensual é a comumente encontrada.

Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) alertam que muito desta falta de consenso decorre da pouca ou nenhuma existência de concordância sobre como será desenvolvido os estudos deste campo. Indo além do olhar da OMT, este fenômeno poderá ser estudado em variadas abordagens, além da econômica e social enfatizada por essa organização, cita-se algumas com base nos autores acima: abordagem Institucional, histórica, sociológica, jurídica, dentre outras. Aponta-se estes dados, pois, conforme Acerenza (2002), devido ao contínuo crescimento do turismo, aqueles que direta ou indiretamente estão envolvidos com ele, deveriam estudá-lo com mais afinco a fim de desvendar sua natureza e as leis que regem seu progresso, com o propósito de colher "um melhor aproveitamento dos benefícios que indubitavelmente traz" (p. 25).

Conforme a OMT, pode-se destacar alguns outros dados (Barômetro do Turismo Mundial, volume 16, janeiro de 2018) que corroboram o tamanho dessa atividade socioeconômica:

- As chegadas de turistas internacionais cresceram 7% em 2017, atingindo um total de 1.322 milhões;
- Até 2030, a OMT prevê que chegadas de turistas internacionais assomem a 1,8 bilhão (UNWTO Tourism Towards 2030);
- O volume de negócios é igual, ou até supera, o das exportações de petróleo, produtos alimentícios ou automóveis.

Esses são alguns números que atestam, para usar a linguagem estatística, a importância do turismo enquanto atividade impactante para os países. Além de ser um fenômeno mundial, pode ser considerado um fato social, tanto no uso vulgar do termo, como também na definição mais crítica atribuída pelo conceituado sociólogo francês Émile Durkheim no seu ensaio *O que é fato social?* Diz que, "consistem em maneiras de

agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo" (1972, p.2). Ressalva-se, porém, que com esta definição não se está afirmando que o turismo não tenha relação com o 'interno' (psicológico) do ser humano, porque tem, mas torna-se um fato social por ter interesses inseridos na sociedade ao mesmo tempo que seu acontecer é dirigido pelo indivíduo em sociedade e, felizmente, não ser coercitivo, que seria uma outra característica de fato social apontada por Durkheim, mas que é totalmente incabível ao turismo.

Wahab (1988) por sua vez, e em acordo com o observado acima, afirma que o turismo pode ter uma abordagem comportamental, que enfatizaria o seu lado humano, e outra que ressaltaria o lado comunicacional, ou seja, social. Coadunando com isso é que Jost Krippendorf (2001) diz que o lazer quando se tornou uma indústria, colocada à nossa disposição pela sociedade, ofereceu expectativas e desejos que à primeira vista pode-se proclamar como anseios que partem somente de dentro do indivíduo, entretanto, seriam o resultado da associação de fatores tanto interno como externo ao ser humano.

O turismo como um fenômeno social, como um fato social, como atividade econômica, como um movimento espacial de pessoas, como objeto de desejos e expectativas e muitas outras coisas, mostra que uma definição mais uniforme para ele jamais foi tarefa fácil (LICKORISH E JENKINS, 2000; BUTLER E JONES, 2003; WEILER, 2003; MARTÍNEZ, 2005; TRIBE E AIREY, 2008). As controvérsias existem desde os primeiros teóricos que tentaram atribuir-lhe um conceito técnico. Neil Leiper em um artigo de 1979 já ressaltava que foram "poucos os acadêmicos [que] dedicaram muito esforço à questão específica da [sua] definição" (p.392). Butler e Jones (2003) falam na inexistência de concordância nas definições a respeito do termo turismo e classificam esta problemática como uma das que "dominaram o turismo no século que se inicia [século XXI]" (p.309). Dann, Nash e Pearce (1988), citados por Martínez (2005), afirmam que "até o momento, não conhecemos sequer quais elementos combinar a fim de fazer um dimensionamento sensível".

Muita dessa dificuldade deve-se em grande medida à complexidade no seu desenrolar enquanto atividade fenomênica, pois, como Durkheim falou, é exterior ao indivíduo e por isso mesmo acaba envolvendo a sociedade, se não em sua integridade, pelo menos em uma considerável parte. É justamente dessa conjunção de elementos interno e externo da atividade, que nasce sua laboriosa reflexão, e muito disto, pode-se destacar, advém da consideração da 'viagem' e sua complexidade como raiz do turismo. Marc Boyer em seu livro *História do Turismo de Massa* diz que "o turismo foi inventado" (2003, p.19). Sua expressão é carregada de significados, mas depreende-se dela uma nítida singularização entre o que veio antes do turismo de massa e o próprio turismo de

massa, fala que “as primeiras antecipações datam do século 16” (p.19), referindo-se ao que veio antes, e mais explícito: “passou-se de um pequeno número às massas sem revolucionar o conteúdo” (p.31). Krippendorf em sua obra *Sociologia do Turismo* (2001), cita o próprio Gothe, que no século XVIII já ponderava a respeito das implicações psíquicas e sociais que as viagens podiam causar na vida de uma pessoa.

Destaca-se, ainda, que as motivações para as viagens são tão herméticas quanto sua própria significação, “o objetivo da viagem é um problema de definição” (BUTLER E JONES, 2003, p.310) e, por conseguinte, uma definição de turismo, pois também, e é obvio, envolve motivação e, “o próprio viajante é um ser complexo...” (KRIPPENDORF, 2001, p.50).

Essa natureza heteróclita suscitada pelo fenômeno em si, reflete em cheio nas definições propostas e, à vista disto, na produção do saber turístico. Lickorish e Jenkins (2000) concordam com esta ideia quando dizem que isto representa uma séria e contínua dificuldade para os analistas em turismo, eles salientam que “a maioria dos escritores acadêmicos tende a adaptar suas definições para melhor atender aos seus objetivos” (p.10). Ponto aquiescente à Acerenza (2002), que fala em significados diferentes consoante aos que trabalham com ele focarem esta ou aquela área.

Então, parte-se para algumas definições. Moesch, Rejowski e Gastal (2005), citando Fuster (1974), nos dizem que turismo possui procedência no substantivo e verbo latinos *tornus* (torno) e *tornare* (tornear, girar), respectivamente, e que a sua raiz *tour* aparece documentada pela primeira vez em 1760 na Inglaterra. Ainda, que fora em 1810, em Londres, que a palavra *tour* foi usada pela primeira vez como título de uma obra sobre viagens, em *Picturesque Tour Spain* de Henry Swinburne. Estas autoras salientam que os conceitos acerca de turismo são “o resultado de um processo interpretativo teórico” (p.6), e que critérios teoréticos são prescritos em nome das observação e percepção empírica no desvelamento das definições tanto restritas como genéricas, que foram sendo produzidas e compreendendo o fenômeno do turismo como:

> Uma indústria, ora um conjunto de turistas, ora todos os equipamentos de serviços e entretenimento. Também é Turismo o corpo das organizações privada e pública; as campanhas de promoção; a criação de centros de informações; a criação de escolas para o ensino do Turismo, etc., não esquecendo que Turismo são os efeitos positivos e negativos que se produzem junto às comunidades receptoras (MOESCH, REJOWSKI, GASTAL, 2005, p.6).

Antes de avançar na problematização dos conceitos do fenômeno do turismo em si, abre-se um parêntese para mostrar um pouco do seu início. Pode-se ver em Tribe e Airey (2008) que o estudo das ciências sociais sobre o turismo principiou entre anos de 1891, com o estudo intitulado *The Business of Travel* do britânico W.F.Rae, de viagens na Inglaterra vitoriana, e 1920, que é conhecido por ser o início do chamado, convencionalmente, turismo de massa (BOYER, 2003), logo, revelando uma relativa maturidade em sua reflexão. Relativa porquê de acordo com Airey, Dredge e Gross (2015, p. 6), citados por Airey (2016, p.9), foi somente em "meados da década de 1960 que o turismo começou a aparecer mais geralmente no repertório acadêmico do ensino superior". Essa informação é corroborada por Weiler (2003) que nos fala em "explosão da pesquisa de turismo desde o início dos anos de 1960" (p.85), o que mostra neste caso uma preocupação mais séria com os seus estudos.

Muito desse crescimento resultou do desenvolvimento da atividade de maneira contínua, o turismo de massa resume bem esse avanço. De acordo com Airey (2008), os próprios dados da OMT mostram um desembarque de turistas internacionais na ordem de 25 milhões já em 1950, em pleno pós-segunda guerra mundial. Naturalmente que isto foi fator não apenas de preponderante crescimento e desenvolvimento da própria cadeia produtiva da atividade econômica, mas influenciou no aumento do estudo do turismo, na profissionalização e no foco dos problemas dele decorrentes a nível social e ambiental (AIREY, 2008). Esse tipo de exame é particularmente importante na medida em que, com a atividade desenvolvendo-se no seu 'mundo fenomênico', necessária é a sua reflexão teórica, ou como diz Rejowski (2010, p. 225) "Quanto mais rápido e diversificado o desenvolvimento de uma área, maior a necessidade de pesquisas sobre a sua produção científica".

O turismo, pelos dados expostos, é uma das atividades socioeconômicas que maior aumento expressivo apresentou ao longo do tempo (e continua), um crescimento contínuo que vem desde os anos de 1945 (AIREY, 2008). Além disso, o que aumenta não são apenas as conceituações do fenômeno (ECHTNER E JAMAL, 1997), mas, sentidos novos aos significados existentes são estabelecidos, como ressalta Moesch (2002) quando mencionando o espanhol Fernandez Fuster afirma que para ele "com a proliferação de monografias sobre a temática, depois da Segunda Guerra Mundial, houve uma qualificação nas novas conceituações" (p.11). Essa observação é importante devido ao que observa Weiler (2003), quando adverte acerca do risco de haver um excesso de quantidade com uma diminuição de qualidade das publicações especializadas sobre o turismo.

Feitos estes concisos apontamentos a respeito das características e da importância de não encarar o fenômeno turístico de modo simples quando busca-se refletir sobre suas acepções e desdobramentos, passa-se agora a uma exposição mais focalizada em seus conceitos e definições.

Inicia-se com a ponderação de Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002), de que o "turismo é um fenômeno complexo, extremamente difícil de descrever de forma sucinta" (p. 31). Então, inicia-se com a definição destes autores que é, no entanto, clara e objetiva. Eles salientam que qualquer consideração que se faça a respeito de um conceito de turismo, deve-se levar em conta uma abrangência que envolva os 'grupos' que participem desta atividade, que seriam os turistas, as empresas envolvidas, o governo envolvido e a comunidade anfitriã envolvida. E é aí que se encontra a complexidade referida por eles, pois originalmente as definições acadêmicas quando apontadas, o eram por diversos especialistas de diferentes campos de estudos e a propósitos específicos, realçando este ou aquele grupo. Muitas destas abordagens possuíam um viés operacional nas suas análises porque focalizavam um ou dois elementos em detrimento dos outros, segundo os autores "estes estudos não englobavam uma abordagem de sistemas [holística]" (p.24).

O entendimento de turismo para esses autores passa por duas categorias muito nítidas, quais sejam: a atividade turística como fenômeno e os fenômenos derivados dessa atividade. Esta última proviria das relações travadas entre os atores participantes apontados acima, destacam o campo econômico como o melhor exemplo, visto a sua "capacidade de multiplicação de renda [...] turística" (GOELDNER, RITCHIE E MCINTOSH (2002, p.23). Percebe-se que essa ótica valoriza, apesar deles conclamarem um olhar pluridisciplinar sobre a exploração teórica do fenômeno, o lado economicista do turismo. Porém, a sua definição por ser abrangente, deixa inequívoco o discernimento dessa problemática que se refere às suas multidimensões as quais suscitam problemas em diferentes frentes, o que, por conseguinte, levantam múltiplas e heterogêneas respostas. Por esse motivo há tanta dificuldade no desenvolvimento de uma disciplina científica, para eles o desenvolvimento de um campo científico depende de, " (1) definições uniformes, (2) descrição, (3) análise, (4) previsão e (5) controle. " (p.24).

Outro entendimento é o do teórico Salah-Eldin Abdel Wahab que em sua obra *Introdução à Administração do Turismo* de 1988 (2º edição), fala que não se constitui empreitada fácil encontrar uma definição suficiente para a atividade turística, e isto, novamente, assim como nos autores apontados nos parágrafos anteriores, devido as suas diversas facetas que são difíceis de reunir em uma mesma conceituação. Ele diz que provavelmente o primeiro a se inclinar sobre uma significação mais palpável fora o economista austríaco Herman Von Schullard em 1911, que enfatizou duas categorias em

seu conceito: as relações provenientes da atividade turística, principalmente as de natureza econômica, e o movimento das pessoas a nível internacional. Apesar de não ter ressaltado em sua definição os impactos socioculturais, que de modo algum são contingentes, observa-se que o exame que Von Schullard despendeu aos fatores culturais e sociais do turismo existiu em sua definição, fora de algum modo apontado indiretamente, ou deixados para segundo plano, pois ao relevar o fator econômico não excluiu a garantia da presença dos outros.

Wahab salienta ainda que as primeiras definições ordinariamente realçavam os lados econômico, como a do economista belga Edmond Picard, e o estatístico, para medição de fluxo turístico e planejamento da oferta. Este último por meio do enfoque no turista, o sujeito que realiza a viagem característica do turismo, como a do economista inglês Norwal. Para este, o deslocamento se realizaria para um país estrangeiro, com o objetivo de não fazer residência permanente e/ou trabalho temporário por qualquer que seja o motivo e, essencialmente, que gaste no lugar visitado o dinheiro que auferiu no seu local de origem.

A crítica de Wahab é, que estas primeiras definições não compreendiam realmente o ato de fazer turismo. Primeiro, por enfatizar demasiado o lado econômico e, quanto ao enfoque estatístico, definir o sujeito praticante não é o mesmo que definir o fenômeno. Ele propõe em sua obra o que seria "uma nova definição de turismo" (p.26), que englobaria as seguintes característica: Interação entre as pessoas, deslocamento geográfico, a nível nacional e internacional, busca de satisfação fora das atividades remuneradas e, o conceito de indústria do turismo, além de ressaltar que os benefícios originários da atividade turística são verificados na vida econômica, política, cultural e psicossociológica da comunidade receptora do turismo. Entretanto, não nos dá detalhes sobre que benefícios seriam estes, além de emprega-los como algo certo, isto é, que não haveria dúvidas quanto a sua ocorrência. Poder-se-ia questionar ainda: qual comunidade perceberia estes benefícios, a dos visitados ou uma 'comunidade formada pelos visitantes'?

Já para Alberto Sessa (1988), os estudiosos do turismo lidaram com ele de forma muito fragmentada, ignorando áreas que lhe dizem respeito e de especial importância para o seu entendimento. Isto, segundo ele, acarretaria a desconsideração do turismo como um sistema, e porque o turismo "é esse fenômeno complexo [...] por sua própria natureza e difícil de trazer uma sistematização teórica" (p.220), a sua abordagem deve ser empreendida de modo interdisciplinar com a 'ajuda' das várias ciências que o tangenciem. Essas ciências estariam, principalmente, no domínio das sociais, como a economia e a

sociologia, nos seus aspectos socioeconômicos, também a geografia, no seu aspecto espacial e, a psicologia com estudos de cunho behavioristas acerca dos turistas.

Para o autor, tudo se inicia com o turista, na sua partida, antes dela, na sua estadia e no seu retorno, estaria aí, o ponto nuclear de todo o processo, a partir deste ponto as relações começariam a se desenvolver. Sessa, no seu artigo *The Science of Systems for Tourism Development* (1988), com base em Leiper (1979), enfatiza que as inter-relações aconteceriam entre os turistas e as regiões de transito, as regiões visitadas, os serviços e bens adquiridos e a população anfitriã. O próprio Leiper argumenta que a atividade turística em "suas múltiplas facetas exige uma definição holística" (p. 390). E é baseando-se nele, que Alberto Sessa propõe a sua abordagem sistêmica do turismo, que seria o enfoque capaz de compreender de forma mais adequada esse fenômeno multifacetado, porque estaria mais preparada à identificação de suas múltiplas questões norteadoras.

Uma outra contribuição é de Miguel Acerenza, quando reforça que antes de iniciar os estudos do campo do turismo, seria conveniente determinar o que de fato é o turismo. As controvérsias existem, porém, ele destaca que além delas serem apontadas no âmbito disciplinar, isto é, cada disciplina o analisaria conforme o seu ponto de vista e, "que é fácil observar [...]que o conceito de turismo varia notavelmente de uma disciplina a outra" (2002, p.27), os vieses de princípios ideológico e filosófico também far-se-iam presentes nestas discussões.

Vê-se neste último autor um novo enfoque, em comparação com os autores destacados acima, e relevante quanto às influencias sobre os fatores conceituais, ao mesmo tempo que, está de acordo com autores citados anteriormente no que diz respeito a perda de uma visão totalizadora do fenômeno do turismo quando o seu conceito é elaborado de modo genérico e parcial.

Acerenza aponta que uma demarcação quanto ao que realmente é turismo, passaria antes de tudo, pela separação dos aspectos técnicos e dos conceituais. Detêm-se primeiramente nos aspectos conceituais. Dentro destes aspectos o autor destaca duas correntes de pensamentos a que ele designou de perspectivas humanista e de alienação, ambas, segundo ele, baseiam-se nas denominadas *teorias compensatórias*[4].

O pensamento do enfoque humanista tem como representante principal o professor da Universidade de Varsóvia Krzysztof Przeclawaki (ACERENZA, 2002), que vê o lado positivo do turismo e parte da ideia de que ele facilitaria a comunicação e o entendimento entre os povos, o que ajudaria na promoção da paz mundial além de que,

[4] Nas próprias palavras de Acerenza essas teorias fundamentam-se em razão de que, "se uma sociedade pensa que se orienta pelo princípio de mérito, o descanso também será um descanso merecido" (2002, p.27), desse modo o descanso no ócio seria a recompensa pelos esforços fora dele.

desenvolveria a criatividade e liberdade individuais. Para os defensores dessa corrente, de acordo com Acerenza, o turismo ajuda no progresso do conhecimento humano e as regiões geradoras e receptoras aufeririam "vantagens, especialmente de índole cultural" (2002, p.28). Destaca-se, contudo, que Neil Leiper já ressaltava que diversas organizações internacionais, como a ONU, estimulavam, anteriormente à proposição desta corrente, o "crescimento do turismo e o envolvimento governamental por outra razão (que não a do mercado), [por] sua capacidade para contribuir para a paz e o entendimento mundial" (1979, p.391). A OMT no artigo 1º do código global de ética para o turismo aprovado em 1999, nos fala:

> A compreensão e promoção dos valores éticos comuns à humanidade, com uma atitude de tolerância e respeito pela diversidade das crenças religiosas, filosóficas e morais, são a base e a consequência do turismo responsável; as partes interessadas no desenvolvimento do turismo e os próprios turistas devem observar as tradições e práticas sociais e culturais de todos os povos, incluindo os das minorias e dos povos indígenas, e reconhecer seu valor. (UNWTO, 2018, p.4).

Já para a perspectiva de alienação, diz Acerenza, seria o contrário, o turismo, e neste caso a crítica é voltada para o turismo de massa, impediria o progresso humano, destruiria o meio ambiente e deixaria o homem alienado. O turismo massivo para este enfoque, não só manipularia e exploraria as pessoas envolvidas com a atividade turística nos países desenvolvidos, como levariam "todo o mal às sociedades receptoras e nada de bom do que existe nos países desenvolvidos" (2002, p.29). Os que partilham dessas ideias inspiram-se em teorias de cunho marxistas, como a exemplo da Escola de Frankfurt[5].

Para o autor, quando o que se quer destacar são os aspectos conceituais do turismo, leva-se em conta a relação desta atividade com uso do tempo livre e da recreação, e que é imperativo dar-lhe um significado do ponto de vista conceitual com o objetivo de determinar-lhe suas essencialidades e distingui-lo de outras atividades assemelhadas. O tempo livre, então, faria parte de uma classificação, de acordo com Acerenza (2002), o qual englobaria o tempo biológico, o de trabalho e o dedicado às obrigações familiares e sociais.

Já a recreação, este autor a entende como "qualquer tipo de uso que o homem faça de seu tempo livre, sempre que esse uso se realize como uma atividade prazerosa" (2002, p.37). Depreende-se deste conceito que a recreação se insere dentro do tempo livre.

[5] A escola de Frankfurt fora o embrião de um grupo de teóricos europeus pertencentes ao Instituto de pesquisas sociais da Universidade de Frankfurt na primeira metade do século XX, que se dedicou a elaboração de uma teoria crítica à sociedade. De base marxista, também era influenciada pelas filosofias freudiana e nietzschiana (Mogendorff, 2012).

Salienta-se que o turismo é uma forma particular tanto do tempo livre como da recreação, ou seja, ele não dá conta de abarcar todas as suas formas possíveis, antes, insere-se nelas. Esta observação é importante, pois existe uma certa tendência a confundir o estudo do tempo livre ou recreação com o do turismo. O tempo livre e a recreação não são objetos de análise da presente investigação, mas, assim como suscitado por Acerenza, são eixos conceituais de primordial importância à compreensão do turismo, tradicionalmente deixados de lado por muitos autores.

Diferentemente das definições de caráter mais conceitual que abarcam concepções como a de ócio, o turismo quando se encontra sob análises mais técnicas, abrange, principalmente, as que variam conforme às áreas que o estudam, isto é, "como consequência das necessidades específicas de alguma disciplina ou de algum tipo de atividade" (ACERENZA, 2002, p.39). Estes aspectos técnicos são classificados em, de acordo com Acerenza, quatro tipos de definições: para fins estatísticos, para fins comerciais, para fins econômicos e para fins jurídicos.

Destaca-se que as três primeiras categorias indicadas acima, são as mais adotadas quando se conceitua o turismo. Tanto do ponto de vista histórico, o turismo foi primeiramente refletido sob estes enfoques, como pelas influências institucional e comercial. A definição de natureza estatística fora elaborada pela Sociedade das Nações já em 1937, e a de caráter econômico fora idealizada em 1911 por Schullern zu Schattenhofen (ACERENZA, 2002).

A interpretação do turismo para fins comerciais relaciona-se estreitamente com a própria massificação do turismo e a sua cadeia produtiva, ou seja, leva em consideração a denominada *indústria de viagens* na expressão de Acerenza e, *indústria turística* na acepção de Leiper, demostra que noções de turismo de massa e indústria turística estão intimamente relacionadas. Vejamos o que diz Australian Treasury (1977, p. 1212), citado por Leiper (1979, p. 399), acerca da indústria turística:

> A indústria de turismo é definida, não em termos da produção de tipos de mercadorias e serviços, mas em termos das circunstâncias em que esses bens e serviços são consumidos. Assim, a venda de um bem ou serviço em particular a um turista é contado como uma "despesa turística", enquanto a venda do mesmo bem ou serviço a um residente local não o é. Como resultado deste diferente conceito, a indústria do turismo sobrepõe-se a classificação usual de industrias definidas de acordo com a produção de bens e serviços.

Esta noção de indústria de turismo é, inegavelmente, empresarial, sendo adotada por organismos internacionais como é o caso do Governo do Canadá (ACERENZA, 2002). Já o governo do México, para citar outro exemplo, de acordo com Martínez (2005), encara o turismo precipuamente como uma atividade econômica. Observa-se que estas

compreensões enfocam o caráter economicista e institucional do turismo, contudo, os órgãos oficiais que adotam estes tipos de definições, têm ciência da complexidade conceitual da atividade. A própria OMT (1997) afirma, citado por Martínez (2005), que há, ainda um outro agravante, é o que estaria relacionado à imaturidade ou a pouca idade do turismo como área de estudo, e em razão da sua natureza ela afirma que "é muito difícil a definição e a categorização absoluta [do turismo], motivo que explica a presente inexistência de uma descrição universalmente aceita sobre o que é o turismo" (p.110).

Baseado em Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) tem-se alguns órgãos internacionais respeitáveis, dentre outros, que já se debruçaram sobre essas dificuldades:

- Organização das Nações Unidas (ONU)
- Organização mundial do Turismo (OMT)
- A liga das Nações
- Organização para a cooperação e desenvolvimento econômico (OCDE)
- National Tourism Resources Review Commission
- International Association of Scientific Experts in Tourism (AIEST)

Constata-se, até o presente momento, que as dificuldades quanto a um significado mais concludente sobre o que é o turismo, é um quesito que tem sido observado por diversos estudiosos desde o começo do século passado. Em se tratando de uma coesão conceitual, importantes autores concordam que o turismo é um campo de estudos interdisciplinar (LEIPER, 1979; SESSA, 1988; JAFARI, 2005; TRIBE, 2010; TRIBE E LIBURD, 2016), assunto tratado mais adiante. Mas se reconhece que mesmo em se considerando isto, as dificuldades ainda continuaram sendo objetos de análises (BUTLER E JONES, 2003). E como adverte Muñoz de Escalona (1992, p. 7), "Penetrar no campo das definições de turismo é pisar em um terreno controverso e minado de escólios", esta afirmação corrobora a complexidade epistemológica em torno das reflexões teóricas do turismo.

3.2 ABORDAGENS TEÓRICAS DO TURISMO

O turismo, como fora considerado até aqui, além de ser um fenômeno é um fato social (DURKHEIM, 1972) que possui em seu epicentro o próprio indivíduo (JIMÉNEZ GUZMAN, 1986; SESSA, 1988; KRIPPENDORF, 2001). Tal raciocínio faz pensar, de forma lógica, que tanto o seu desenvolvimento fenomênico quanto seu desdobramento teórico, ou seja, a reflexão que se faz deste fenômeno, perpassam, incondicionalmente,

pelo desenvolvimento histórico-social do próprio ser humano, residiria aí a sua complexidade, e talvez por constituir-se no tema mais complexo das ciências sociais (MARUJO, 2013).

Como os seus enfoques são múltiplos, devido as diversas facetas do fenômeno, eles tornam-se variados tanto quanto são as disciplinas científicas que o tomam para estudo, empregando, consequentemente, suas abordagens e metodologias específicas (DANN, NASH E PEARCE, 1988; REJOWSKI, 2002; COLES, HALL E DUVAL, 2006). As abordagens que os teóricos elaboraram, e continuam, do turismo, não são categórica e absolutamente, definitivas e delimitadas, devido, em grande medida, aos pressupostos apontados acima. Elas são levadas a cabo por diferentes autores que abraçam parâmetros diferentes nas suas composições.

As abordagens teóricas que serão destacadas, respectivamente, são as seguintes: Abordagem multidisciplinar e interdisciplinar, historiográfica de investigação teórica sobre o turismo, fenomenológica e hermenêutica. A primeira, sobre a qual nos deteremos, corresponde à problemática disciplinar do turismo, que se refere a fragmentação dos seus estudos sob a perspectiva de diferentes áreas do conhecimento. São abordagens que têm como critérios as disciplinas científicas que servem o turismo com suas reflexões, paradigmas e metodologias, ou em outras palavras, "serão abordagens diferentes para problemas iguais" (PANOSSO NETTO, 2005, p.44), isto é, para o problema de investigação no turismo e, quando isso acontece, temos a abordagem multidisciplinar, conjuntamente trataremos da interdisciplinaridade.

3.2.1 Abordagens Multidisciplinar e Interdisciplinar

Convém esclarecer, de antemão, o que se entende por disciplina, e para isso far-se-á uso de dois autores. O primeiro é Hilton Japiassu (2006) que diz que é "um conjunto específico de conhecimentos com características próprias no campo do ensino, da formação, dos métodos, dos mecanismos e dos materiais" (p.5), segundo esse conceito, a disciplina é uma determinada categoria organizacional do conhecimento científico. Para esse autor, esse recorte do saber científico em geral chama-se monodisciplinar.[6]

Outro conceito concordante com esse é o de Centeno (2003), consoante suas palavras disciplina é, "um conjunto específico de conhecimento suscetível de ser ensinado

[6] Monodisciplinar, esse conceito, de acordo com Japiassu (2006), nada mais é do que uma disciplina isolada das demais com sua linguagem, metodologia e conceitos próprios. Na prática de pesquisa fica 'abaixo' da multidisciplinar, pois é apenas uma disciplina isoladamente analisando um objeto. Resumindo: monodisciplinar é uma disciplina.

e que contém seus próprios antecedentes quanto a pedagogia, procedimento, métodos e áreas de conteúdo" (p.76). Essa fragmentação da reflexão sobre o mundo, segundo este autor, é realizada com vistas a melhor formulação e tratamento dos problemas que se apresentam ao intelecto humano. Para ele, a disciplina deverá possuir seus próprios métodos e objeto de reflexão.

Então, de acordo com Rejowski (2002), as ciências que se interessam pelo turismo são a Economia, a Sociologia, a Psicologia, a Geografia, a Antropologia, o Direito, a História, Ciência Política, dentre outras. Concernente a isso, é que Cohen (1992), citado por Rejowski (2002), diz que por conta dessa integração disciplinar, que o turismo como campo de pesquisa suscitou em torno de si, é que se pode considera-lo como uma estimulante área de estudos. O que, no entanto, alguns autores já reconheceram nisso uma espécie de limitador de uma apreensão teórica mais holística (ECHTNER E JAMAL, 1997).

Panosso Netto (2005), afirma que muitos dos eminentes teóricos do turismo efetuaram suas investigações parcialmente limitados às suas disciplinas, porquanto suas formações científicas realizaram-se em outras áreas e, consciente ou inconscientemente, tendiam a restringir a tarefa investigativa do fenômeno turístico ao seu campo de formação. A fragmentação e falta de visão nos estudos turísticos é apontado criticamente, sob outro contributo ponto de vista, por Korstanje (2015, p.1), ele afirma que essa fragmentação se comporta como um "apetite por capturar mais segmentos de mercado", o que não seria favorável a uma busca consistente nem da sua definição e tampouco da própria pesquisa, mas sim tão somente ao lado pragmático.

Aponta-se, então, algumas disciplinas com suas investigações sobre a atividade turística, lembrando que essas são apenas algumas dentre várias. Outras podem ser citadas, como a Antropologia que tangencia a Sociologia e Psicologia nas suas reflexões sobre o turismo e outras mais especializadas como a História e Ciência Política (REJOWSKI, 2002). Destaca Centeno (2003) que cada disciplina abrangerá uma área da realidade, entre a quais pode-se citar:

- Sociologia: Interessa-se pelas relações sociais as mais diversas que se estabelecem entre os turistas e autóctones, também pelas causas sociais do fenômeno;
- Economia: preocupa-se com os gastos dos turistas realizados no lugar visitado, visto estes possuírem a capacidade de multiplicação de renda tanto na esfera micro, quanto na macroeconomia. Esta última por ser importante na balança econômica de um país;

- Psicologia: estuda as motivações dos turistas quanto ao ato de viajar, seu comportamento individual, muitas dessas investigações são realizadas junto com o marketing com vistas a campanhas promocionais mais eficientes;
- Geografia: que se interessa pelos espaços dinâmico e estático em que o fenômeno turístico acontece e investiga suas mudanças. Estuda-o sob a denominação de geografia turística (REJOWSKI, 2002);
- Matemática: Sob a estatística, usa suas técnicas de medição dos números relacionados ao fenômeno turístico, como a demanda e a oferta, além de realizar estudos de previsões que podem ser úteis ao planejamento turístico.

Cabe aqui fazer um comentário a respeito de uma dessas disciplinas, que é a Economia. É notório que o turismo tem sido considerado uma importante atividade comercial e que o crescimento de sua investigação decorreu, em grande medida, dessa constatação (AIREY, 2008; KORSTANJE, 2009), sobretudo após a segunda guerra mundial, e desde o economista austríaco Von Schullard, com a sua primeira contribuição teórica em 1911, os demais estudiosos começaram a pesquisá-lo por um ponto de vista que não se restringia tão somente ao do mercado. A propósito, nessa linha, de acordo com Muñoz de Escalona (1992), para o próprio Schullard "é certo [...] que se aceite que um conceito [abordagem] de turismo vá mais além do que o meramente econômico" (p.26). Além de que, de acordo com este mesmo autor, Schullard fora um dos teóricos seminais responsáveis por uma tradição epistemológica no turismo, de não o analisar de modo simples, ou com um olhar puramente positivista, mas observando-o criticamente e depreendendo dessa observação a sua complexidade.

Para Jafari e Ritchie (1981), o turismo como centro de estudos teria como disciplinas circundantes as seguintes: Sociologia, Economia, Psicologia, Antropologia, Ciência Política, Geografia, Ecologia, Agricultura, Parques e Recreação, Planejamento Urbano e Regional, Marketing, Direito, Negócios, Transportes, Administração de Hotel e Restaurante e, Educação. Se o tratamento com relação ao turismo for de maneira unilateral, isto é, só se baseando em uma disciplina, e isolado no compartilhamento de seus resultados, se terá o que Japiassu (2006) denominou de abordagem monodisciplinar, ou seja, abordagem de uma disciplina.

Além da abordagem disciplinar que reflete o turismo separadamente (CENTENO, 2003), cabe, juntamente com esta, adicionar a interdisciplinar. O turismo como um campo de estudo multi e interdisciplinar já é ponto de concordância entre vários autores (LEIPER, 1979; SESSA, 1988; ECHTNER E JAMAL, 1997; TRIBE, 1997; REJOWSKI, 2002; CENTENO, 2003; JAFARI, 2005; PANOSSO NETTO, 2005;

TRIBE, 2010; BENCKENDORFF E ZEHRER, 2013; MARUJO, 2013; TRIBE E LIBURD, 2016). Mas, cabe salientar aqui a distinção entre a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, recorremos, neste caso, a uma eficaz diferenciação feita por Marujo (2013, p.9):

> Na pesquisa multidisciplinar, de acordo com Przeclawski (1993), cada uma das disciplinas envolvidas usa os seus próprios conceitos e métodos. Neste caso, e segundo o autor, apenas o tema geral da pesquisa é o mesmo. [...]. Na pesquisa interdisciplinar analisa-se, simultaneamente, um determinado problema a partir de distintas áreas para levar em consideração, ao mesmo tempo, aspectos diferentes do tema.

Na pesquisa multidisciplinar os resultados das análises serão obtidos em separado, porque seus estudos serão feitos de maneira monodisciplinar. Diferentemente, a pesquisa interdisciplinar tende a ser mais unificada devido a concentração e intersecção existentes nas análises de um mesmo objeto.

Centeno (2003), afirma a multidisciplinaridade do turismo, devido a simples justaposição das ciências que o refletem com suas próprias metodologias, sem estabelecerem relações e comunicações entre si. Mas, que, devido ao turismo ser o núcleo de estudo de diversas disciplinas, é exequível relaciona-las "em torno de um objeto de estudo comum para ajustar um corpo de conhecimento interdisciplinar" (P.77). A abordagem interdisciplinar, por sua vez, é considerada por vários autores como uma das mais apropriadas para o estudo do turismo, conforme apontado, então destaca-se alguns e o que eles têm a dizer.

Neil Leiper, em seu clássico artigo *The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry* (1979), já declarava que a melhor forma de compreender esse fenômeno de variados atributos é a holística, mais do que uma abordagem exclusivamente técnica ou econômica, defende uma compreensão interdisciplinar. Acrescenta que o método mais adequado de desenvolvimento dos conceitos para esta abordagem seria a de compreensão por meio da teoria de sistemas. Diz ele que a vantagem deste enfoque está no fato de que "Porque não é enquadrado na terminologia de uma disciplina acadêmica esta definição permite abordagens interdisciplinares e multidisciplinares para o estudo do turismo" (p.394).

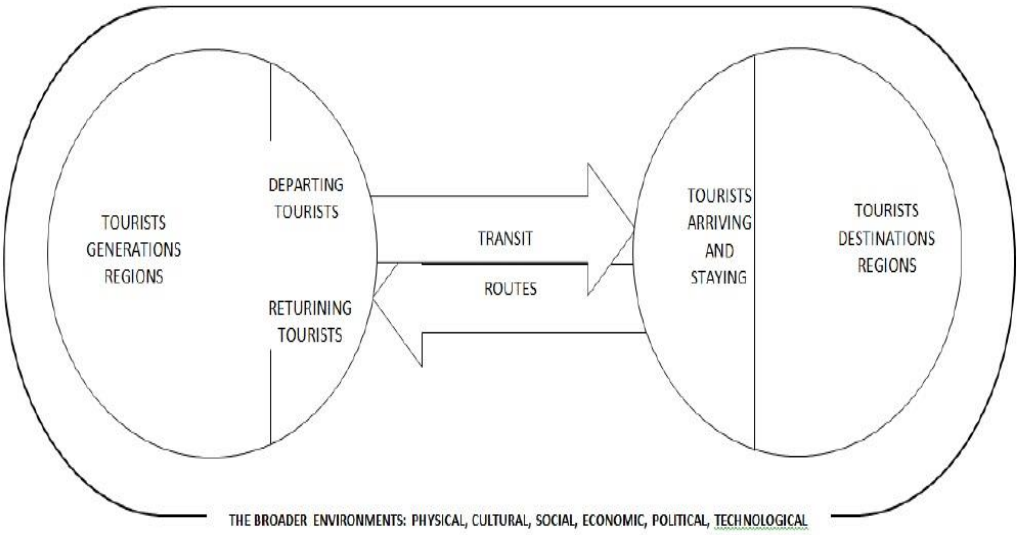
O que se chama de abordagem interdisciplinar para o estudo e pesquisa em turismo, Leiper chama de abordagem sistémica ou holística para a compreensão do turismo como fenômeno, isto é, a sua proposta possui aplicações nas áreas de pesquisa acadêmica, educação, negócios, planejamento turístico, deslocamentos geográficos, as relações sociais, etc. A diferença reside em que a abordagem interdisciplinar seria um dos

elementos da análise do seu Quadro de turismo (*The framework of tourism),* ou seja, da sua proposta de compreensão holística do fenômeno turístico, ou ainda nas suas próprias palavras: "Uma abordagem sistêmica para o estudo do turismo tem aplicações potenciais em várias áreas e em muitos níveis de análises. Na pesquisa acadêmica, pode servir como ponto de referência para estudos gerais e específicos" (1979, p.404, grifo nosso).

A definição de turismo de Leiper considera três componentes essenciais em íntima conexão, dispostos espacial e funcionalmente: o turista, os elementos geográficos (local emissor, região de trânsito e local receptor) e a indústria turística (empresas diversificadas que atendem o turista). Ele observa que com início da massificação do turismo, especialmente a partir da década de 1950, a indústria turística seria o elemento que mais influência exerce sobre a atividade. O seu conceito parte de o turista como ser autônomo para escolher se deslocar, mas esse deslocamento só se caracteriza como turismo se houver pernoite em lugar de não residência e por motivo diverso que não seja a remuneração. Todos os três elementos em conexão formam um sistema que opera "dentro de ambientes mais amplos: físicos, culturais, sociais, econômicos, políticos e tecnológicos com os quais interagem" (p.404).

A figura 1 abaixo representa os três componentes essenciais da proposta sistêmica de Leiper, em suas inter-relações comunicacionais dentro dos ambientes mais amplos que circundam o sistema turístico e com os quais se correlacionam, visto possuir a característica de um sistema aberto. Temos a região geradora de turista, Partida e Retorno dos Turistas, Região de Transito, Chegada e Estadia dos Turistas, Região de Destino e, os ambientes físico, cultural, social, econômico, político e tecnológico.

FIGURA 1. O SISTEMA DE TURISMO DE LEIPER



FONTE: LEIPER (1979, p.404)

Em seu outro artigo *Towards a cohesive curriculum tourism: The case for a distinct discipline* (1981), Leiper trata da Interdisciplinaridade no turismo no campo da educação, como já havia indicado no *The framework of tourism.* O argumento é de crítica à abordagem multidisciplinar que ele chama de ortodoxa e que impediria o progresso tanto educacional quanto da pesquisa científica. Quando há o refinamento dessa abordagem, passa-se para à interdisciplinar, neste caso, heterodoxa. Assim posto, nos fala ele: "quando se emprega, ao longo do tempo, uma abordagem genuinamente interdisciplinar no estudo de algum fenômeno, uma nova disciplina tende a emergir" (p.72). A proposta mesmo deste seu artigo é a de uma nova disciplina, cujo núcleo tenha uma abordagem interdisciplinar, ele chama a emergência dessa nova disciplina de *tourology* (turologia, tradução nossa). O seu artigo apresenta uma sugestão curricular, e oferece como exemplo de caso empírico o *Sydney Technical College*, Austrália.

Coles, Hall e Duval (2006), por sua vez, no artigo *Tourism and Post-Disciplinary Enquiry*, apontam que a reflexão de natureza interdisciplinar é de fundamental importância na definição de referências em termos epistemológicos de produção do conhecimento científico em turismo. Destacam que mesmo havendo o reconhecimento da necessidade deste tipo de estudo e sua notabilidade nas ciências sociais, ainda existem problemáticas em tono dele e que, ainda que os seus proponentes o defendam como prática de produção de conhecimento que, em princípio, ofereceria potenciais notáveis, os seus críticos argumentam que os seus "resultados raramente correspondem às perspectivas" (p.297).

Uma destas problemáticas que os autores acima indicam, encontra-se na própria pratica interdisciplinar, eles argumentam que ela só ocorreria sob um viés instrumental de colaboração, e que ao seu final, os pesquisadores abandonariam este círculo colaborativo, assim nos dizem: "Exterior ao tempo de vida da colaboração, há pouco compromisso com a produção de conhecimento fora de suas disciplinas" (p.303).

Os autores propõem em seu artigo uma abordagem de superação da divisão acadêmica tradicional de multidisciplinaridade, divisão amarrada, segundo eles, por regimes regulatório e institucional. Chamam-na de 'perspectiva pós-disciplinar' (*Post-Disciplinary*), sujeita a menos regulação, mais flexível, e que estaria para além da interdisciplinaridade e "mais focada no problema, baseada em modos mais flexíveis de produção de conhecimento, pluralidade, síntese e sinergia" (p.293). Os autores partem de uma perspectiva flexível de abordagem para o turismo, esta perspectiva reside no reconhecimento do pragmatismo da atividade turística e, também, na necessidade de avanços tanto empírico quanto teórico.

A abordagem proposta por eles não nega as anteriores (pré-disciplinares e disciplinares, nas palavras dos autores), mas antes, declaram-nas como indispensáveis para o reconhecimento da necessidade da abordagem pós-disciplinar acerca de um determinado objeto de estudo, a declaração de sua importância adviria somente depois de realizado um exame crítico das abordagens anteriores.

O argumento que Coles, Hall e Duval usam, reside basicamente na adequação das formulações teóricas às dinâmicas sociais e ambientais, que na contemporaneidade sofrem radicais mudanças que requerem do turismo posições inovadoras consoante a tais variações, por isso, em suas palavras: "existe um espaço epistemológico dentro dos estudos do turismo [...] baseados em uma flexibilidade ainda maior [...] e sinergia, abandonando os grilhões das disciplinas policiamento" (2006, p.312). As disciplinas policiamentos referem-se às regulações institucionais e abordagem multidisciplinar. As questões-desafio lançadas pelas mudanças contemporâneas no turismo estariam na complexidade, desordem, imprevisibilidade e hibridismo das práticas do turismo. A abordagem pós-disciplinar propiciaria tanto uma construção teórica, mas principalmente a formulação e escolha de métodos e problemas de pesquisa.

A perspectiva pós-disciplinar de Coles, Hall e Duval, vai além da multidisciplinaridade, confunde-se com a própria abordagem interdisciplinar. A crítica que os autores fazem a esta última, limita-se tão somente a afirmação de estruturas institucionais existentes que acabariam por enrijecer a própria flexibilidade de produção do conhecimento com base nela, além de que os resultados de propostas interdisciplinares estariam aquém das perspectivas suscitadas quando da sua concepção.

A sua concepção de ‘pós-disciplinar’ é a mesma, por exemplo, de autores do contexto brasileiro quando se referem à interdisciplinaridade, tanto do campo do turismo como Momm e Santos (2010), os quais salientam que o caráter interdisciplinar permitiria um enfoque desde a compreensão da prática turística no seu aspecto econômico e de fenômeno social, até à sua consideração como campo de pesquisa científica; quanto dos que trabalham com a produção do conhecimento de forma geral (contexto epistemológico) como Japiassu (2006), que salienta que apesar da importância do desenvolvimento da abordagem interdisciplinar nas áreas do conhecimento, como no caso presente, o turismo, diz que a sua elaboração é por vezes muito difícil, e que na prática institucional da educação brasileira o que existe, de fato, são encontros multidisciplinares.

Pode-se afirmar que tanto a perspectiva de Leiper (1981) quanto a de Coles, Hall e Duval (2006), inserem-se dentro do contexto panorâmico que afirmou Jafari e Ritchie (1981), de desejo de parte dos pesquisadores científicos em turismo de encarar a “transdisciplinaridade dos estudos turísticos” (p.23), entretanto, “parece estar muito distante uma abordagem transdisciplinar para o turismo” (REJOWSKI, 2002, p.24). A transdisciplinaridade, baseando-nos em Rejowski (2002), se constituiria no modelo ideal de pesquisa com vistas a integralidade dos pesquisadores estarem em um nível acima das pesquisas multidisciplinares e os investigadores abandonarem as subjetividades de suas áreas em prol do objeto de estudo.

Enquanto essa abordagem não chega, os modelos multidisciplinares e interdisciplinares são os mais vistos e adotados pelos estudiosos como os mais adequados, mas nem por isso mais fáceis (REJOWSKI, 2002). A autora mostra ainda que da evolução da abordagem interdisciplinar poderia surgir uma disciplina independente, conforme Leiper (1981) já havia dito e Coles, Hall e Duval (2006) também, com sua ‘perspectiva pós-disciplinar’.

Echtner e Jamal (1997), por seu lado, realizam uma crítica às abordagens multi e interdisciplinar. O fazem quando afirmam a existência de um conflito entre as disciplinas que investigam o turismo, dizem eles que esses conflitos interdisciplinares deveram ser superados se o objetivo for o de construção de uma disciplina autônoma, contudo, não desprezam a noção de que essas primeiras abordagens disciplinares tiveram contribuições valiosas para os debates em torno das questões acerca do turismo, de definições apropriadas, métodos, modelos e de abordagens de pesquisas, além de que, de alguma forma, contribuíram para uma germinação teórica.

Entretanto, mais do que contribuições, uma abordagem interdisciplinar, no olhar destes autores, “poderia ser difícil, talvez até impossível, sem o abandono significativo de restrições paradigmáticas” (p. 877), eles usam restrições paradigmáticas no sentido de

Kuhn e o seu conceito de incomensurabilidade, isto é, haveria uma incapacidade comunicacional entre as disciplinas, esta incapacidade adviria dos seus isolamentos com seus pontos de vistas, métodos e teorias, enfim, "com suas maneiras de ver o mundo e praticar suas ciências" (KUHN, 1998, p.23).

3.2.2 Abordagem Historiográfica da Teoria do Turismo

A historiografia teórica do turismo, como uma abordagem de natureza diversa das que discorremos até aqui, de análise da produção científica do conhecimento, poderá ser encontrada em alguns autores como Jiménez Guzman (1986), Muñoz de Escalona (1992) e Panosso Netto (2005), se demonstrará o pensamento de dois destes autores, um, situado na década de 1990, o espanhol Francisco Muñoz de Escalona, e o outro, o brasileiro Alexandre Panosso Netto, particularmente às suas fases teóricas do turismo de sua obra *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia* de 2005.

É relevante, antes, fazer duas advertências. A primeira, é que estas abordagens se fundamentam na própria acepção de epistemologia enquanto filosofia das ciências, conforme Japiassu (1979). Para este autor, uma teoria das ciências só é epistemologia porque é histórica, a historicidade seria basilar à existência da própria filosofia das ciências como disciplina epistemológica, ele a define por meio da sua função e assim nos diz que o "seu papel é de estudar a gênese e a estrutura dos conhecimentos científicos" (p.38).

A segunda advertência está ligada à própria significação do termo historiografia. Este vocábulo, de acordo com Abbagnano (2007), provém do latim *Historiographia,* cujo sentido original representa "a arte de escrever corretamente a história" (p.509), porém, ultrapassado. Tecnicamente, desmembra-se em dois significados principais e distintos, uma categoria geral e outra específica:

> A) historiografia universal; B) historiografia pluralista. A interpretação do conhecimento histórico como história universal corresponde à interpretação da realidade histórica como mundo. A interpretação dela como história pluralista corresponde à interpretação da realidade histórica como objeto definível ou verificável só através dos instrumentos de pesquisa de que se dispõe.

A segunda categoria é a que interessa, ela se caracteriza pelo reconhecimento da multiplicidade das formas de conhecimento histórico, dos métodos e dos princípios orientadores do pesquisador historiográfico, neste caso, com base nos dois autores do pensamento em turismo. Sempre tendo em vista um objeto de pesquisa delimitado,

diferentemente da primeira categoria, "de sorte que exclui, como desprovidos de sentido, os conceitos de progresso, decadência, etc., entendidos em sentido absoluto" (ABBAGNANO, 2007, p.510). É nessa linha que se encontra a importância de uma teoria da história das ciências à compreensão da produção do conhecimento em uma determinada área (JAPIASSU,1979).

A própria abordagem multi ou interdisciplinar, de que se falou anteriormente, pode ser apreendida sobre uma análise historiográfica de investigação teórica do turismo, em outros termos, um estudo sobre as investigações teóricas que se fizeram sobre o fenômeno do turismo ao longo do tempo, como exemplo de uma constatação deste tipo de estudo, cita-se as investigações acadêmicas do turismo que se iniciaram na Europa sob a influência da geografia e economia (SANTOS, POSSAMAI e MARINHO, 2009).

3.2.2.1 Historiografia teórica em Muñoz de Escalona

O primeiro autor, então, é o espanhol Francisco Muñoz de Escalona, que em sua tese doutoral na área de economia aplicada, cujo título é '*Critica de la economia turistica enfoque de oferta versus enfoque de demanda'* (1992), realiza uma análise do setor produtivo da atividade turística focada no lado da oferta, por meio do desenvolvimento de um modelo de enfoque para estudar a oferta turística. Como o próprio título do seu trabalho sugere, o autor propôs uma crítica as análises econômicas que se faziam da oferta turística até então, as quais segundo ele, eram escassas e confusas e mais voltadas para o marketing, conforme depreende-se desta passagem: "a literatura disponível nela cai com certa frequência na apologia publicitária" (p.5).

No entanto, a fim de preparar a exposição e desenvolvimento desse modelo, o autor efetua, primeiramente, um estudo teórico da evolução histórica do pensamento científico em turismo desde os princípios do século XX. Nos capítulos um e dois de sua tese, que são os que interessam, ele faz um exame detalhado dos primeiros autores e suas contribuições teóricas para a formação da literatura científica em turismo, destacando que essas contribuições se realizaram sob diferentes enfoques disciplinares (geografia, economia, sociologia, etc.). O critério que ele utiliza em sua análise é o temporal ou histórico, no intuito de identificar claramente os estudos canônicos, ou mais influentes, que se faziam no campo científico do turismo, até então. Enfatizando a importância desse critério, é que diz, "um estudo sistemático do turismo não pode prescindir de uma análise histórica" (p.2).

Tanto é assim que os primeiros autores que Muñoz de Escalona faz referência são os que investigam o fenômeno turístico partindo da própria perspectiva histórica de análise, com base nele, cita-se alguns, o economista suíço Ed. Guyer-Freuler (1905), que tratou de documentar a evolução histórica do turismo na idade média, assim como a prática da hospitalidade. Depois, Angelo Mariotii (1933), que ofereceu um esboço das viagens e hospitalidades desde a Grécia e Roma antigas. Outro, o economista britânico A.J. Norval (1936), que destaca a primeira viagem organizada por Thomas Cook em 1841, embrião da primeira agência ou empresa a produzir a atividade turística com fins comerciais.

Muñoz de Escalona, entretanto, realiza uma crítica ao desejo destes autores de situar o turismo em épocas antigas, para ele, as viagens turísticas constituem uma prática relativamente recente. Mencionando o geografo Pierre-P. Defert (1958) ele situa estas viagens como antecedentes das viagens turísticas modernas. Uma das que antecederam seriam as ‘viagens românticas’ realizadas ainda no século XIX por grandes escritores como Montaigne e Rousseau. O turismo constituir-se-ia tão somente uma das muitas formas de viagens, e a história do pensamento científico, seria a história da busca dessa fronteira conceitual entre viagens de um modo geral e o turismo especificamente, este é o principal argumento defendido por Muñoz de Escalona nos seus dois primeiros capítulos.

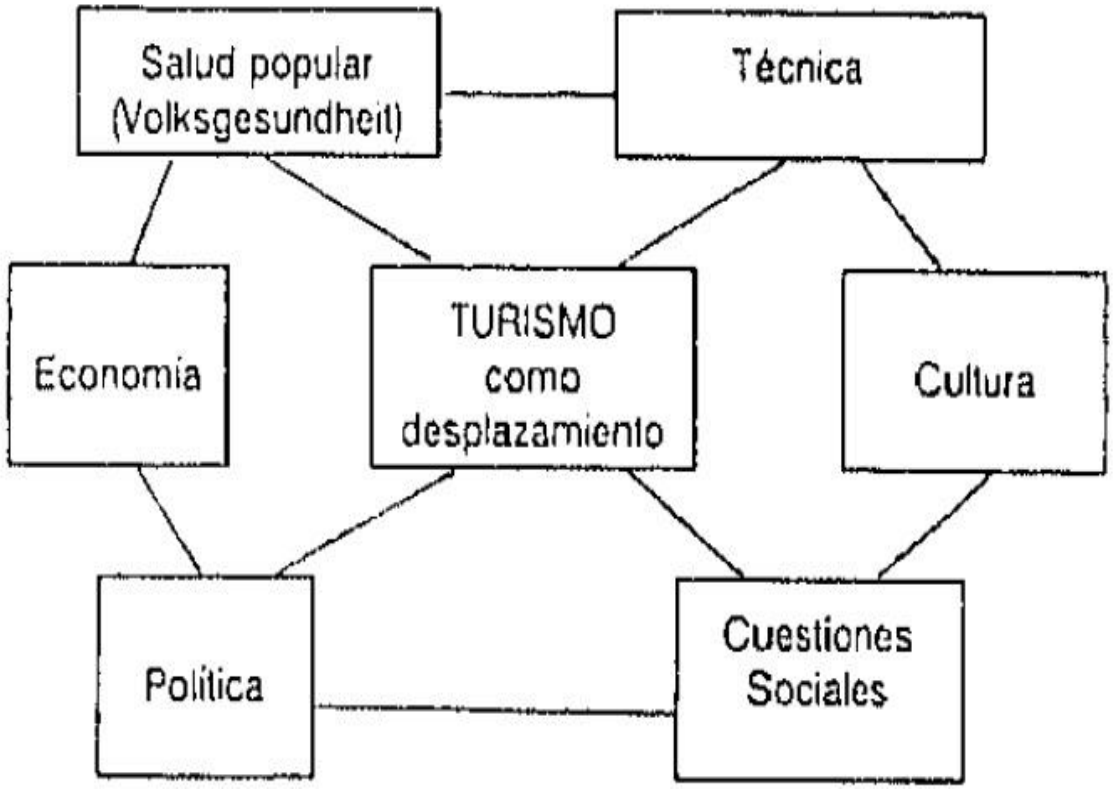
A partir daí o autor passa a expor às primeiras contribuições na busca de uma definição científica para o turismo, como a do suíço Ed. Guyer-Freuler com o seu artigo de 1883 *Amntlicher Bericht über das Schweizer Hotelwesen* (Relatório oficial sobre a indústria hoteleira suíça, tradução nossa), colocando-o como o primeiro texto cientifico de turismo. Para Muñoz de Escalona, este autor conceitua o turismo já em 1905 sob uma concepção científica de cunho sociológico, um fenômeno social originado como modelo concreto da sociedade surgida em função da busca do desenvolvimento de riqueza e, como consequência não planejada da industrialização. Ademais, que os seus estudos causaram, posteriormente, forte influência sobre os economistas, o que se constituiria um dos motivos destes serem os primeiros a se sentirem atraídos pela investigação da atividade turística.

O seu próximo tópico de análise é um estudo do processo de formação dos conceitos clássicos em turismo, estes, iniciados por autores como Kurt Krapf e Walter Hunziker (1954), e o geógrafo iugoslavo Zivadin Jovicic, fundador da revista científica Turismologia em 1972, considerado o pai da turismologia (MUÑOZ DE ESCALONA, 1992), como uma pretendida ciência do turismo, ainda, Alberto Sessa (1968), dentre outros. Muñoz de Escalona realiza, sistematicamente, sua análise de acordo com os

sucessivos surgimentos, cronológicos, das definições, e que estas se caracterizariam, na medida que fossem aparecendo, por três características: por algum grau de originalidade, tendo sempre como norte a distinção entre turista e outro tipo de viajante e, principalmente, o objetivo a que se destinava a conceituação. Destacaremos somente alguns autores. Então, de acordo com o nome do autor/escola de pensamento e/ou o ano da obra examinada, ele analisa:

- Hermann von Schufiern su Schrattenholeti (1911): economista austríaco que com seu artigo *Fremdenverkehr und Volkswirtschaft* (Turismo e Economia, tradução nossa), apresenta os estudos do turismo sob o ponto de vista da economia aplicada.
- Escola de Berlin: O teórico R. Glücksmann (1935), como o representante mais destacado desta escola e que ampliou a perspectiva teórica, fortemente econômica, para as relações antropológicas constituídas no destino.
- Contribuições italianas anteriores a 1940: Nesta, o autor aponta o economista italiano Angelo Mariotii (1933), mas que não trouxe nenhum elemento novo em relação a escola de Berlin.
- Escola britânica: Teóricos como F.W. Ogilvie, autor de *The Tourist Movement*, (1933) e A.J. Norval, autor de *The Tourist lndustry* (1936). Ambas as investigações destes autores possuem enfoques econômico e estatístico.
- Walter Hunziker e Kurt Krapf (1942) com sua obra *Allgemeinen Fremdenverkhrstehre* (Elementos da doutrina geral do turismo, tradução do autor). Para Muñoz de Escalona esses autores exerceram uma influência significativa nos investigadores científico de turismo posteriores, tanto assim, que ele nos diz: “a noção de Hunziker- Krapf, a qual se converteu na noção de turismo por excelência e, com ela, o patrimônio científico a partir do qual os investigadores de turismo se ocuparam posteriormente” (p. 53). Hunziker e Krapf já afirmavam a necessidade do turismo como uma disciplina específica, reconhecendo sua essencialidade no ato de deslocamento e a complexidade do fenômeno devido aos desdobramentos das relações de cunho econômico, político, cultural, etc. conforme a Figura 2 abaixo:

FIGURA 2. O TURISMO E SUAS RELAÇÕES SEGUNDO HUNZIKER E KRAPF



FONTE: MUÑOZ DE ESCALONA (1992, p.39).

- L. Fernández Fuster (1967), autor do manual de turismo intitulado *Teoría y técnica del turismo*, obra de grande influência para os países de língua espanhola, e também dos primeiros estudiosos de turismo no Brasil (PANOSSO NETTO, 2005). Segundo Muñoz de Escalona este autor tem uma compreensão mais universalista da atividade turística, não prestigiando o aspecto econômico em sua definição, refutando o que ele chamou de visão ortodoxa do turismo, que se refere à limitação nas motivações para o turismo enquanto escolha, como diversão, fé, negócios, etc. e, não deixando de salientar os efeitos negativos do fenômeno.
- Alberto Sessa (1968, 1971, 1977, 1978, 1983), economista italiano que realizou uma análise e classificação das definições que até então, (1971), se tinham feito de turismo e turista. Discute em seus trabalhos as questões acerca do denominado 'turismo de negócios', que nesta época era intensamente debatido pelos teóricos. Em seus artigos, também, relata a necessidade de revisão das noções clássicas de turismo. Em 1983 publica uma obra intitulada *Elementi de economía turística*, em que faz uma análise dos elementos econômicos da atividade turística, notadamente "um estudo sistemático do mercado turístico" (p. 84) com ênfase no produto que "não é, em efeito, um produto simples e distinguível, mas um

conjunto de produtos e serviços que pertencem a todos os setores econômicos nacionais" (p.85).

- Muñoz de Escalona cita alguns outros autores, que não cabe aqui destaca-los sob pena de deixar este tópico muito extenso, e também as concepções de organizações institucionais como a da Sociedade das Nações (1936), Organização das Nações Unidas (ONU) 1954 e 1963 e OMT (1975), dentre outras.

Acredita-se que a análise realizada por Muñoz de Escalona sobre a evolução conceitual do turismo desde as primeiras contribuições é valiosa do ponto de vista da historiografia teórica do turismo. Não foi possível aprofundar nas concepções dos autores que ele utiliza em sua tese, caso contrário correr-se-ia o risco de se desviar do planejamento de trabalho, mas destacou-se o nome e a obra de alguns para mostrar a importância que este estudo tem para trabalhos deste escopo, visto este autor realizar uma investigação conceitual do pensamento científico de diferentes teóricos ao longo do tempo, ou seja, um estudo epistemológico, apesar de este não ser o objeto principal de sua tese.

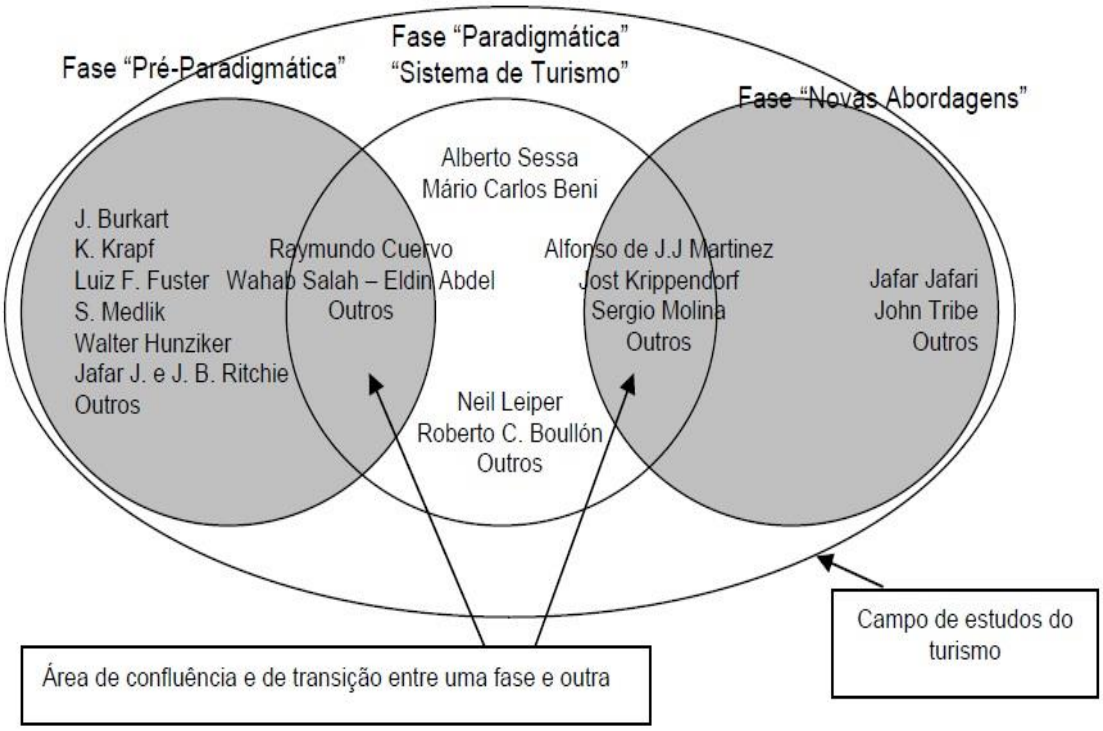
3.2.2.2 Historiografia teórica em Panosso Netto

Passemos agora à análise do professor Alexandre Panosso Netto. Sua obra *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia* (2005) é dividida em duas partes, a primeira trata das considerações epistemológicas à reflexão teórica do turismo, ele a denomina de *teorografia*, e a segunda traz uma aproximação da fenomenologia com um exemplo concreto de uma pesquisa empírica. Esta é a divisão, grosso modo, do seu livro, porém, o capítulo dois é o que interessa neste momento, no qual ele discorre sobre as fases teóricas do turismo, este capítulo se insere na primeira parte.

Panosso Netto instituiu um parâmetro para sua análise e, a partir daí, identificou três grupos básicos de autores que investigaram o fenômeno do turismo por meio da elaboração de teorias. O parâmetro instituído fora com base na teoria de paradigmas de Thomas S. Kuhn, o paradigma que ele considerou e justificou fora o de 'Sistema de Turismo', antes deste, reuniu autores na fase chamada de pré-paradigmática, depois, na de Novas abordagens. Entre uma e outra fase tem-se ainda duas áreas de transições onde estariam teóricos que incorporariam em seus trabalhos elementos de duas fases, da pré-paradigmática e paradigmática e, da paradigmática e de novas abordagens. Na Figura 3

abaixo, visualiza-se as três fases e respectivas áreas de transições com alguns autores agrupados em cada uma delas.

FIGURA 3. FASES TEÓRICAS DO TURISMO COM BASE NA TEORIA DOS PARADIGMAS DE THOMAS KUHN



FONTE: PANOSSO NETTO (2005, p. 46).

Importante salientar que, o agrupamento de um e outro autor em uma destas três fases deu-se estritamente com base no modo como estes explicaram o fenômeno turístico, ou seja, não fora fundamentado numa linha temporal e, muito menos, baseado no próprio autor, mas, sim, em suas teorias, independentemente de serem assemelhadas ou não, o que importou na classificação fora o paradigma de sistema como parâmetro. Contudo, na segunda fase sim, as teorias pertenciam todas, com suas nuanças, ao paradigma de sistemas, os teóricos ali agrupados o tinham (sistema de turismo) como ponto em comum. Exporemos o resumo de cada uma das fases com suas principais características e o nome dos teóricos que Panosso Netto destacou. Novamente, a exposição será sucinta para que o trabalho não fique extenso, mas salienta-se que se intentará apresentar a essência de sua explicação.

A primeira fase reúne teóricos como: Luiz Fernández Fuster, Walter Hunziker, K. Krapf, A.J. Burkart, S. Medlik, Jafar Jafari e Brent Ritchie. Essa fase caracterizou-se,

segundo Panosso Netto, com as primeiras contribuições teóricas de análise do turismo e sobre as quais os estudos do turismo vieram a se desenvolver posteriormente. A justificativa do termo pré-paradigmático estaria no fato de que os estudiosos desta, "não conseguiram criar uma escola de pensamento em torno das propostas teóricas criadas" (p.45), mas ressalta que eram inovadoras para a época em que foram propostas, pode-se citar, como exemplo, as discussões em torno da consideração da cientificidade do turismo.

Na segunda fase reúnem-se autores cujas teorias de explicação do fenômeno turístico fundamentam-se no considerado paradigma de sistema do turismo. Nesta, estão teóricos como: Neil Leiper, Alberto Sessa, Mario Carlos Beni e Roberto Boullón. A análise sistémica do turismo baseia-se na Teoria Geral de Sistema que tem como teórico 'fundador' o biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy.

Destaca-se a conceituação básica de sistema no turismo com base em Beni (2004), o qual destaca que o fenômeno turístico é constituído de vários sistemas em interação simultânea para um determinado objetivo, e ele conceitua sistema da seguinte forma: "conjunto de partes que interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um [...] conjunto de procedimentos[...], logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever [...] o funcionamento de um todo. " (p.23). O turismo considerado como um sistema, é aberto, Beni o denomina de Sistur (Sistema de Turismo), pois o fenômeno em si imbrica-se em distintas realidades humanas e sociais, ou, porque "realiza trocas [o Sistur] com o meio que o circunda" (p.51). Para este autor, e concordando com Leiper (1979, 1981), a Teoria Geral de Sistema aplicada ao turismo promove estudos multidisciplinares e análises interdisciplinares, pois seria uma referência comum às várias perspectivas de estudo do turismo.

De acordo com Panosso Netto, o pioneirismo teórico na utilização da teoria de sistemas no turismo se deu com o mexicano Raymundo Cuervo em 1967 quando ele propôs um modelo de aplicação para o governo do México, mas, que não obteve reconhecimento internacional. Salienta que fora com Leiper que a introdução do conceito de sistema ganhou notoriedade no turismo em seu artigo *The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry* (1979), sobre o qual já nos referimos anteriormente. Outros teóricos foram: Salah-Eldin Abdel Wahab (fase de transição) e Alberto Sessa, este último que, concordando com os autores anteriores, afirmava a necessidade da abordagem sistêmica e estudos multidisciplinares.

Importante que se destaque também os seguintes autores: Alfonso de Jesús Jiménez Martínez, Jost Krippendorf e Sergio Molina, estes, Panosso Netto os situa na

fase de transição entre a paradigmática e a de Novas Abordagens. De transição porque os seus estudos estariam fundamentados na Teoria Geral de Sistemas, mas já apontariam proposta que ele denomina de “mais avançadas” (p.46).

A terceira fase, intitulada de Novas Abordagens, foge ao parâmetro do paradigma de sistemas. Como destacado pelo autor, são teóricos que pesquisaram e propuseram análises do fenômeno turístico fora da abordagem sistêmica. Alguns autores proporiam reformulações do Sistema de Turismo, e outros a ‘recolocação’ do homem no centro das reflexões de turismo. Os dois autores destacados por Panosso Netto são Jafar Jafari e John Tribe. Ambos teriam propostas inovadoras, pois apresentariam modelos de pesquisa em turismo que resgatariam sua complexidade. John Tribe, por exemplo, apresentando o modelo da interdisciplinaridade na investigação turística e o turismo como objeto de estudos de dois campos, um comercial, como a gestão, e outro não comercial, como impactos ambiental e social, discorre-se sobre isto mais adiante.

Salienta-se que o argumento de ‘recolocação do homem no centro de discussões do turismo’, a nosso entendimento, é um tanto confuso, pois, o elemento humano é elemento central das investigações turísticas desde Leiper (1979), conforme constatado no seu *The framework of tourism*, e também Fuster (1967), por meio dos autores citados, como se pode vê-lo acima. A questão que se coloca é, com uma perspectiva diversa da defendida por Krippendorf, por exemplo, que estaria na área de transição da segunda para terceira fases. A análise de Krippendorf, por exemplo, se constitui estritamente sob o viés sociológico da sociedade ocidental pós revolução industrial e suas consequentes dinâmicas material e moral para o indivíduo e as viagens (KRIPPENDORF, 2001), enquanto em Leiper (1979) e, também, Sessa (1988), todos os componentes sistêmicos do turismo teriam o elemento humano como elemento central.

Empreende-se, neste momento, algumas observações à análise de Panosso Netto. O termo que ele utiliza, *fase*, isto é: fase pré-paradigmática, como a primeira, fase paradigmática, como a segunda, e fase Novas abordagens, como a terceira, suscita fragilidade em sua classificação e até dúvidas, pois, por exemplo: Luiz Fernández Fuster com obra de 1970 é de uma fase anterior a Raymundo Cuervo cuja obra é de 1967. E há autor que fora agrupado tanto na primeira, como na terceira fases, como por exemplo, Jafar Jafari. Apesar de Panosso Netto reconhecer alguns pontos frágeis de sua classificação, como a não negação recíproca das teorias entre os autores, e até avanços entre teóricos de fases diferentes, além de alguns não pertencerem a nenhuma das três fases, no que ele incluiu as ‘transições’ entre uma fase e outra, para agrupar estes últimos, mas sempre tendo como parâmetro o sistema de turismo, compreende-se que a instituição

de um paradigma no turismo por si só é o ponto de maior fragilidade de sua teoria, pois é sobre ela que alicerça sua proposta.

Ao apresentar a segunda fase ele justifica o porquê considerar o sistema de turismo como paradigmático nos estudos turísticos: "porque a visão sistémica tem grande difusão, abrangência e utilização nos estudos dessa área e, sem dúvida, até o presente momento, é a teoria que melhor explica a dinâmica do turismo" (2005, p.45-46). Acreditamos, no entanto, concordando com Echtner e Jamal (1997), Ren, Pritchard e Morgan (2010), Korstanje (2013; 2015) e Muñoz de Escalona (2017), que a investigação em turismo não possui, de modo algum, paradigma científico, e que se propostas de discussões forem levantadas neste sentido, está-se a discutir, e deve-se como pré-requisito, a própria problemática do turismo enquanto disciplina científica, assunto sobre o qual se falará mais adiante.

Neste momento recorre-se à algumas definições do próprio Kuhn (1998) para a justificação da posição tomada. Alguns elementos são necessários para entender o conceito de paradigma deste autor: o próprio termo paradigma, ou paradigma compartilhado e comunidade científica, dentre outros, mas destaca-se somente estes agora porque são os que interessam. Ele diz, "Um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade [científica] partilham" (p.219), reforça, ainda, que o que seria partilhado pelos membros da comunidade seria um paradigma ou conjunto de paradigmas. O que seria, afinal, esse paradigma, a definição mais clássica, "as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência" (p. 13, grifo nosso). Neste conceito fica claro, também, o significado de comunidade científica.

Do conceito acima, depreende-se que o requisito para existir um paradigma é a existência de uma ciência totalmente consolidada. O próprio Kuhn reconhece isso quando responde à algumas interpretações que foram feitas a respeito do seu termo paradigma, destaca que a posse de um paradigma é a posse de uma 'matriz disciplinar', ou seja, uma teoria ou conjunto de teorias com seus fundamentos e metodologias bem delimitadas, haveria o seu compartilhamento por uma comunidade científica que se estruturou em virtude desta matriz disciplinar e acrescenta que, o "compromisso grupal [...] [designado como paradigma] constitui essa matriz disciplinar".

Pearce (1993), por sua vez, citado por Echtner e Jamal (1997), fala que os estudos em turismo se encontram em uma posição pré-paradigmática devido a diversidade de abordagens em sua investigação e porque muitos estudiosos não querem

ultrapassar suas fronteiras disciplinares e metodológicas. Seria um preparativo para uma ciência:

> Baseado na perspectiva de filosofia da ciência de Kuhn (1970) em *The Structure of Scientific Revolutions* os estudos do turismo parecem estar em uma pré-ciência ou fase pré-paradigmática [...] A luta para definir conceitos, como turismo e turista, e os debates contínuos sobre metodologia apropriada, [...] melhor exemplificam o estado pré-paradigmático dos estudos turísticos" (ECHTNER E JAMAL, 1997, p.876).

Estes autores dizem que sob a ótica de Kuhn haveria pouco otimismo a considerar no turismo um paradigma, e desenvolvem o mesmo raciocínio que fora feito quanto à matriz disciplinar. Concordam com essa posição Ren, Pritchard e Morgan (2010) ao reconhecerem paradigmas individuais e orientações paradigmáticas diversas nas pesquisas em turismo, também pela justificativa das suas múltiplas abordagens disciplinares.

Korstanje (2015), corrobora dessa visão quando fala que "o paradigma econômico exerce considerável influência na pesquisa que é produzida no campo [de turismo]" (p.4, grifo nosso). Repara-se que o verbo por ele utilizado se encontra no presente, em outras palavras, o turismo enquanto campo de estudos, para este autor, não possui paradigma próprio, mas é influenciado pelo paradigma da ciência econômica. Mas, tem recorrido não somente ao paradigma da ciência econômica e sim de diversas disciplinas (KORSTANJE, 2013). Este autor sugere o modelo conceitual das quatro plataformas de Jafar Jafari, de explicação da evolução do pensamento científico, como o mais aproximado da 'concepção de paradigma no turismo', isto é, cada plataforma, configurar-se-ia um paradigma[7].

Korstanje (2015) define plataforma, nos termos de Jafari, como um espaço constituído por um "corpus de estudos, conceitos e teorias que configuram uma certa atitude em relação ao turismo. Isto é, é seguro dizer que ele [Jafari] dá um tratamento semelhante ao termo paradigma". (KORSTANJE, 2015, p.5, grifo nosso). As plataformas, de acordo com o próprio Jafari (2005), são as seguintes:

- Plataforma de defesa ou apologética, nesta se encontram as reflexões que se detêm acerca das vantagens econômicas e sociais do turismo, a possibilidade de o turismo beneficiar as comunidades receptoras, a

[7] Repare que o termo paradigma é usado não no sentido kuhniano, mas como sinônimo de plataforma de acordo com Jafari (2005).

preservação ambiental e cultural propiciada pelo turismo, ser um auxiliar no entendimento entre as nações, etc.

- Plataforma de advertência, aparecem na medida em que as investigações começaram a questionar as conclusões pouco críticas da plataforma de defesa. Grosso modo, apresenta os efeitos negativos da atividade turística quanto a vários setores, como o ambiental, de mercado, cultural, etc. Esta se apresenta como um polo oposto à plataforma apologética.
- Plataforma de adaptação, são os estudos que propõe uma forma alternativa de fazer o turismo, que tenta adaptar a atividade com formas que beneficiem de fato a comunidade anfitriã, é um balanceamento entre as duas plataformas anteriores.
- Plataforma de conhecimento ou plataforma científica, nesta estariam os estudiosos cujas as reflexões se deteriam nas condições para o desenvolvimento teórico do turismo, geralmente se ocupariam dela os membros da comunidade acadêmica realizando estudos sistemáticos sobre o fenômeno, dentre outras funções, "Seu principal objetivo é a formação de um corpo científico de conhecimento sobre o turismo" (p.43).

Cada uma dessas plataformas indicaria uma determinada posição teórica, e os autores seriam reunidos em um ou outro grupo de acordo com a sua posição investigativa, constituindo-se, assim, mais de um paradigma, os quais foram surgindo em ordem cronológica (Defesa, Advertência, Adaptação e Conhecimento, respectivamente) (JAFARI, 2005). Entende-se que essa posição seria a mais adequada, em comparação a de Panosso Netto, ao turismo enquanto campo investigativo das ciências sociais, por sua maior flexibilidade se comparado às ciências naturais (física, química, biologia, etc.), às quais, inclusive, foram os objetos exemplificativos e de análise de Thomas Kuhn em sua obra.

Já Muñoz de Escalona (2017), nos adverte que não é possível afirmar que o conhecimento científico acumulado até agora sobre o turismo avance de acordo com o método paradigmático de Thomas Kuhn, mas, o mais apropriado seria pela observação, das ferramentas atuais e as a se desenvolverem, do comportamento e efeito do turismo individual e/ou coletivamente. Está claro, portanto, que, à luz das considerações com base em Thomas Kuhn, dos posicionamentos dos autores apresentados e às próprias discussões que foram feitas no decorrer do presente trabalho, o turismo não possui um paradigma no sentido apresentado por Panosso Netto, sentido kuhniano.

3.2.3 Abordagem Fenomenológica

A fenomenologia aplicada ao turismo é uma linha de análise teórica que fundamenta pesquisas de abordagens qualitativas, principalmente de investigações centradas em questões relacionadas com as experiências, existenciais ou não, dos turistas, (COHEN, 1979; ECHTNER E JAMAL, 1997; MOESCH, 2002; PANOSSO NETTO, 2005; SANTOS, POSSAMAI e MARINHO, 2009; PERNECKY E JAMAL, 2010; MARUJO, 2013; PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014; ČOMIĆ E KALMIĆ, 2015; GALVÃO, MARQUES E CASTRO, 2016). Pernecky e Jamal (2010), falam que ela vem gradativamente ocupando espaço no campo de estudos do turismo, apesar de sua aplicação principiar-se somente a partir dos anos 1990 (MOESCH, 2002), tendo em vista que o surgimento da própria fenomenologia também ser recente, primeira metade do século XX (ZILLES, 2007).

Antes de uma aproximação da fenomenologia com o turismo, convém expor acerca dela. O alemão Edmund Husserl (1859-1938) é o fundador desse pensamento filosófico com sua obra *Investigações lógicas* (1990 e 1901, o livro apareceu em duas partes). A sua fenomenologia, que ele chama de pura ou transcendental (ABBAGNANO, 2007), foi um movimento que se irradiou da Europa e influenciou outras escolas de pensamentos, tais como a hermenêutica, o estruturalismo (SOKOLOWSKI, 2004) e o realismo (ABBAGNANO, 2007). Para Husserl (2008) a fenomenologia designa, antes de tudo, um método e uma atitude intelectuais, uma atitude e um método intelectual filosóficos.

Sokolowski (2004) diz que o tema central da fenomenologia é conceito de intencionalidade, isto é, a consideração de que a consciência sempre se dirige à um objeto. Zilles (2007), nos fala que a intencionalidade é o fundamento constitutivo da própria fenomenologia husserliana.

> A doutrina nuclear em fenomenologia é o ensinamento de que cada ato de consciência que nós realizamos, cada experiência que nós temos, é intencional: é essencialmente ‘consciência de’ ou uma ‘experiência de’ algo ou de outrem. Toda a nossa consciência está direcionada a objetos. Cada intenção tem seu objeto intencionado. (SOKOLOWSKI, 2004, p.17).

É justamente nestes termos que Abbagnano (2007) caracteriza o resultado aceito pelos filósofos e pensadores contemporâneos sobre as investigações em Husserl, o caráter da intencionalidade da consciência, ou seja, ela seria um movimento de transcendência

em direção ao objeto. O ato de consciência que visa um objeto sob determinada perspectiva denomina-se *noese*, enquanto *noema* seria o conteúdo e significado do objeto visado pela consciência (ZILLES, 2007). O diferencial da fenomenologia, salienta Sokolowski (2004), situa-se no fato de que ela reconheceria a realidade e a verdade dos fenômenos pelo modo como elas se manifestam a si mesmas perante à consciência do homem, e a existência das coisas seriam as suas próprias manifestações aparentes, o aparecer constituir-se-ia na realidade e não existiria mera aparência, "as coisas que tinham sido declaradas ser meramente psicológicas são agora declaradas ontológicas, parte do ser das coisas" (p.24)[8].

É precisamente toda manifestação à consciência que se denomina fenômeno, e o papel da fenomenologia é tão somente a descrição rigorosa da estrutura específica do fenômeno para que se alcance sua essência[9], isto seria realizado da seguinte forma: o mundo da modo como é conhecido, isto é, as atitudes perante ele desprovidas de senso crítico, as posturas vulgares em no cotidiano, haveria de ser posto entre parênteses para que se prosseguisse à visão da essência, ou redução eidética do fenômeno, além de que a redução tem por finalidade a superação da barreira sujeito/objeto (MARTINS, BOEMER E FERRAZ, 1990; SOKOLOWSKI, 2004; ZILLES, 2007). O próprio Husserl (2008) salienta que "a fenomenologia é a doutrina universal das essências" (p.22). E pode-se compreende-la da seguinte forma:

> O estar dado das coisas [sua existência] é exibir-se (ser representadas) [suas manifestações aparentes] de tal e tal modo em tais fenômenos. E aí as coisas não existem para si mesmas e enviam para dentro da consciência os seus representantes [...] e as coisas são e estão dadas em si mesmas no fenômeno"[sua essência] (HUSSERL, 2008, pp. 32-33).

Duas características importantes da fenomenologia é que, como a sua preocupação é a descrição dos fenômenos e não sua explicação, ela não se preocupará com as relações de causa e efeito, e a outra, derivada do conceito de intencionalidade, é a negação da independência do sujeito e do mundo como sendo puros ou livres um do

[8] É interessante que se veja a similaridades destas conceituações em torno da fenomenologia com o que discutimos no tópico de 'Discursões da Teoria do Conhecimento', relativamente aos tipos de conhecimentos quanto às suas origens, formas de agir, apreensões, etc. O que mostra que a própria fenomenologia husserliana é carregada de características daqueles tipos de conhecimento, especialmente influência kantiana e, é uma proposta, isto é, é uma proposta de teoria de conhecimento.

[9] O elemento que vai muito além da dimensão de fato (causas exteriores de um fenômeno), que permite identificar o objeto, o ser e as suas manifestações enquanto fenômenos e caracterizando-se por transcender a dimensão espaço-temporal. A busca da identificação do fenômeno é a própria busca da identificação da essência deste fenômeno (MARTINS, BOEMER E FERRAZ, 1990; SOKOLOWSKI, 2004; ZILLES, 2007).

outro, isto é, o conhecimento só poderá ser alcançado por meio do próprio existir do investigador (MARTINS, BOEMER E FERRAZ, 1990). Assim tem-se que, o objeto, enquanto objeto investigado em sua essência, e a consciência, a apreensão consciente do investigador (intencionalidade), se definem mutualmente, fora disso não haveria nem consciência e nem objeto.

Martins, Boemer e Ferraz (1990), destacam que a utilização do método fenomenológico na pesquisa é uma trajetória em busca da essência de um fenômeno, aquilo que se manifesta por si através do sujeito da experiência de uma situação, interroga-se o fenômeno e não se procura a solução de um problema, foca-se um fenômeno, não um fato, na trajetória de investigação fenomenológica "não há teorias ou uma teoria para o pesquisador; é certo que a teoria está presente, mas o que [se] precisa evitar é que ela influencie o seu interrogar porque se isto ocorrer já terá obtido respostas" (p.144). Como interroga-se o fenômeno, interrogar-se-á o sujeito que faz parte dele, isto quer dizer que a subjetividade será primordial, e a apreensão dela ocorrerá pela descrição por parte dos sujeitos, que estão sendo sujeitos da pesquisa, de suas próprias experiência, surge assim múltiplas possibilidades de perspectivas fenomênicas.

A abordagem fenomenológica é importante devido sua preocupação centrar-se nos estudos da experiência vivida, experiências humana e social, nas pesquisas em turismo pode-se empregá-la na compreensão das experiências e 'existências' vividas pelos turistas, hóspedes, os anfitriões em contato com os turistas, prestadores de serviços, etc. (PERNECKY E JAMAL, 2010; PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014). Holden (2005), afirma que a fenomenologia é uma abordagem sociológica alternativa de compreensão do mundo, e que a aplicação no turismo, considerando este do ponto de vista da ação social, seria a tentativa de compreensão desta ação como um comportamento significativo, e para compreendê-la "é necessário que entremos na mente do turista" (p. 43). Já Moesch (2002), salienta que a fenomenologia sugere que o pesquisador assuma uma "posição teórica recuada, para observar e refletir sobre o mundo, o cotidiano, para que possa readmirar, ou voltar a ver, as experiências que antes admitia sem maiores reflexões" (p.29), essa é a redução fenomenológica de Husserl.

A abordagem fenomenológica seria contrária às correntes estruturalista e funcionalista derivadas das teorias positivista e neopositivista (MOESCH, 2002; HOLDEN, 2005; PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014). É nestes termos que se aponta uma outra razão à relevância de seu emprego, a que diz respeito à insuficiência na compreensão do fenômeno turístico por parte das abordagens tradicionais (multi, interdisciplinar e holística), principalmente quando a referência é o elemento

humano (PANOSSO NETTO, 2005). Čomić e Kalmić (2015), corroboram que as teorias científicas existentes são insuficientes para iluminar toda a complexidade do fenômeno turístico, tornando necessário deter-se nas experiências dos turistas, "Os turistas devem falar por si mesmos sobre suas próprias experiências. Portanto, o método psicológico mais conveniente é o fenomenológico (que é próximo da 'psicologia filosófica') " (p. 59).

Por ser um método novo de abordagem no turismo, pode trazer novos tratamentos para este campo de estudo (PANOSSO NETTO, 2005). A aplicação do método fenomenológico no turismo torna possível, também, estabelecer a sua essência, e esta seria "constituída por um fator invariável, que permanece idêntico no curso de variações livres (experiências turísticas deferentes) " (ČOMIĆ E KALMIĆ, 2015, p. 61). Contudo, conforme salientam Pernecky e Jamal (2010), este potencial fenomenológico de compreensão das experiências turísticas ainda permanece em grande parte inexplorado.

Erik Cohen possui um dos trabalhos pioneiros no campo do turismo de análise fenomenológica às experiências turísticas, no seu *A phenomenology of tourist experience* (1979), ele afirma que os estudos que tratam das experiências turísticas a veem sob pontos de vistas extremos, por um lado considerando-as como essencialmente superficiais e por outro, como uma busca séria de autenticidade. Segundo o autor, nenhum destes pontos de vistas são universalmente válidos.

Analisando os diferentes significados e valores culturais, sociais e ambientais que interferem nas viagens turísticas individuais, quando estas são realizadas em busca do 'centro', ele desenvolve cinco tipologias de experiências fenomenológicas das experiências turísticas. O conceito sociológico de 'centro' deriva da sociologia da religião que analisa as peregrinações religiosas dos fies à sua zona sagrada ou absoluta (COHEN, 1979). Importante salientar que este 'centro' não é necessariamente geográfico, e no turismo a adaptação deste conceito feito por Cohen expressa um centro espiritual e cultural que para o turista simboliza significados finais.

O 'centro' seria, portanto, um local que se constitui num significado para o turista, esse significado estaria de alguma forma relacionado aos valores morais destes turistas. Este não é um conceito absoluto, o que significa dizer que nem todo turista sairia em busca de um centro, mas em busca do 'centro' de outras pessoas ou não buscaria 'centro' algum, por exemplo, além de que envolve conceitos como o de centro de um grupo social e de uma sociedade, circunscritos ou não nos seus limites, centro alienante,

etc. É por isso que o conceito de ‘centro’ não é tão simples, ele pode ter seus significados alterados consoantes ao próprio sujeito:

> a) alguns podem ser completamente alienados para não procurar nenhum centro, isto é, não procurar locus de significado; (b) alguns, conscientes do que para eles parece uma perda irrecuperável, procuram experiências autênticas indiretas em outros centros, [...] (c) alguns, particularmente aqueles que Kavolis (1970) descreveu como "pós-modernos", geralmente possuem: a personalidade descentralizada, esquivam-se entre diferentes centros,[...]; d) finalmente, alguns podem achar que o seu centro espiritual está em outro lugar, em outra sociedade ou cultura...(COHEN, 1979, p. 181).

Os cinco principais modos de experiência turísticas distinguidos pelo autor são os seguintes:

1) Modo de recreação, tipicamente circunscrita à análise estrutural-funcionalista, a viagem é uma experiência recreativa;

2) Modo diversivo, é aquele que em que há uma mera fuga do tédio e da rotina sem sentido, da existência cotidiana, para o esquecimento dela por um período de férias, para ‘recarregar as energias’, acalmar o espírito, etc., este é desprovido do significado de um ‘centro’, um prazer sem um sentido mais concreto;

3) Modo experiencial, a busca renovada por significado fora dos limites de uma única sociedade, o turista busca experiências em outras sociedades, mas de forma generalizada e sem busca significativa;

4) Modo experimental, este modo de experiência turística é um dos aspectos das pessoas que não aderem mais ao centro espiritual de sua própria sociedade, mas engajam-se na busca de alternativas diferentes em busca de um significado alternativo, particular ou espiritual;

5) Modo existencial, caracteriza o viajante que está comprometido com um centro espiritual elegido por ele, e que é externo a sua cultura nativa. Este viajante estaria em busca de um centro espiritual, é um tipo de turismo totalmente particular, o autor cita um exemplo: “a pessoa que encontra em sua visita a um kibutz israelense uma plena realização de sua busca pela comunhão humana” (p.189).

Estas cinco tipologias referidas substituiriam, abrangeriam e reconciliariam as duas classificações opostas de experiência turísticas mais vulgarizadas, aquela que vê o turismo como essencialmente superficial, uma extensão de um mundo alienado, e outra que o vê como uma busca séria de autenticidade, um esforço de escape deste mundo

alienado, a sua proposta de reflexão encara a experiência turística como indo do mero prazer à busca de significados mais profundos característicos da esfera do lazer à esfera da religião, respectivamente.

Concorda-se com Cohen quando este diz que a sua proposta abre caminho para estudos mais sistemáticos nas investigações fenomenológicos de experiências turísticas, mas não esgota as infinitas possibilidades de análises das diferenças das experiências turísticas. Apesar de que na sua classificação, o modo recreação e diversivo, assim como o modo experiencial e experimental, respectivamente, suscitam dúvidas por confundirem-se em alguns pontos.

A fenomenologia aplicada ao turismo assume importante papel de possibilidade de criação de uma teoria neste campo de estudos, conforme vários autores: MOESCH, (2002), PANOSSO NETTO (2005), PERNECKY E JAMAL (2010), GALVÃO, MARQUES E CASTRO (2016), mas não é isenta de críticas.

Segundo Moesch (2002), a fenomenologia, junto com o funcionalismo, seriam as duas teorias cujas aplicações mais aproximar-se-iam de uma análise teórica do turismo, contudo, sob seu ponto de vista ambas seriam insuficientes para dar conta do fenômeno. Já Holden (2005) aponta que as críticas dizem respeito ao pouco rigor científico e subsequente subjetivismos nas interpretações investigativas. Este autor concorda com Moesch quando diz que nem o paradigma sociológico do funcionalismo nem o da fenomenologia forneceriam teorias definitivas para a compreensão o turismo.

Pernecky e Jamal (2010) por seu lado, consideram que a pesquisa fenomenológica no turismo enfrenta dois grandes desafios: em primeiro lugar está o fato de ser largamente desconhecida, e os poucos estudos que empregam esta investigação carecerem de uma clara orientação metodológica, em segundo, o próprio fato de ser altamente complexa e exigir do pesquisador conhecimentos de bases filosóficas particulares. Estes autores observam, por exemplo, que o estudo das tipologias das experiências turísticas de Erik Cohen não fornece justificativas teóricas mais concretas, estudos neste sentido, deveriam embasar-se em teorias como as existencialistas de Martin Heidegger ou hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, por exemplo.

No brasil, o professor Alexandre Panosso Netto é referência em proposta de pesquisa fenomenológica. Ele realizou uma investigação seguindo este método com a aplicação de quinze entrevistas aprofundadas, e lançando mão da análise dos dados por meio do método hermenêutico: transcrição, seleção das características invariantes e, verificação da essência, isto é, "procurando chegar ao significado primeiro do que cada um [turistas entrevistados] quis dizer com sua resposta" (PANOSSO NETTO, 2005, p.118). Este estudo está descrito no seu livro *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*

(2005). No entender deste autor, estudos de natureza fenomenológica "reestabelecem o ser humano como sujeito principal do fenômeno turístico" (p.135).

3.2.4 Abordagem hermenêutica

A hermenêutica, diferentemente da fenomenologia, é um dos saberes mais antigos da humanidade, que remota à filosofia de Aristóteles há cerca de dois milénios e meio (CONDE GAXIOLA, 2008). É o método de abordagem científica cujo objetivo é a interpretação de textos, e estes podem ser os mais diversos[10]: escrito, como um texto científico ou um poema; falado, como uma peça teatral; sonoro, como uma peça musical; visual, como uma pintura, etc. (BEUCHOT, 2008; PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014). Conde Gaxiola (2010) diz que a hermenêutica tem a pretensão de interpretar o texto em seu contexto, e que o "homem é um animal simbólico que busca a intencionalidade, o significado e o sentido das coisas" (p.155), ou seja, a interpretação.

Beuchot (2010), fala que a hermenêutica "é ciência e arte. Também é crítica" (p.105), e que ela possui uma peculiar característica, que se refere à exigência para que os textos sejam objetos de análise hermenêutica, é que os mesmos não tenham unicamente um único sentido, isto é, deveram apresentar-se polissêmicos, "isso tornou a hermenêutica, por toda uma tradição, associada à sutileza" (BEUCHOT, 2008, p.34). Ainda, de acordo com este autor, ela não seria uma ciência puramente teórica, mas uma teoria e uma prática mistas, em outros termos, pura e aplicada.

Conforme o autor, na interpretação, ter-se-á três elementos: 1) O texto, com o significado que encerra e transmite; 2) O autor; e o 3) Intérprete, em que se faz presente o código e o contexto. O leitor, que é o intérprete, terá que decifrar, então, o conteúdo significativo que o autor deu ao texto, e colocar esse texto em seu contexto para que adquira sentido, e além disso, sem perder a consciência de que ele (o leitor ou intérprete) também emprega algum significado ou nuance subjetiva em sua interpretação. A hermenêutica é dividida em três classes formais (Beuchot, 2008, p.37):

[10] Na verdade, salienta-se que quando os autores referenciados (BEUCHOT, 2010, p.105; PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014, p.132) utilizam o vocábulo 'texto', suscitam dúvida, o termo mais adequado, a nosso ver, seria mensagem, pois a mensagem sim, pode ser verbal e não verbal na medida em que promove o contato de interlocutores mediata ou imediatamente (AGUIAR, 2004). Já o vocábulo texto, possui sua acepção estritamente atrelada a algo escrito que sempre utiliza um conjunto de palavras ou frases (FERREIRA, 2004), seria o texto escrito e falado, neste caso, mas não englobaria uma pintura de Pablo Picasso ou uma sonata de Bach, por exemplo. Uma pintura pode ter uma linguagem visual (não verbal), mas ela em absoluto não é um texto, pois este, quem compõe é o seu apreciador, dando um significado geral e/ou particular ao significante em questão.

i. A intransitiva, ou meramente cognitiva, como as interpretações filológica e historiográfica, cujo propósito é entender o texto em si mesmo;
ii. A transitiva ou representativa, como as dos textos teatral e o musical, cuja finalidade é fazer com que as pessoas entendam;
iii. A normativa ou dogmática, como a dos textos legal e o teológico, cuja finalidade é a regulação da ação.

Este autor distingue, teoricamente, dois tipos de hermenêutica, condicionadas à interpretação textual conforme a ênfase incida no primeiro ou segundo elementos apontados acima. A primeira, quando o autor do texto é o privilegiado, recai-se na chamada interpretação *unívoca*, ou seja, busca-se uma objetividade demasiada, uma certeza interpretativa que não existe de fato, porquanto a intenção total do autor escapa na medida em que, "nós só podemos começar a recuperar a sua intenção geral, em grande medida reconstruído por nós, muito hipotética" (BEUCHOT, 2010, p.106).

A segunda, quando o privilégio é descomedido no leitor, neste caso vai-se a uma extremidade oposta, ou seja, acabará adentrando-se em uma interpretação subjetivista com a possível consequência de um ceticismo extremado, como se não estivéssemos preocupados com o que o autor quis dizer, esta é a hermenêutica *equivocada*, "que só vê equívoco e ambiguidade na interpretação" (BEUCHOT, 2010, p. 106).

Com efeito, entre um e outro desses estilos de interpretação hermenêuticos o autor propõe a denominada hermenêutica *analógica*, a qual constitui-se em:

> Tenta fazer justiça ao autor, [ao] esforça-se ao máximo para resgatar sua intencionalidade, consciente de que nunca pode ser plenamente conhecida; e, também, dar lugar ao leitor, porque o texto foi recebido em uma circunstância diferente, às vezes com uma longa distância histórica, e tem que se adaptar à situação atual. (BEUCHOT, 2010, p. 106).

Com essa proposta o autor critica tanto as interpretações unívocas da lógica formal oriundas da modernidade, quanto as interpretações equívocas do relativismo extremado oriundas da pós-modernidade[11], a analógica se coloca em um meio termo, como uma mediadora entre essas duas interpretações, evitando os extremos e conduzindo ao equilíbrio (BEUCHOT, 2010).

[11] Com base em Urry (2001), o termo faz referência a esfera cultural da sociedade, como a ocidental, e que envolve um conjunto idiossincrático de relações entre significantes, significados e referentes culturais desta sociedade. Para Lash (1990, p.11) citado por Urry (p.119) envolve "um regime de significação, cujo traço estruturante fundamental é a desdiferenciação". A modernidade seria um processo em que as várias esferas culturais estariam diferenciadas, seus desenvolvimentos circunscritos institucional e normativamente, na pós-modernidade haveria a desdiferenciação destas por meio das dissoluções das fronteiras.

Conde Gaxiola é o autor que realiza a aproximação da abordagem hermenêutica com o turismo. Em artigo intitulado *¿Es posible una teoría hermenéutica dialéctica en el estudio del turismo?* (2008), oferece ao campo de estudos do turismo uma proposta hermenêutica associada à dialética, ele parte em direção a uma hermenêutica dialética transformativa, aquela que busca intervir como prática social na realidade em contraste com as chamadas hermenêuticas antidialéticas que não tem a preocupação com tais transformações de fato.

O artigo trata de um estudo potencial com vistas ao lançamento de uma proposta conceitual e temática de reflexão dos fenômenos do ócio e/ou tempo livre. O autor o faz por meio de uma propositura teórica e uma metodologia oriundas da hermenêutica dialética transformacional e da etnografia dialética *hermenêutizante*. Esta última, que inclui o conceito de etnografia[12], refere-se ao método da contradição e visão interpretativa em oposição às propostas funcionalistas e a-históricas, segundo Conde Gaxiola (2008, p.208):

> Uma etnografia dialética ultrapassa o âmbito do quantitativo próprio do positivismo, funcionalismo, behaviorismo e cognitivismo e, por sua vez, supera a ótica qualitativa, já que uma abordagem dialética articula a abordagem dedutiva e indutiva, o teórico e o prático, o fenomenal e o essencial, o objetivo e o subjetivo, o paradigmático e o sintagmático e a identidade e a diferença.

Aponta-se dois motivos, dentre os que Conde Gaxiola menciona, à necessidade de conexão da dialética e hermenêutica: um, está relacionado à própria significação da dialética, quando destaca que é um saber que nos dá instrumentos para compreender as proporções e contradições das coisas na busca de reflexão sobre um objeto de estudo desde de sua gênese, desenvolvimento, dinâmica e intenções, até suas causas finais. O outro, na possibilidade da hermenêutica, junto com a dialética, em estabelecer abordagens críticas, alternativas e realistas sobre o tempo livre, fugindo das posições hegemônicas que priorizam a metodologia formal em detrimento do conceito ontológico e, as posições subjetivas que minimizam o papel das investigações epistemológicas.

O autor sustenta a adequabilidade da proposta hermenêutica dialética e etnográfica por esta compreender de modo mais abrangente e 'real' o fato turístico. A sua

[12] A pesquisa no campo etnográfico, de acordo com Rocha e Eckert (2008), responde por uma demanda científica de produção de conhecimento antropológico a partir da inter-relação entre o pesquisador e sujeito pesquisado, por meio da interação contextual usa-se as técnicas de pesquisas de observação direta, de conversas informais, entrevistas não diretivas, etc.

tese sustenta que o turismo carece destas análises por ter se apoiado predominantemente em teorias e práticas funcionalistas. A hermenêutica dialética poderia, então, segundo o autor, ser mais uma perspectiva teórica do turismo, auxiliada na metodologia da etnografia e dialética. Esta abordaria de forma mais completa os problemas teóricos e práticos do tempo livre.

4 TURISMO COMO CIÊNCIA?

A consideração da problemática da cientificidade do turismo não é, como é sabido, um debate recente dentro dos círculos dos pesquisadores. Na verdade, ele ocorre desde os primeiros teóricos que contribuíram de modo decisivo no campo de estudos do turismo (JIMENEZ GUZMAN, 1986; MOESCH, 2002), como L. Fernández Fuster e Neil Leiper, para citar dois. Apesar de, sob um panorama que vem desde o começo do século XX, tal problemática não fora a preocupação central, durante todo este tempo, dos estudiosos (JAFARI, 2005).

Isto porque, até hoje, as investigações predominantes ainda se encontram amparadas pela matriz positivista, cujas as reflexões são dos modelos analítico e cartesiano, trazidas das *hard science*, como o de sistema de turismo, e a temática é o aspecto econômico (MOESCH, 2002; OURIQUES, 2005; FILHO, 2008; CASTILLO NECHAR, 2011; GALVÃO, MARQUES E CASTRO, 2016). Portanto, no centro das reflexões e deixando em segundo plano a questão epistemológica. Ouriques (2005), fala em algumas implicações deste tipo de tratamento, destaca-se duas: a ausência busca de compreensão das controvérsias científicas sobre o tema [que é exigência da própria abordagem epistemológica (JAPIASSU, 1979)] e, revela a produção desse paradigma dominante e não a produção de novos conhecimentos sobre o tema turismo.

Isso é particularmente relevante pois, de acordo com Panosso Netto e Castillo Nechar (2014), a perspectiva científica positivista seria contrária à deferência do caráter cientifico do turismo, ou seja, o turismo como não ciência. Mas, esta é apenas uma das visões dentro do debate, que concorrem com outras, contrárias e em meio termo, isto é, há teóricos que acreditam que o turismo já se encontra científico, outros que, definitivamente, o turismo não será uma disciplina científica, e outros ainda, que está trilhando este caminho de consolidação (PANOSSO NETTO, 2005).

Antes de buscar alguns autores que se inclinam para o estudo epistemológico do fenômeno turístico, indaga-se porque essa preocupação é relevante, haja vista ela começar a aparecer de modo mais vigoroso nos estudos científicos somente no final do século XX (JAFARI, 2005). Tem-se que algumas das justificativa mais importante são: por conta da imprecisão conceitual de um objeto de investigação, porque ela é como um pré-requisito para criação de uma teoria particular, própria do turismo, porque implica em estabelecer fronteiras de sua metodologia e teoria, por ser uma abordagem mais profunda, de cunho

teórico e até filosófico, contrária às analises superficiais e, que adentra à (às) essencialidade (s) do fenômeno turístico, tratando-o não somente como produto (JIMENEZ GUZMAN, 1986; TRIBE, 1997; MOESCH, 2002; CENTENO; 2003; PANOSSO NETTO, 2005; PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014; MOESCH E BENI, 2015). Estas são algumas, dentre várias, justificativas, mas suficientes para mostrar a relevância.

Jimenez Guzman (1986), fala que o conceito de ciencia é histórico-evolutivo, e desde as primeiras teorizações sobre o fenômeno do turismo com os teóricos Hunziker e Krapf em meio a segunda guerra mundial (1942), os *turistólogos*, [termo que o autor utiliza] isto é, os que se dedicam a estudar o turismo cientificamente, têm-se perguntado se efetivamente este fenômeno possui conteúdo cientifico suficiente para que chegue a formar pouco a pouco uma ciencia particular ou, se simplesmente é um conjunto de ideias e fenômenos passível de estudo por outras disciplinas.

Os *turistólogos* não possuem uma solução unívoca para este problema, como fora falado, e quando se considera a questão do turismo como ciencia, temos, de acordo com Jimenez Guzman (1986), três tendências:

1. Tendência Acientífica do turismo: os autores desta, sustentam que nunca poderá chegar a constituir-se como uma ciência independente, pois não possui por si mesma um conteúdo científico (objeto e metodologia próprios).
2. Tendência científica: um dos primeiros teóricos a defenderam a cientificidade do turismo fora o próprio Walter Hunziker, dizia que o fenômeno pouco a pouco se colocaria como uma ciência autônoma. Hunziker já sustentava a interdisciplinaridade do turismo, que possui conteúdo, técnica e princípios pertencentes a outras ciências sociais, mas que pouco a pouco iria se definir como uma nova ciência com objeto e método diferenciados. Posição compartilhada por Neil Leiper, por exemplo.
3. Tendência multidisciplinar: Teóricos como Alberto Sessa e Roberto Boullón afirmam que o turismo nunca poderá ser uma disciplina, mas permanecerá como campo multidisciplinar.

Como a epistemologia é a filosofia da ciência, destaca-se uma interessante reflexão que Dorde K. Comic fez em seu artigo de 1989 intitulado *Tourism as a subject*

of philosophical reflection. Este autor faz um apelo por uma abordagem filosófica, a qual seria indispensável no apoio de uma possível nova ciencia do turismo. Ele já chamava a atenção para uma nascente jovem disciplina científica de abordagem integrada e sistémica do turismo. Asseverava, também, que as abordagens filosóficas ao turismo eram praticamente inexistentes, por conta de alguns preconceitos concernentes ao possível objeto do turismo como objeto de reflexão filosófica, como por exemplo, a vulgarização da própria reflexão filosófica se o fizesse, haja vista esta está interessada 'em problemas fundamentais da humanidade', e não em problemas 'de pouca profundidade'.

O autor desmistifica este e outros preconceitos e diz que para entender o turismo, não basta estudá-lo *outside* (superficialmente), mas penetrar no âmago do seu fenômeno, ou seja, para "entender a substancia do turismo" (p.8), deve-se questionar sua *raison d´être*, sob pena de suas valorações tornarem-se unilaterais e equivocadas.

Assim como Comic, Zivadin Jovicic faz um apelo para uma ciência do turismo em seu artigo *A plea for tourismological theory and methodology*, um ano antes de Comic, em 1988, salienta que mesmo que alguns contestem o turismo como ciência, "não há dúvida de que ela [ciência do turismo] encontrará sua plena afirmação no futuro próximo" (p.2). Para este autor, o turismo possui como objeto de pesquisa científica a própria complexidade do seu fenômeno, ele propõe a *turismologia* como uma ciência do turismo ao afirmar que "é uma teoria integral do turismo que não exclui estudos especializados como a sua economia, geografia e sociologia..." (p.3). O que ele quer esclarecer com isso é que o turismo deve ser estudado em suas propriedades estruturais, com uma visão mais macro, e não em suas propriedades elementares, no caso, cada elemento (disciplina) estudando-o individualmente.

Além desse aporte, o autor nos aponta que a descrição fenomenológica também tem o potencial de contribuição à classificação do turismo como ciência por meio do desenvolvimento de uma teoria, esta descrição, afirma ele, seria a observação de um fenômeno altamente complexo que ocorre no tempo e no espaço. A descrição fenomenológica junto com a visão sistémica e multidisciplinar concorreriam para o reconhecimento de categorias básicas do turismo, as quatro mais facilmente reconhecíveis, de acordo com o autor, seriam: necessidade turística, movimento, espaço e consumo. Destas, o movimento seria a mais essencial, pois expressaria a força da necessidade, tipificando o local e induzindo ao consumo, seria o principal princípio metodológico da teoria turística.

A sua formação na geografia talvez seja a justifica de elencar o movimento como a categoria mais essencial do turismo, mas ele chama atenção para o princípio sócio-

histórico, que também seria determinante na investigação turística, pois em primeiro lugar o turismo é uma prática social concreta, o que significa dizer que ele pode se apresentar de diferentes maneiras, consoante a época e o local, e isso deveria se manifestar em suas metodologias investigativas. Pode-se verificar que de alguma forma ele adere à necessidade de uma visão sistêmica e multidisciplinar para o entendimento do turismo em sua *turismologia*, no entanto, não especifica um objeto e metodologia.

Outro teórico que aponta o turismo como ciência, e que se destaca, é Jafar Jafari (2005). Baseando-se na sua quarta plataforma do conhecimento[13], ou o porquê do turismo, este autor afirma que as três primeiras (apologética, de advertência e de adaptação) constituíram condições geradoras para o desenvolvimento das teorizações do turismo. Antes de tudo, destaca o autor, que independentemente das distintas posições dos teóricos, há um reconhecimento do turismo como uma gigantesca indústria global, que os turistas já fazem parte das paisagens dos lugares que visitam, que se deve levar em conta primariamente a relação custo benefício, que se deve estar atento aos impactos desejáveis e indesejáveis, e por sua vez, adaptar as formas de desenvolvimento do turismo. Essas seriam diretrizes das três primeiras plataformas, mas mesmo assim representariam perspectivas parciais.

Todas essas visões desembocariam na quarta plataforma, que nascera da necessidade de se tomar o fenômeno como um todo, por meio de uma visão holística. A meta principal da investigação da plataforma científica seria dotar o turismo de um corpo científico de conhecimento pelo contributo de um tratamento totalizador (sistêmico) sobre os impactos e as formas de se proceder nesta atividade, gerando definições cada vez mais precisas. De acordo com Jafari a quarta plataforma investiga:

> Sistematicamente a própria estrutura do turismo; o coloca em continuidade com vários campos de pesquisa ou disciplinas; define seu lugar no amplo contexto multidisciplinar que o gera e acomoda; examina suas funções nas escalas pessoal, grupal, empresarial, governamental e sistêmica; identifica os fatores que influenciam e são influenciados pelo turismo (2005, p.43).

O autor segue considerando que as análises dessas quatro plataformas, que seriam as condições de investigação do turismo, notoriamente a quarta, oferecem uma perspectiva geral da evolução de uma teoria no campo, posto que o turismo mantém relações com diversos fenômenos e posto que seus estudos se utilizam de teorias e métodos de outras disciplinas sendo, indubitavelmente, de natureza interdisciplinar, a partir destas bases emergiriam suas próprias teorias e métodos. Essa posição é apoiada

[13] Foi exposto sobre as quatro plataformas de Jafari no item 3.2.2. Abordagem historiográfica da teoria do turismo.

por autores como Centeno (2003), por exemplo, quando diz que a criação de um objeto epistemológico do turismo emergirá das disciplinas prévias que o estudam.

Adicionalmente a isso, outras condições específicas também concorreriam para a cientifização do turismo: como o ensino acadêmico (graduação e pós-graduação), revistas científicas, publicações (livros, monografias, teses, obras de referência, etc.), a formação de grupos ou sociedades de investigadores especializados (estes ao mesmo tempo que seriam os resultados da estrutura de conversão científica do turismo, contribuiriam na estruturação deste processo), congressos, simpósios, seminários, etc. e, as que Jafari denominou de forças operativas, constituídas pelos governos, grupos privados pequenos e grandes e órgãos públicos de nível local à internacional. Assim, o autor afirma que seriam o "conjunto de forças ou desenvolvimentos que favoreceram o avanço científico do turismo, o papel e o trabalho das organizações na indústria do turismo ou a ela relacionadas" (p.48).

Jafar Jafari, assim como Jovicic, reconhece a multi e interdisciplinaridade nas investigações do turismo, e a necessidade de uma visão sistémica do seu mundo fenomênico, porém, ao contrário do outro autor que logrou ir mais adiante quando ressalta as abordagens de descrição fenomenológica e a consideração do turismo como um fenômeno de concretude sócio-histórico, suas quatro plataformas são tão somente estudos descritivos que não refletem objetivamente que se alcançou, de fato, uma teoria unificada que faça com que o turismo mereça o status de científico (KORSTANJE, 2013; MUÑOZ DE ESCALONA, 2017). Além disso, acrescenta-se a crítica de Korstanje (2014) à cientifização do turismo de Jafari, haja vista a ausência de uma discussão epistemológica nos seus estudos, de acordo com ele: "em parte, esse grave erro deve-se ao fato de que [Jafari] não levou em conta a evolução histórica das diferentes ciências, bem como sua conexão com os sistemas econômicos de onde nasceram essas disciplinas. " (p.4).

Além de que o próprio estabelecimento de uma teoria do turismo/sistema de turismo possui problemas devido a sua imprecisão de limites frente a outros sistemas, onde terminaria um e começaria outro ou onde residiria suas sobreposições, e além do fato dela [teoria sistémica] constituir-se numa descrição funcionalista e não abranger realmente o fenômeno turístico de uma forma mais ampla (MOESCH, 2002; PANOSSO NETTO, 2005).

Tribe, por sua vez, em *The indiscipline of tourism* (1997), fala que a epistemologia do turismo tem a função de questionar o caráter, as fontes, validade e confiabilidade do conhecimento turístico, os usos dos seus conceitos e as suas fronteiras investigativas, além da categorização do turismo como disciplina ou campo científico.

Este conceito epistemológico de Tribe a nosso ver, fundamenta-se apropriadamente na filosofia da ciência, portanto, adequado para a reflexão epistemológica do turismo em comparação às propostas de Jafari que não possuem base epistemológica.

O turismo, para Tribe, não pode ser considerado uma disciplina pois, esta significaria, de acordo com Hirst (1974, p.44), citado por Tribe (p.643), "uma maneira distinta pela qual nossa experiência se torna estruturada em torno do uso de símbolos públicos aceitos", portanto, formas específicas de conhecimento. Suas especificidades far-se-iam de quatro modos: primeiro, pela existência de conceitos centrais inter-relacionados que são específicos para cada disciplina, segundo, por uma estrutura lógica ímpar formada pela rede de conceitos distintos, terceiro, por expressões testáveis empiricamente por meio de critérios específicos da disciplina, e quarto, pela irredutibilidade da própria disciplina, ou seja, a existência de elementos basilares irredutíveis.

O conjunto de conceitos, teorias e formas próprias de pesquisa metodológica, isto é, as quatro qualidades distintivas das formas de conhecimento de Hirst, estariam ausentes na produção de conhecimento em turismo, justificando assim a inadequabilidade de seu tratamento como uma disciplina. Assim Tribe fala:

> Em primeiro lugar, os estudos do turismo podem, de fato, desfilar uma série de conceitos [...], mas esses conceitos dificilmente são específicos para os estudos de turismo. São conceitos que começaram a vida em outros lugares e foram ampliados ou contextualizados para dar a eles uma dimensão turística [...] em segundo lugar, os conceitos de turismo não formam uma rede distinta [...] eles não formam um quadro teórico coeso. Por causa disso, não existe uma estrutura lógica distinta para os estudos do turismo [...] em terceiro lugar, os estudos de turismo não têm expressões ou declarações que sejam testáveis em relação à experiência [...]utiliza os critérios encontrados em suas disciplinas contributivas [...] [um] conceito [qualquer de turismo] é de fato redutível, mas apenas através de várias outras disciplinas. (p.644).

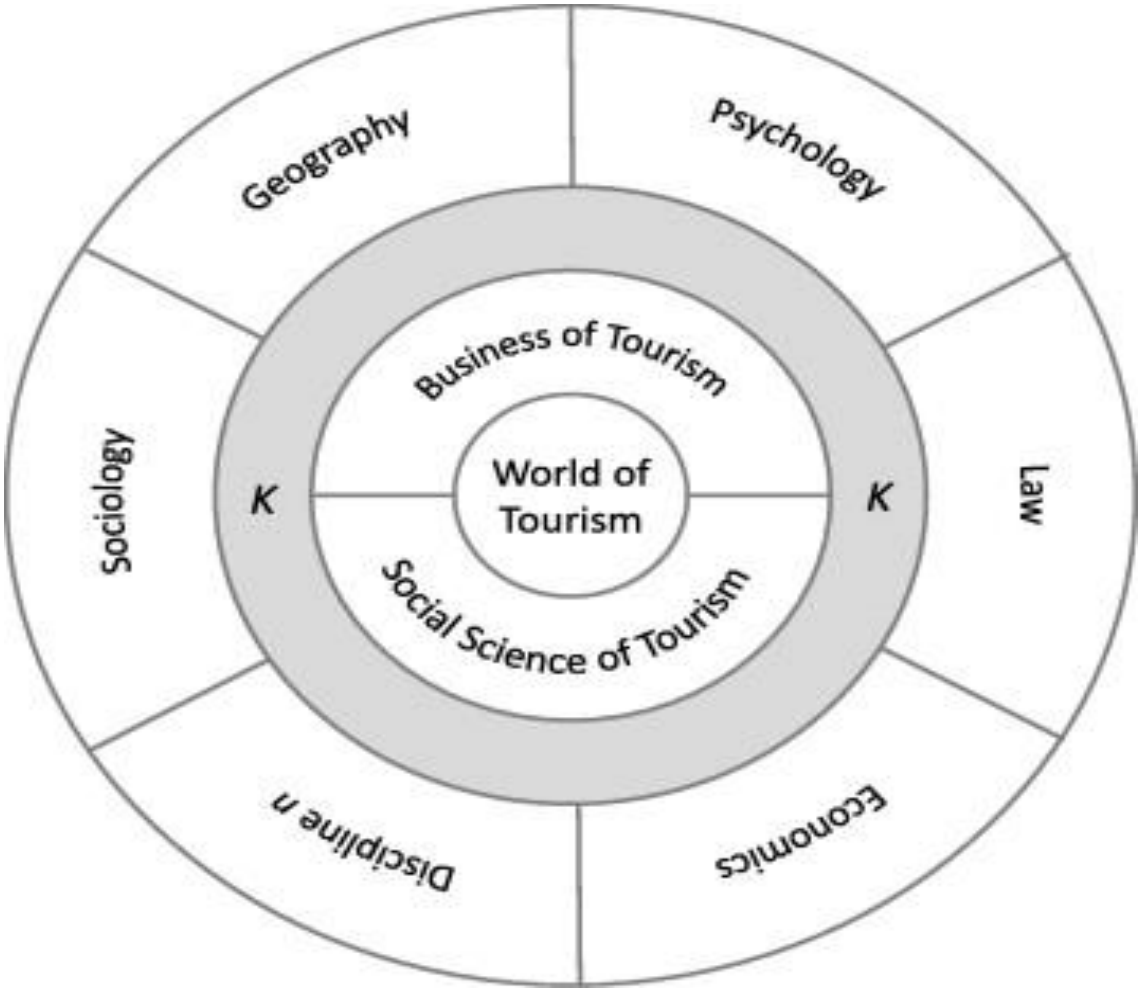
Ao realizar o seu estudo epistemológico do turismo, afirma que os pesquisadores que se debruçam sobre esta questão dividem-se entres aqueles que o refletem como uma disciplina científica e os que o descrevem tão somente como campo multidisciplinar (TF). Ele próprio não considera a autonomia científica do turismo, como já fora dito, e o divide em dois subcampos: o dos aspectos comerciais do turismo (TF1) e o dos aspectos não comerciais (TF2). Para ele, a epistemologia aplicada ao turismo promoveria a revisão sistemática do conhecimento legítimo, além de delimitar os estudos do turismo dos outros campos de conhecimento, isso significa saber o *que o turismo faz*

(sua função), e o que o turismo é (sua constituição). Tribe denomina o primeiro de conhecimento procedimental, ligado à gestão do turismo, por exemplo, e o segundo de conhecimento proposicional, caracterizando o turismo como um estudo acadêmico, são duas reflexões distintas.

Os teóricos ao longo do tempo têm dado mais atenção à função, pois no que se refere a segunda, um fato complicador apontado é, que o conceito de turismo tem mais de um significado padrão (TRIBE, 1997; KORSTANJE, 2013), justamente por conta dos seus estudos serem multidisciplinares, acarretando assim, a inexistência de um corpo teórico próprio, um objeto de estudo distinto das outras disciplinas (KORSTANJE, 2009; KORSTANJE, 2013; ESTEBAN, CETIN E ANTONOVICA, 2015). Segundo Tribe, por conta da inexistência de uma disciplina, o modo mais correto de entender o turismo é pelos campos: TF1, todos os aspectos comerciais no contexto do turismo, como a comercialização do turismo, estratégia empresarial do turismo, leis, gestão do turismo, etc. TF2, inclui áreas como impactos ambientais, percepção do turismo, impactos sociais, etc., portanto, tem-se: (TF) = TF1+TF2.

Na figura 4, pode-se visualizar o círculo de criação do conhecimento no turismo conforme Tribe, na verdade são quatro círculos: no centro, temos o ‘mundo do turismo’, no círculo externo encontram-se as disciplinas e subdisciplinas, no círculo médio encontra-se os dois campos do turismo, onde são criados e desenvolvidos os seus conhecimentos nos seus respectivos campos, entre o médio e o externo encontra-se um círculo que o autor denominou *banda k*, esta é uma interface entre as disciplinas e os dois campos de turismo, onde os conceitos seriam destilados, por exemplo, onde a economia entra, o conceito de multiplicador de turismo é criado, seria a aplicação de uma teoria disciplinar ao turismo. Como cada disciplina fornece suas metodologias ao campo do turismo, o refinamento ou adaptação dar-se-ia na *banda k*, isto é a multidisciplinaridade. No entanto, a *banda k* é também o lugar onde as disciplinas podem interagir umas com as outras, isto representaria a abordagem interdisciplinar.

FIGURA 4. A CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO EM TURISMO SEGUNDO TRIBE



FONTE: TRIBE (1997, p.650)

Para Tribe, o fato do turismo não se constituir como uma disciplina científica não deve ser visto como um problema, antes, os estudos do turismo devem reconhecer sua rica abordagem multi e interdisciplinar, e que parecem permanecerem em uma fase pré-paradigmática no sentido kuhniano, aliás, ele recomenda mesmo o abandono da busca do turismo como disciplina.

Considera-se, depois de analisados estes autores, que compreensão epistemológica sobre uma possível ciência do turismo implica o entendimento claro de alguns pontos acerca da própria ciência (BENI, 2004; MOESCH E BENI, 2015), e como salienta Castillo Nechar (2011, p.529) com relação à pesquisa e construção do conhecimento do turismo, "não se passará desta discussão enquanto o senso de ciência que está se desenvolvendo atualmente não estiver claro". Este próprio senso de ciência passou por profundas mudanças através de sua evolução histórica. De acordo com Zilles (2005), o que se conhece por ciência é a investigação racional ou *episteme* que nasceu na

Grécia antiga com Platão e, sobretudo, Aristóteles e seu conceito e métodos foram profundamente marcados na antiguidade, idade média e na modernidade.

Ela é um amálgama de díspares influências, como a dialética aristotélica, a instrumentalização de Bacon, o método analítico, as heranças newtoniana e cartesiana, a fundamentação do papel da experiência indutivista em Hume, o pensamento kantiano, o método fenomenológico de Husserl, o falseacionismo anti-indutivista popperiano, as críticas socioculturais da escola de Frankfurt, as ideias construtivistas, hermenêuticas, entre tantas outras. E é nesses termos que Zilles (2005, p.150) nos fala que "há muitas maneiras diferentes de conceituar ciência [...] isso evidência que não existe uma verdade abrangente e um sentido definitivo de ciência. Trata-se de um fenômeno histórico".

A ciência não é feita por acumulação de descobertas científicas, antes, de acordo com Thomas Kuhn (1998), far-se-ia por meio das revoluções científicas[14]. Este autor diz que tais revoluções garantiriam o seu progresso. Portanto, progresso seria um pré-requisito desta, fala que o termo ciência, em sua maior parte, reserva-se a áreas que progridem de maneira óbvia, como a física, e que tais debates sobre a cientificidade seriam recorrentes nas ciências sociais contemporâneas além de que, estariam presentes dentro da fase pré-paradigmática de um campo científico, corroborando a posição, tomada anteriormente, sobre a inexistência de um paradigma dentro da área de estudos do turismo.

E por que o progresso seria, característico da ciência? Pergunta Kuhn, as expressões 'progresso científico' e 'objetividade científica' seguindo essa linha de raciocínio, seriam semelhantes, ou redundantes como afirma o autor: "Um campo de estudos progride porque é uma ciência ou é uma ciência por que progride? " (p.204). Para explicar melhor, o autor destaca o contraste existente entre os cientistas das ciências naturais e os das ciências sociais quando da escolha dos seus objetos de pesquisas:

> Os últimos tendem frequentemente — e os primeiros quase nunca — a defender sua escolha de um objeto de pesquisa — por exemplo, os efeitos da discriminação racial ou as causas do ciclo econômico — principalmente em termos da importância social de uma solução. Em vista disso, qual dos dois grupos nos permite esperar uma solução mais rápida dos problemas? (KUHN, 1998, p. 207-208).

[14] Refere-se aqui ciência, sua maturação e desenvolvimento como sinônimos e, à revolução científica de Kuhn, que nada mais é que a substituição de um paradigma científico por outro.

Esse progresso citado por Kuhn de alguma forma permeia os estudos científicos em turismo, isto seria uma concepção normal de ciência contemporânea. Entretanto, a questão repousa quando o modo de investigação deste fenômeno é realizado apenas sob um ponto de vista, sob uma abordagem[15] que de alguma forma se sobrepõe às demais fazendo com que o desenvolvimento científico do turismo seja acrítico e não progrida de modo adequado conforme propõe Kuhn, e confirma-nos Moesch (2002) e Moesch e Beni (2015) quando dizem que o seu saber não é linear, e que não há evolução, mas sim revoluções por meio de reformulações e fusões em seu corpo teórico e, considera-se acima de tudo, retificações dos seus princípios básicos. Assim também afirma Castillo Nechar (2011, p. 530, grifo do autor):

> Entender o termo ciência, a partir da palavra latina *scientia*, é abrir um mundo de possibilidades para sua interpretação e uso. A palavra latina *scientia* significa conhecimento, doutrina ou erudição, e é derivada do verbo latino *scio* que significa dividir, separar e, do grego *isemi*, que significa saber, ser informado (Hernández e Restrepo, 1959).

Logo, pode-se distinguir entre aquelas noções de ciência tradicional, ligada ao estabelecimento de leis pela regularidade de fatos, por uma garantia de um determinado saber, pelas investigações teleológicas, o que, normalmente, são mais cabíveis às ciências naturais, e àquelas noções mais flexíveis, e contemporâneas, que não primam por abordagens causualística, mas sim por construções e reconstruções histórico-sociais do saber na consecução de métodos e teorias (CASTILLO NECHAR, 2011). Corroborando com isso é que Jimenez Guzman (1986) acredita que a cientificidade do turismo, "merece sérias reflexões através de análises historiográficas" (p.156).

Moesch e Beni (2015), dizem que o nascimento desta nova forma de encarar a reflexão no turismo é orientado por modelos vivos, pela aceleração das mudanças e pela auto-renovação, e o turismo conectada a esta, seria constituído por um modelo teórico histórico-cultural, e pelo fato da ciência ser uma prática social e um produto cultural (BENI, 2004), iniciar-se-á a busca de um sentido do que vem a ser não só estruturalmente, mas ontologicamente, o fenômeno turístico.

[15] Como já referido anteriormente, essa abordagem é denominada monodisciplinar e, "a tradição dos estudos monodisciplinares trouxe ao turismo um reducionismo na compreensão de sua episteme" (MOESCH E BENI, 2015, p. 3).

5 PROCEDIMENTOS DA METODOLOGIA APLICADA

Conforme Gil (2016), a metodologia insere-se nas preocupações mais práticas de verificação, isto é, a proposição dos métodos que "proporcionam os meios mais técnicos para a investigação" (p.49). Etapa esta, em que devem ser anunciadas as fontes, procedimentos metodológicos e os técnicos que o investigador usará em sua pesquisa, ao mesmo tempo explicitando o modo como irá utilizá-los (SEVERINO, 2016).

A investigação está classificada como uma "pesquisa em fonte de papel", para utilizar a expressão de Dencker (1998). Logo, constituiu-se uma pesquisa em fontes bibliográfica e documental. A primeira, por tratar-se as fontes em livros, artigos científicos, dissertações e teses, ou seja, fora feito um levantamento e exame destes no intuito de servirem ao mesmo tempo como revisão da literatura concernente ao tema, fontes de investigação e conteúdo ao corpo monográfico (DENCKER, 1998, GIL, 2016, SEVERINO, 2016). E a segunda (fontes), pois se utilizou os trabalhos de conclusão de curso dos discentes da Universidade Federal do Maranhão, particularmente as monografias.

Concorda-se com os autores citados acima quanto à similaridade entre as pesquisas bibliográfica e documental, diferenciando-se elas somente no fato de que, enquanto na primeira as fontes são oriundas de um tratamento científico já despendido sobre determinado tema, na segunda isto não ocorreu, pois se utilizou de documentos para o fim da investigação ora proposta (DENCKER, 1998; GIL, 2016; SEVERINO, 2016). Considerou-se as monografias delimitadas para a investigação neste tipo, contudo, a análise que fora feita não se deu de modo pormenorizado, isto é, não se adentrou em seus conteúdos, mas somente constatou-se seus enfoques epistemológicos, mesmo que mínimos, sendo realizado um resumo destes pontos, não importando se fazendo, ou não, parte de sua temática principal.

A razão para tal escolha reside na consideração de que a pesquisa enquanto atividade acadêmica é a maneira mais pertinente de aprendizagem e construção do conhecimento científico. Destaca-se ainda as palavras de Salomon (1973, p.219), citado por Severino (2016, p. 212), que acerca da principal característica destes "... trabalhos científicos serão monográficos na medida em que satisfazerem à exigência de especificação", consequentemente concorda-se que a escolha de um determinado tema sobre o que produzir na monografia diz muito sobre a vida acadêmica, seu contexto e a produção de conhecimento em determinada área.

Salienta-se que a investigação se constituiu em uma pesquisa exploratória por conta dos seus principais elementos, a saber: investigação bibliográfica e documental (DENCKER, 1998; GIL, 2016). Explorou-se, de modo teórico, o tema da epistemologia e seus desdobramentos na área do turismo e completou-se essa exploração por meio da análise documental-monográfica conforme citado. Também cabe apontar que por ser exploratória possuiu um "planejamento mais flexível" (DENCKER, 1998, p. 124), e por conta disso não se pode afirmar rigidamente que ela se fechou apenas em uma pesquisa exploratória, mas que possuiu, também, elementos das pesquisas descritiva e explicativa pois, ao mesmo tempo que se descreve sobre a natureza epistemológica do turismo trata-se de explicar o porquê, na medida do possível, que a natureza científica do turismo é de uma forma ou de outra.

A metodologia como um todo está baseada em uma revisão crítica do tema epistemologia no turismo. Revisão crítica, pois ao longo do trabalho são apresentados teóricos que possuem concepções muitas vezes opostas, mais com argumentos graves para ambos os lados. O desenvolvimento crítico de uma área do conhecimento passa por estas confrontações, uma premissa maior do trabalho ora desenvolvido.

Na epistemologia do turismo, a análise fora feita com base na filosofia da ciência no intuito de demonstrar que resultados *unos* não são os objetivos mais apropriados para o desenvolvimento de um campo das ciências sociais.

Foram realizadas pesquisas periódicas ao NPDTUR – (Núcleo de Pesquisa e Documentação de Turismo) da UFMA, vinculado ao curso de turismo, que funciona, dentre outras atribuições, como uma biblioteca setorial com a catalogação de livros, monografias, periódicos, artigos, dissertações, teses, entre outros. As consultas às monografias foram realizadas *in loco* no período de 18 a 29 de junho de 2018.

À etapa de seleção das monografias, se tratou de circunscrever àquelas que tratavam da temática de produção do conhecimento, isto é, a epistemologia. Tendo em vista que esta temática é pouco conhecida dos pesquisadores da área do turismo (PANOSSO NETTO, 2005; PANOSSO NETTO E CASTILLO NECHAR, 2014), optou-se por selecionar os trabalhos que possuíssem no escopo de sua pesquisa, no todo ou em parte, alguma questão relativa a produção do conhecimento, que pelo menos tangenciasse a proposta de pesquisa do presente trabalho. Esta fora a premissa que se seguiu quando se optou por abranger o período de consultas às monografias de 1992 a 2016, além de que, por estarem devidamente catalogadas.

Isso quer dizer que se levou em conta principalmente a área de classificação das investigações, ou seja, as temáticas que focalizavam gastronomia, hotelaria, gerenciamento, governança, agenciamento, planejamento, inventário turístico, animação ou recreação, transporte, eventos, marketing, turismo cultural, ecoturismo, legislação turística, etc. foram excluídas durante a seleção.

Os trabalhos selecionados giraram em torno das temáticas que mais cotejassem a produção de conhecimento teórico, mesmo que de maneira mínima. Neste caso, identificou-se as seguintes temáticas: teoria do turismo, produção de pesquisa científica, educação e turismo, construção teórica de categorias turísticas, pesquisas em torno dos discente, docentes e profissionais de turismo, pesquisa e extensão, turismo e experiência, qualificação, dentre outros. Considerou-se serem estas temáticas mais afins à nossa proposta, e as chances de estas apresentarem alguma discussão sobre a construção do conhecimento em turismo seria muito mais elevada. A partir daí, como já fora dito, procurou-se entender a ideia central do trabalho destacando o seu escopo epistemológico.

Com este panorama se iniciou a busca de tais trabalhos no período compreendido de 1992 a 2016, por meio da análise detalhada do catálogo de monografias do NPDTUR, constatou-se a existência de 519 monografias produzidas na UFMA durante este período, destas, 64 encontram-se com o *status* de ‘não encontradas’, isto é, estariam no catálogo, mas não fisicamente no núcleo. Enquadrados em nossos critérios foram identificados 24 trabalhos. Destes, dois acredita-se estarem extraviados, pois os bolsistas e estagiários do NPDTUR não souberam informar sobre os mesmos, apesar de não estarem com o *status* de ‘não encontrados’.

6 ANÁLISE E RESULTADOS DAS MONOGRAFIA COM BASE NA PESQUISA EPISTEMOLÓGICA

6.1. DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

O primeiro trabalho intitula-se: *O Turismo chegando às Escolas*, ano 2000, de PEREIRA, César Roberto Ribeiro. Trata do turismo e a educação básica, o autor traz a proposta de se trabalhar estas duas categorias conjuntamente, de incutir uma educação para o turismo desde as primeiras formações, e que o turismo tem o potencial de contribuir para a educação da nação como um todo, resultando numa maior qualificação da atividade turística que é desenvolvida. Neste sentido, o autor diz ainda que, a educação do turismo poderia contribuir com conceitos como: cidadania, respeito ao passado, preservação e conservação do patrimônio, etc.

O segundo trabalho foi: *Breve análise da produção científica do curso de turismo da UFMA: 1987 a 2000*, de CAMPOS, Josilene Bárbara Ribeiro, ano 2001. Nele a autora optou por uma linha de pesquisa diferente, fora realizada uma investigação sobre os trabalhos produzidos pelo corpo discente, por meio da classificação destes por grupo de ano, a descrição e os seus autores, da sua temática e área de concentração.

Ela fez uma exposição sobre o ensino e pesquisa em turismo com a constatação de carência de fundamentação teórica, e que o estímulo à pesquisa em turismo ainda era escasso, segundo a autora, não só no Brasil, mas também fora do país. Faz, também, uma consideração sobre o nascimento do Curso de Turismo da UFMA, que durante algum tempo funcionou de modo frágil no que diz respeito a infraestrutura material, acervo bibliográfico, etc. Até aquele momento, a autora conclui que as produções científicas focalizavam o planejamento, cultura e lazer, que se desdobravam em outros subtemas, mas que a produção científica precisava alcançar um patamar mais equilibrado.

Como já decorreu quase duas décadas do estudo desta autora, pode-se verificar que a produção científica em turismo obteve aumento e diversificação significativos tanto a nível internacional como nacional. Na verdade, aumento que, como se pôde averiguar ao longo da presente pesquisa, vem desde a segunda metade do século XX, conforme Airey (2016). A conclusão desta autora, em 2001, já sinalizava para a questão do crescimento da produção científica em turismo e a diversificação desta produção, estes que procedem do próprio aumento da atividade turística (REJOWSKI, 2010).

O terceiro trabalho intitula-se: *Os egressos do curso de Turismo da UFMA no mercado de trabalho em São Luís*, de DAMASCENO, Elda Barbosa, ano 2002. Discorre sobre a atuação do bacharel em turismo e a opinião do *trade* turístico quanto às qualidades requeridas destes profissionais. É interessante salientar que das várias categorias elencadas pela autora, quando da sua pesquisa empírica, a mais destacada pelo mercado fora a de 'Conhecimentos práticos sobre os serviços da empresa', e o 'conhecimentos teóricos' fora um dos menos citados. Como é um levantamento sob a ótica empresarial estes resultados não surpreendem.

A quarta monografia: *O perfil do bacharel em turismo no mercado turístico em São Luís*, de ARAUJO, Rafaella Pedroza de., ano 2003. Trata basicamente do bacharel em turismo com suas qualificações, o histórico deste profissional e às questões ligadas com sua importância para o mercado de trabalho, mas principalmente a problemática em torno da regulamentação profissional. Ressalta-se que quando se fala do bacharel em turismo, inevitavelmente, questões em torno de produção do conhecimento no turismo vem à tona, como a autora expõe em alguns pontos em seu trabalho, como por exemplo, aqueles ligadas à Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo – ABBTUR, que trata da formação e atuação do turismólogos, termo que denomina o bacharel em turismo.

O quinto trabalho de NETO, José Antônio Silvestre Fernandes, ano 2003, é diferenciado e tem por título: *As viagens em busca do eu: fundamentos para o reconhecimento do turismo esotérico como prática consolidada nas sociedades atuais*. O autor discorre sobre as razões porque o esoterismo seria uma relevante motivação de deslocamentos turísticos na pós-modernidade. Explora os conceitos de pós modernidade relacionados ao turismo, destacando que não somente o bem-estar físico, mas o espiritual estará cada vez mais presente entre os objetivos dos indivíduos nas sociedades, notadamente, segundo o autor, uma motivação turística para poucos na sociedade como um todo.

Como o autor explorou a categoria de pós modernidade relacionada ao turismo, o trabalho perscrutou conceitos teóricos como de capitalismo, contradições capitalistas, as motivações turísticas de massa e aquelas mais especializadas, experiência, ressignificação dos espaços, tempo livre e lazer, dentre outros. Todos estes conceitos pautados no campo do turismo inserem novos elementos teóricos, o que acaba por examinar e contribuir com suas propostas teóricas.

O sexto trabalho: *A construção do não lugar no Turismo: um estudo sobre o evento Maranhão Vale Festejar em São Luís – MA*, de LAGO, Euquenia Veiga Lago, ano

2004. Trata do conceito sociológico de *não-lugar*, neste caso, da produção de espaços não concretos pelo turismo, o que a autora faz por meio da revisitação em teorias antropológica de espaço e do próprio turismo.

A sétima monografia: *Perfil Socioeconômico do estudante de Turismo da Universidade Federal do Maranhão*, de SILVA, Paulo Jean Dias da, ano 2004. Dedicou uma pesquisa empírica acerca do perfil socioeconômico do estudante de turismo da UFMA. Um dos resultados que chamou atenção no trabalho do autor e que se reproduz em suas próprias palavras é, "Após uma reflexão dos dados aqui apresentados, chamou-me atenção a baixa autoestima profissional desses futuros bacharéis. Acho que esse problema será resolvido quando a Universidade, além da formação geral, dá uma atenção especial a pesquisa..." (p.52). O autor chama atenção para a questão de uma formação do aluno pautada no fomento à pesquisa, por acreditar que aí residiria um estímulo do futuro bacharel em turismo.

O oitavo trabalho: *Uma Releitura do espaço dos Lençóis Maranhenses no discurso da Publicidade Turística,* de DIAS, Liz Renata Lima, ano 2005. Discorre sobre os discursos publicitários e as ideologias que estariam por trás destes discursos. Ideologias de fomento ao consumo e manipulação de potenciais turistas, segundo a autora. Propagandas que realizam um apelo emotivo para impor padrões de consumo, principalmente fazendo uso da mensagem imagética. Ela tece seu argumento com o exemplo dos discursos publicitários dos Lençóis Maranhenses, e assim ela nos diz "Tais discursos são atravessados por uma ideologia do lugar perfeito e revelam um simulacro da realidade" (p.68).

A crítica da autora insere que tais discursos de propaganda não mostram uma realidade concreta, mas o fazem de um modo pouco verdadeiro através de artifícios ideológicos. Ao usar o conceito de ideologia no seu trabalho, ela emprega pressupostos da Escola de Frankfurt e sua influência do conceito marxista, de que se falou em capítulos anteriores.

Outra questão relacionada ao trabalho da autora é que, como ela analisa os discursos da publicidade turística, seu trabalho comporta traços de abordagem hermenêutica, conforme constatado em Beuchot (2010), na medida em que ela realiza uma interpretação da mensagem propagandística, dentro de um determinado contexto, buscando desvendar uma intencionalidade que está por trás, portanto não se revelando, do discurso.

O nono trabalho: *Aperfeiçoamento no Exterior: as oportunidades de aperfeiçoamento para bacharéis em outros países*, de NEVES, Flávio Ramon de Carvalho, ano 2005. Trata da necessidade de qualificação constante por parte dos profissionais que atuam no mercado turístico do Maranhão, ou irão atuar, por conta das diversas potencialidades turísticas do Estado. O aperfeiçoamento por meio de curso de pós-graduação em outros países é o foco de estudo do autor, para isso ele realiza uma descrição dos principais cursos no exterior com suas características, como a questão do seu aproveitamento aqui no Brasil, programas de bolsas de estudo, etc. O autor destaca que o profissional que passa por este tipo de experiência está melhor qualificado e poderá aplicar os conhecimentos aqui no Brasil.

Com relação ao aperfeiçoamento dos bacharéis em turismo em outros países, entende-se que as contribuições advindas destes é substancial, isto porque, o próprio desenvolvimento do campo de conhecimento do turismo perpassa pelo elemento individual, pelo componente pessoal do profissional, incluindo-se as suas experiências, este exerce poder sobre a construção do saber no campo do conhecimento (TRIBE, 2006).

A décima monografia: *A regulamentação do exercício profissional: a trajetória e as expectativas dos turismólogos*, de COSTA, Jucilea Macedo da, ano 2006. Faz um delineamento histórico sobre o processo de regulamentação profissional na área do turismo. Um dos aspectos, destacado pela autora, quanto ao fortalecimento deste processo é a questão da educação, intimamente ligada ao fortalecimento do profissional. Outro aspecto, o fortalecimento do órgão de classe, seriam duas ações conjuntas em benefício a esta regulamentação que refletiria diretamente na área do turismo como um todo, incluindo aí, o conhecimento produzido no campo.

O décimo primeiro trabalho: *Um estudo da percepção dos bacharéis em turismo quanto a sua atuação*, de SANTOS, Rômel da Silva, ano 2006. Este trabalho, semelhante a outros que já foram citados, trata da profissão do Turismólogo em seu perfil acadêmico, profissional, e sua importância para a realização da atividade do turismo de forma eficiente e responsável. Tece algumas características acerca da ABBTUR e fala sobre sua importância quanto ao fortalecimento da área do turismo.

A décima segunda monografia: *NPDTUR: um estudo das atividades de extensão e sua contribuição para a formação dos alunos*, de MORAIS, Rosinikilsy da Silva, ano 2008. Neste caso o autor investiga um projeto de extensão realizado em escolas de ensino básico denominado ‘Projeto Turismo Educativo’, em parceria com as secretarias de turismo e de educação do Estado. Mais uma vez a temática gira em torno do turismo

inserido na educação básica, e o autor trata no seu trabalho de conceitos ligados a questão ambiental, cidadania, patrimônio natural e histórico de São Luís, dentre outros, que foram conceitos trabalhados dentro do projeto.

A décima terceira monografia: *Turismo de intercâmbio: um aliado na formação profissional do aluno para o mercado de trabalho*, de BARROS, Ana Carolina Jordão da Silva, ano 2011. A autora trata do modo como o intercâmbio no turismo ajudaria na formação do estudante e profissional do turismo, fomentaria sua criatividade, desenvolveria habilidade e experiências de vida, bem como o senso crítico. Isto acarretaria, segundo a autora, no incremento do conhecimento do Turismólogo acerca de idiomas, cultura, geografia, história, gestão, compartilhamento de informações, etc. Inegavelmente isto está relacionado diretamente à criação e remodelação de conhecimento no campo do turismo.

O décimo quarto trabalho: *O papel da extensão na formação do acadêmico em turismo*, de SOARES, Ariane Marina Silva, ano 2011. A autora aborda o papel da extensão dentro do âmbito de atuação da universidade, junto com o ensino e a pesquisa, ao longo do seu trabalho salienta o caráter indissociável que estas possuem na interdisciplinaridade, nas metodologias, na produção do conhecimento e na utilidade social. A autora destaca que a extensão não pode ser encarada de modo secundário na criação de conhecimento, como tradicionalmente é vista sob o viés de transmissão de conhecimento de um sujeito ativo à um sujeito passivo. Mas, que haveria uma reciprocidade de saberes, uma comunicação, o que ensejaria o desenvolvimento de um pensamento crítico.

A autora trata deste clássico tripé de objetivos da universidade enfocando a extensão, tecendo críticas à separação deste que, segundo ela, é de fato praticada, ou seja, a interdisciplinaridade não ocorreria efetivamente. A extensão seria, então, um dos processos indispensáveis da universidade, e que o seu acontecer viabilizaria uma ligação de valor significativo entre a universidade e a sociedade, desenvolvendo, dentre outros, conhecimentos acadêmicos.

O décimo quinto trabalho: *Egressos do curso de turismo da Universidade Federal do Maranhão dos anos de 2005-2010: realidade dos bacharéis frente ao mercado turístico de São Luís*, de SOUSA, Mayres da Silva, ano 2012. Traz uma visão dos egressos do curso de turismo da UFMA entre os anos de 2005 a 2010, para isso a autora expõe acerca do perfil dos bacharéis pesquisados, sua formação educacional e sua situação profissional, mas antes disso, faz um delineamento da formação acadêmica

superior no Brasil, os cursos de turismo desde o aspecto histórico, os objetivos do ensino superior dentro da sociedade, suas normas curriculares, e o curso de turismo da UFMA, focalizando sua matriz curricular, inegavelmente seu trabalho comporta traços de análises epistemológicas.

Um dos pontos destacados pela autora fora a padronização das bases educacionais dos cursos de turismo em todo o país, isto, por meio da elaboração de normas e resoluções que atendessem as dinâmicas do mercado, proporcionado também, pela expansão dos cursos na década de 1990. Segundo a autora, isto tornaria o ensino do turismo pautado em teorias bases, colaborando, assim, para um crescente processo de consolidação da atividade turistica na sociedade.

A décima sexta monografia: *Desmitificação do bacharel em turismo: um estudo de caso em São Luís - Maranhão*, de CASTRO, Raissa Vanessa Fonseca de., ano 2013. A autora, congênere a outras monografias já citadas aqui, trata da importância do bacharel em turismo, com foco nos profissionais da cidade de São Luís. De acordo com ela há, efetivamente, um desconhecimento pela sociedade e pelo mercado de trabalho em turismo e lazer acerca desta importância. Isto deveria ser enfrentado pelas academias de turismo e a sociedade que está ligada ao setor turístico. Destaca que o ensino de turismo deveria se cultivado desde a educação básica e tece críticas à lei 12591/2012[16] que dificultou o reconhecimento legal da profissão do turismólogo. Este fato, segundo a autora, abriria espaço para incertezas tanto do mercado profissional em turismo como da própria escolha deste por parte dos jovens que iram adentrar neste mercado.

Todas as investigações monográficas que tratam dos egressos do curso de turismo, do bacharel e turismólogos, o que afinal fazem referência ao mesmo profissional, com a diferença de atuação, e no caso dos profissionais que estão diretamente ligados à pesquisa, tem sua importância no que Jafari (2005) denominou de sociedade de investigadores, que são grupos de pesquisadores, conforme falado em capítulos anteriores, que concorreriam para a cientifização do turismo, de acordo com Jafari. Sem dúvida que associações de investigadores, como a ANPTUR (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo) aqui no Brasil, e a AIEST (International

[16] A lei 12.591/2012 é a lei que reconhece a profissão de turismólogo e disciplina seu exercício, contudo, não define especificamente quais os profissionais que podem exercê-la. A então presidente na época, Dilma Rousseff, vetou os artigos 1º, 3º e 4º que tipificavam o exercício da profissão de turismólogo, no parágrafo 1º do artigo 1º dizia: I - pelos diplomados em curso superior de Bacharelado em Turismo, ou em Hotelaria, ministrados por estabelecimentos de ensino superior, oficiais ou reconhecidos em todo o território nacional.

Association of Scientific Experts in Tourism) a nível internacional, contribuem para o fortalecimento da pesquisa em turismo.

O décimo sétimo trabalho: *Turismo pedagógico: uma perspectiva na construção do conhecimento como tema transversal*, de SOUSA, Luanna Ribeiro, ano 2013. A autora trata da temática pedagógica inserida no turismo como um tema transversal e que possibilitaria relacionar a teoria e prática do turismo, além de contribuir para o processo de ensino aprendizagem nas escolas de ensino básico. Seu trabalho constitui-se em uma pesquisa empírica de cunho qualitativo em que analisa se, de fato, o turismo pedagógico ocorreria nas escolas particulares, de sua amostra. Ela faz uma abordagem dos parâmetros curriculares nacionais[17] junto com aspectos conceituais do turismo e seu caráter interdisciplinar.

A autora destaca como uma de suas principais conclusões, o fato do turismo pedagógico possuir a potencial possibilidade de ser inserido como um dos temas transversais que possibilitam a construção de um sujeito social crítico nos alunos. E também, a questão relacionada à necessidade de novas práticas metodológicas na ampliação dos conhecimentos teóricos e práticos, para o vislumbre de uma mudança educacional positiva.

A décima oitava pesquisa insere-se, na sua temática como um todo, no conteúdo epistemológico. Intitula-se: *A influência transdisciplinar na compreensão do fenômeno turístico: uma abordagem epistemológica*, de JORGE, Fernando Roberto Alves, ano 2014. A sua abordagem é epistemológica de análise do fenômeno turístico em sua compreensão pelo viés transdisciplinar, por ser uma investigação teórica, diferentemente de todas as monografias citadas, é a que mais se aproxima de nossa proposta.

Ele faz um delineamento histórico do estudo do turismo enquanto campo transdisciplinar, baseando sua exploração dos aspectos conceituais basicamente em dois pontos. O primeiro, nas fases teóricas do turismo de Panosso Netto (2005), que, corroborando com este, afirma que a produção científica em turismo ainda estaria incipiente, mas por meio das abordagens multidisciplinares já se constatava um grande avanço, além de que estas seriam as mais apropriadas no estudo do fenômeno turístico "desde de seus aspectos gerais, até os seus recantos mais íntimos e complexos" (p.56).

[17] São diretrizes educacionais elaboradas pelo Governo Federal do Brasil com o objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina.

No segundo ponto, ele trata dos aspectos disciplinares, a multi e transdisciplinaridade do fenômeno do turismo, e escolhe duas abordagens na explicação deste fenômeno, são elas a econômica e a epistemológica. Segundo o próprio autor ele segue essa linha de raciocínio no intuito de demonstrar que quando se prioriza uma parte da reflexão, uma disciplina, assunto do qual já se delineou anteriormente, perder-se-ia a 'essência' do conjunto da compreensão, o autor neste caso mostra uma clara defesa de uma visão holísticas dos estudos do turismo, que é transdisciplinar, além de destacar a necessidade de pôr em voga o debate acerca da questão da especialização X generalização, questão indispensável quando se trata da coerência da produção científica na área do turismo.

Ele realiza uma crítica à abordagem econômica, pois esta estaria indiferente aos aspectos sociais, culturais e políticos. Já com ralação a abordagem epistemológica, associa-a a estudos de cunho mais crítico e autores que escrevem a respeito da cientificidade do turismo, especialmente, a autores da américa latina, no Brasil e no México.

O autor conclui que a abordagem multi e transdisciplinar são as mais indicadas para a consecução de esforços na busca de problemas comuns para o turismo, o que pressupõe, a investigação da origem do conhecimento no campo do turismo, sua conceituação e definição de suas fronteiras, possibilitando o entendimento do que realmente seria o turismo. Essas discussões são de natureza epistemológica. Ele defende uma postura metodológica transdisciplinar de pesquisa em turismo, contextualização do conhecimento e fomento do 'espirito' crítico de pesquisa em turismo, isto é, a criação de sujeitos formadores de opinião e que compreendam os problemas sociais fundamentais relacionados ao turismo, e que busquem a desconstrução da realidade social que está apoiada no *status quo*.

Décimo nono trabalho: *Traços (NEO) colonialistas em destinos turísticos brasileiros*, de SOUSA, Eriberto do Nascimento, ano 2014. Analisa as ideias de colonialismo e neocolonialismo associando-as aos destinos turísticos. É uma Pesquisa essencialmente de cunho bibliográfico. Segundo o autor, o objetivo do trabalho foi provocar no leitor, uma reflexão sobre a existência da aplicação dos dois termos, colonialismo e neocolonialismo, na literatura em turismo por diferentes autores, com referência aos impactos sobre os destinos, de países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, em que é praticada a atividade turística. Portanto, o autor parte do pressuposto de que a atividade turística seria comparada a esses dois conceitos, isto é, seria uma nova forma de colonialismo.

A partir do seu pressuposto, a hipótese do autor é que, apoiado na Teoria da dependência econômica, traços (neo) colonialistas tenderiam a se manifestar em locais turísticos do litoral brasileiro. A sua outra suposição é que, como a colonização do Brasil iniciou-se pelo litoral, aí residiria uma explicação histórica de porquê essa nova forma de colonialismo se manifestaria preferencialmente nestas localidades, a exemplo dos massivos investimentos em cadeias hoteleiras internacionais nestes lugares.

Salienta-se, contudo, no que diz respeito a teoria da dependência econômica, seguindo a visão de Machado (1999), que esta é observada sob os aspectos político e da economia política, a chamada teoria da dependência econômica a rigor não existiria, mas simplesmente a dependência dentro do sistema internacional de relações de força e poder. O que se pretendeu chamar de teoria da dependência seria uma obviedade histórica, uma tentativa de nova versão do modelo neocolonial.

Sousa apoia-se em autores que criticam a exploração desordenada do litoral brasileiro pela atividade turística, resultando em impactos negativos para as comunidades autóctones, e na ideia de que o turismo se faria do centro para a periferia, ou seja, de países desenvolvidos para países subdesenvolvidos. Seriam nestas características, aliadas à indústria hoteleira que faria uso dos espaços e ao mesmo tempo excluiria a comunidade, que se encontrariam os traços (neo) colonialistas.

O autor conclui que os traços (neo) colonialistas priorizam o litoral pela atratividade, disponibilidade de mão de obra operacional, e facilidades concedidas pelos governos e até os próprios moradores. Além de que, a execução do turismo sendo realizada sob estes vieses, resultaria em exclusão social, concentração de riqueza e geração de pobreza, ao que o autor se posiciona contra. A abordagem deste autor, sem dúvidas, possui narrações epistemológicas, ao realizar críticas ao próprio fenômeno do turismo.

O vigésimo trabalho: *Turismo de experiência: um estudo do passeio serenata histórica em São Luís- MA*, de PINTO, Andrea Cristina Dias, ano 2014. O estudo aborda a inserção da experiência dentro do turismo, sob a denominação de turismo de experiência, que segundo a autora seria, "a interação do visitante com os serviços, produtos e pessoas de um determinado lugar, buscando momentos únicos neste intercâmbio de vivência e troca de saberes" (p.62).

Ela aborda então, a relação entre o movimento chamado Pós-Modernidade e o turismo e as novas motivações turísticas resultantes deste momento. Traz conceitos como o da Economia da Experiência que ofereceria serviços voltados para demandas baseadas

em emoções/experiências. E faz referência ao turismo de experiência com o exemplo de São Luís –MA, com o estudo feito do 'Passeio Serenata Histórica em São Luís'. O autor conclui ainda que não se deve prescindir de um planejamento, para o oferecimento de uma adequada experiência.

A vigésima primeira monografia: *Turismo de Experiência: A rota da juçara como um atrativo de visitação em São Luís –MA*, de COSTA, Denuilce Campos, ano 2015. A autora discorre sobre a ideia de experiência sob diferentes áreas do conhecimento, como no viés filosófico, sociológico, antropológico e psicológico, associando-as, a exemplo do trabalho anterior, ao Turismo de experiência como novo segmento demandante. Diz, no entanto, que no contexto brasileiro, este segmento precisa ser mais bem trabalhado e desenvolvido. No que concerne ao seu objeto de estudo, a 'Rota da Juçara' em São Luís – MA, salienta que deve haver um melhor planejamento.

Nos dois trabalhos que tratam da experiência turística, tem-se que, conceitos como o de pós-modernidade relacionado ao desenvolvimento histórico do fenômeno turístico, os diferentes tipos de significados de experiência analisados consoante as distintas áreas de conhecimento, e a crítica ao planejamento turístico que é realizada, acrescentam conteúdos relacionados a produção do conhecimento na área do turismo. O planejamento turístico, por exemplo, é de interesse público, justamente o termo que Jafari (2005) denominou para sua quinta plataforma.

O vigésimo segundo trabalho: *Multiplicidade de conhecimento na docência do curso de turismo da UFMA: uma reflexão sobre a multidisciplinaridade de saberes dos docentes*, de MOURA, Tamires de Souza, ano 2016. A autora aborda o ensino superior em turismo, sob a perspectiva da docência no curso de turismo, particularmente na UFMA, os conhecimentos destes docentes em suas respectivas áreas de formação, analisando, a partir deste ponto, a multidisciplinaridade destes conhecimentos no curso e o seu currículo por meio do seu projeto pedagógico.

Sua pesquisa constituiu uma abordagem teórica e qualitativa, e buscou, por meio da aplicação de questionários e entrevistas, com discentes e docentes, respectivamente, a visão dos sujeitos amostrais quanto aos saberes científicos dos docentes do curso de Turismo da UFMA, e o seu projeto pedagógico.

Segundo a autora, há, de fato, diversidades de conhecimentos no curso de turismo da UFMA, reflexo das múltiplas especializações dos docentes em diferentes áreas, e que esta característica seria ponto positivo ao se pretender o desenvolvimento de um olhar científico do turismo. Ainda, afirma que, apesar da formação curricular do aluno

possuir uma qualificação científica, o mercado, analisaria o profissional turismólogo apenas pelos conhecimentos práticos, desta forma, ela observa no seu trabalho a necessidade de adaptação e atualização da estrutura curricular.

Realizou-se, abaixo, uma síntese dos conteúdos dos resultados e discussões dos trabalhos que foram analisadas, condensando-os em grupos. Para isso, foram reunidas aqueles que possuíam temáticas semelhantes[18] como por exemplo, os que dizem respeito à experiência turística, ou as que tratam da produção do conhecimento científico de modo direto, etc. Cada grupo fora denominado de grupo 1, grupo 2, e assim sucessivamente na ordem temporal da primeira monografia, e à qual foram agrupadas as demais.

- Grupo 1:
- 1º *O Turismo chegando às Escolas.*
- 17º *Turismo pedagógico: uma perspectiva na construção do conhecimento como tema transversal*.

CONTEÚDOS TRABALHADOS COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOCONHECIMENTO:

- Educação do turismo nas escolas de ensino básico.
- Contribuição para o currículo educacional.
- Inserção como tema transversal (Ética, Consumo, etc.)
- Mudança positiva na atividade turística.
- *Sujeito social crítico nos alunos.*

- Grupo 2:
- 12º *NPDTUR: um estudo das atividades de extensão e sua contribuição para a formação dos alunos.*
- 14º *O papel da extensão na formação do acadêmico em turismo.*

CONTEÚDOS TRABALHADOS COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOCONHECIMENTO:

- Projeto de extensão do turismo à educação básica.
- Viabiliza a ligação da Universidade com a sociedade.
- Pesquisa, Ensino e *Extensão: interdisciplinar e contribuem para a produção do conhecimento.*
- *Pensamento crítico.*
- *Desenvolvimento de conhecimentos acadêmicos.*

[18] As monografias reunidas no grupo de número 8 não se assemelham entre si com relação às suas temáticas, nem a nenhuma outra monografia das 22 selecionadas, neste caso como seus conteúdos são específicos, optou-se por reuni-los e um grupo a parte.

- Grupo 3:
- 2° *Breve análise da produção científica do curso de turismo da UFMA: 1987 a 2000.*
- 18° *A influência transdisciplinar na compreensão do fenômeno turístico: uma abordagem epistemológica.*
- 22º *Multiplicidade de conhecimento na docência do curso de turismo da UFMA: uma reflexão sobre a multidisciplinaridade de saberes dos docentes*.

CONTEÚDOS TRABALHADOS COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOCONHECIMENTO:

- Investigação sobre a pesquisa científica.
- Diversificação das investigações.
- Investigação teórica pelo viés multidisciplinar.
- Exploração epistemológica.
- Fases teóricas do turismo.
- *Defesa da visão holística nos estudos do turismo.*
- Abordagens multi e transdisciplinar para as problemáticas de investigação da pesquisa em turismo.
- Estudos epistemológicos englobam a cientificidade do turismo.
- Diversidade de conhecimento no curso de turismo da UFMA.
- Multiplicidades de conhecimentos na docência.

- Grupo 4:
- 3° *Os egressos do curso de Turismo da UFMA no mercado de trabalho em São Luís.*
- 4° *O perfil do bacharel em turismo no mercado turístico em São Luís*.
- 10° *A regulamentação do exercício profissional: a trajetória e as expectativas dos turismólogos.*
- 11° *Um estudo da percepção dos bacharéis em turismo quanto a sua atuação*.
- 15° *Egressos do curso de turismo da Universidade Federal do Maranhão dos anos de 2005-2010: realidade dos bacharéis frente ao mercado turístico de São Luís*.
- 16° *Desmitificação do bacharel em turismo: um estudo de caso em São Luís – Maranhão.*

CONTEÚDOS TRABALHADOS COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOCONHECIMENTO:

- Atuação dos turismólogos, suas qualificações e importância para o mercado de trabalho.
- Necessidade de valorização do conhecimento teórico.

- Regulamentação e valorização profissional.
- Fortalecimento pela produção e educação do conhecimento em turismo.
- ABBTUR e o fortalecimento da área do turismo.
- Formação acadêmica superior no Brasil.
- Atualizações às dinâmicas do mercado.
- Desconhecimento social das atividades de lazer e turismo.
- Educação em turismo desde a base.
- Reconhecimento legal da profissão de turismólogo.
- Fortalecimento das sociedades e grupos de investigadores.
- Fortalecimento dos estudos e pesquisa em turismo.
- Fortalecimento do setor.

➢ Grupo 5

- 6° *A construção do não lugar no Turismo: um estudo sobre o evento Maranhão Vale Festejar em São Luís – MA.*
- 8° *Uma Releitura do espaço dos Lençóis Maranhenses no discurso da Publicidade Turística.*

CONTEÚDOS TRABALHADOS COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOCONHECIMENTO:

- Revisitação às teorias do turismo.
- Ideologias nos discursos de propaganda turística.
- Abordagem hermenêutica: Interpretação.
- Crítica aos discursos.

- Grupo 6:

- 9º *Aperfeiçoamento no Exterior: as oportunidades de aperfeiçoamento para bacharéis em outros países*.
- 13° *Turismo de intercâmbio: um aliado na formação profissional do aluno para o mercado de trabalho.*

CONTEÚDOS TRABALHADOS COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOCONHECIMENTO:

- Desenvolvimento do turismo e qualificação profissional, desenvolvimento de habilidades e experiências.
- Contribuição para o campo de conhecimento.

- Grupo 7:

- 20º *Turismo de experiência: um estudo do passeio serenata histórica em São Luís-MA.*
- 21º *Turismo de Experiência: A rota da juçara como um atrativo de visitação em São Luís –MA.*

CONTEÚDOS TRABALHADOS COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOCONHECIMENTO:

- Conceitos de experiência em diferentes acepções.
- Experiência e a 'Pós-Modernidade'.
- Planejamento, Interesse público: Quinta Plataforma, Jafari (2005).

- Grupo 8:

- 5° *As viagens em busca do eu: fundamentos para o reconhecimento do turismo esotérico como prática consolidada nas sociedades atuais.*
- 7° *Perfil Socioeconômico do estudante de Turismo da Universidade Federal do Maranhão.*
- 19° *Traços (NEO) colonialistas em destinos turísticos brasileiros*.

- CONTEÚDOS TRABALHADOS COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOCONHECIMENTO:

- Conceitos teóricos (capitalismo e suas contradições, ressignificação dos espaços, tempo livre e de lazer, etc.).
- Formação do aluno e o estímulo à pesquisa.
- Crítica à atividade turística praticada de forma indiscriminada, conceito de (neo) colonialismo ao turismo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar uma exploração teórica e crítica a respeito da temática epistemológica do turismo, em sua produção do conhecimento, juntamente com uma análise das monografias do curso de turismo da UFMA cujo os conteúdos mais tangenciassem a matéria de produção de conhecimento.

Dividiu-se em duas partes, a primeira, teórica e mais extensa, que equivaleu às discussões sobre o conteúdo epistemológico e este com o turismo, isto é, o turismo sob o viés da filosofia da ciência, e a segunda correspondeu às análises das monografias, analise esta, embasada na primeira parte.

Como a epistemologia nasceu a partir do momento que se começou a refletir sobre o conhecimento, o que se confunde com o próprio nascimento da filosofia e esta, com o próprio homem enquanto ser pensante, filósofos que vêm desde a idade antiga até a contemporânea, como Platão, René Descartes, David Hume, Immanuel Kant, Karl Popper, dentre outros, são considerados os seus primeiros e/ou máximos representantes.

Observa-se que quando se trata de matéria epistemológica, teoria do conhecimento ou filosofia da ciência junto do campo de conhecimento em turismo, um adequado embasamento teórico faz-se necessário por conta do próprio conteúdo em si, que por ser pouco explorado pela academia de turismo, é denso e envolto em controvérsias, ou seja, ao adentra-se nesta matéria, verifica-se que o seu alicerce por ser da própria filosofia, conhecimento por definição especulativo, não há unanimidade com relação às propostas e os conteúdos. Este fato, reflete na epistemologia do turismo.

Tendo isso em vista, adentrou-se nas próprias discussões filosóficas, primeiramente nos diferentes conceitos do objeto para depois apresentar uma divisão, ou seja, constatou-se logo de início que havia teóricos dentro da epistemologia que direcionavam o seu olhar para certos conteúdos de conhecimento. Há aqueles que tratam do conhecimento em si, não importa qual a natureza, isto é, o conhecimento racional como o elemento essencial e diferenciador do homem frente aos objetos físicos, por exemplo, e há aqueles que se direcionam particularmente ao conhecimento científico. Didaticamente há de se pôr os primeiros entre os teóricos que tratam da teoria do conhecimento e os segundos, da filosofia da ciência, esta foi uma divisão que se adotou no presente trabalho.

É importante observar que a filosofia no turismo não se limita à análise teórica de produção do conhecimento, esta é somente uma orientação, e a mais explorada, a exemplo da natureza de sua apreensão multidisciplinar, refletida de sua própria natureza fenomênica. O exame filosófico, por exemplo, pode-se pautar em torno da busca da sua essência e propriedade ou tratar de uma moral filosófica para o turismo (PALOMO, 2012).

Então, a epistemologia enquanto filosofia da ciência preocupa-se com a produção de conhecimento teórico e está voltada especificamente para o exame que se faz das teorias produzidas e os seus teóricos, enquanto outras abordagens filosóficas no turismo ao mesmo tempo em que trazem uma aproximação de teorias filosóficas particulares, como a da fenomenologia que busca uma essência do turismo enquanto fenômeno, inegavelmente, contribui para o seu saber. Temos que ter em mente neste caso que uma matéria está intrinsecamente ligada a outra.

Como a abordagem epistemológica que se delineou no presente trabalho esteve amparada na filosofia da ciência, constatou-se que se deveria partir dos seus conceitos em diferentes autores, o que corroborou o pressuposto epistemológico apontado acima, ou seja, os conceitos que foram outorgados ao turismo ao longo do tempo, diversificavam-se conforme o teórico e sua área de formação, mas também conforme os propósitos de cada autor. A contribuição, portanto, com este trabalho, foi revelar a importância que este tema tem para a área do turismo enquanto disciplina teórica

Percebe-se que é fundamental, quando a intenção é a reflexão epistemológica, uma análise de natureza histórica das teorias, isto é, a realização de uma análise das teorias do turismo que foram se delineando ao longo do tempo. Isto é particularmente importante pois, as diversas análises teóricas que foram feitas, contribuíram para que se chegasse ao patamar em que o conhecimento em turismo se encontra atualmente.

Como o conhecimento em turismo foi se construindo pela contribuição de diversas disciplinas científicas, a sua natureza é multidisciplinar, esta é a abordagem mais adequada em sua reflexão.

Verificou-se que a proposta de atribuir o conceito de paradigma, no sentindo kuhniano, ao campo de conhecimento em turismo é questionável, pois esta terminologia é mais adequada às áreas de conhecimento que já ultrapassaram a discussão epistemológica da cientificidade, o que não é o caso do turismo cujo debate ainda se encontra em voga.

Concorda-se como Echtner e Jamal (1997), quando afirmam sobre a questão da constituição disciplinar do turismo, esta dificilmente chegará a um termo, até pelos próprios desafios significativos que o estudo do fenômeno enfrenta, os quais foram apresentados alguns no decorrer do presente trabalho, mas, que uma visão mais aprofundada destes desafios passará pelo exame interdisciplinar da matéria. Nesta posição, acrescenta-se que este exame é pertencente a própria epistemologia, pois ela é interdisciplinar e histórica (JAPIASSU, 1979) e se o objetivo é examinar os fundamentos e gênese de uma possível ou impossível ciência do turismo, esse exame terá de ser, obrigatoriamente, epistemológico.

Com relação às monografias do curso de turismo da UFMA que foram analisadas, entende-se que as temáticas apresentadas contribuem direta ou indiretamente na construção do conhecimento em turismo, o papel do turismólogo, a extensão universitária, as experiência turísticas, as análises dos discursos, a crítica do turismo como possível nova forma de colonialismo, assim como a própria produção científica na área, inserem-se dentro do campo de conhecimento em turismo, como um campo social, todos esses elementos devem ser considerados quando trata-se da produção do seu conhecimento. Ademais, constatou-se ainda que devido a um número pequeno de monografias que tratam de temáticas à pesquisa científica e/ou produção do conhecimento reforçando uma fragilidade ainda percebida tanto do ponto de vista do mercado turístico quanto do ponto de vista do formando em turismo como aponta os resultados desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. 1901-1990. **Dicionário de filosofia**. São Paulo. Martins Fontes, 5° edição, 2007.

ACERENZA, Miguel A. **Administração do turismo: conceituação e organização.** Trad. Graciela Rabuske Hendges. Bauru, SP: EDUSC, 2002 (Coleção Turismo).

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.

AIREY, David. Crescimento e Desenvolvimento. In: TRIBE, J.; AIREY, D. (Orgs.). **Educação Internacional em Turismo**. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: SENAC, 2008.

AIREY, David. Tourism education: Past, present and future. Turisticko poslovanje. **The Business of Tourism**, v. 17. p. 9-12, 2016. DOI: 10.5937/TurPos1617009A.

BENCKENDORFF, P.; ZEHRER, A. A network analysis of tourism research. **Annals of Tourism Research**, v. 43, p. 121–149, 2013.

BENI, Mário C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo. 10º ed. SENAC, São Paulo, 2004.

BEUCHOT, Mauricio. **Perfiles esenciales de la hermenéutica**. México, FCE /UNAM, IIF, 2008.

BEUCHOT, M. P. Hermenéutica analógica y tiempo libre. **HOMO VIATOR: revista hermenéutica del viaje, la hospitalidad y el ocio**, México, v. 1, n. 1, p. 105-114, 2010.

BOMBASSARO, Luiz Carlos. **As fronteiras da epistemologia: uma introdução ao problema da racionalidade e da historicidade do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BRASIL, **Lei n.º 12.591**, de 18 de janeiro de 2012. Reconhece a profissão de Turismólogo e disciplina o seu exercício. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12591.htm. Acesso em: 10/06/2018.

BUNGE, Mario**. Epistemología: curso de actualización**. 1º ed. Barcelona: Ariel, 1980.

BUTLER, Richard e JONES, Peter. Conclusões – Problemas, Desafios e Soluções. IN: LOCKWOOD, Andrew; MEDLIK, S. **Turismo e Hospitalidade no século XXI**. Barueri, SP: Manole, p. 309-322, 2003.

CASTAÑON, Gustavo. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: EPU, 2007.

CASTILLO NECHAR, Marcelino. CORTÉS, Maribel Lozano. **Apuntes para la investigación turística**. Universidad de Quintana Roo, México, 2006.

CASTILLO NECHAR, M. Epistemología crítica del turismo. Que es esto? **Revista Turismo em Análise**, v. 22, n. 3, p. 516-538, 2011.

CENTENO, Rogelio Rocha. **Metodologia da pesquisa aplicada ao turismo: casos práticos**. Trad. Waldelina Rezende São Paulo: Roca, 2003.

COHEN, E. A phenomenology of tourist experience. **Sociology**, v.13, n.2, p. 179–201, 1979.

COLES, T.E., HALL, C.M. & DUVAL, D.T. Tourism and post-disciplinary enquiry. **Current Issues in Tourism**, v. 9, p. 293–319, 2006.

COMIC, D. K. Tourism as a subject of philosophical reflection. **The Tourist Review**, v. 44, n. 2, p.6-13, 1989. DOI: https://doi.org/10.1108/eb058016.

ČOMIĆ, Đ.; KALMIĆ, L. Phenomenology of tourist experience. **Quaestus Multidisciplinary Research Journal**, n. 6, p. 56-71, 2015.

CONDE GAXIOLA, N. ¿Es posible una teoría hermenéutica dialéctica en el estudio del turismo? México, **Teoría y Praxis**, v.5, p.197-211, 2008.

CONDE GAXIOLA, N. Turismo y sistema desde una perspectiva hermenéutica. **HOMO VIATOR: revista hermenéutica del viaje, la hospitalidad y el ocio**, México, v. 1, n. 1, p. 142-157, 2010.

DANN, G.; NASH, D. & PEARCE, P. Methodology in Tourism Research. **Annals of Tourism Research**, v.15, p. 1-28, 1988.

DENKER, Ada de F.M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DURKHEIM, Émile. O que é fato social? In: **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6.a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 1-4, 5, 8-11, 1972.

DUTRA, Luiz Henrique de A. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: UNESP, 2010.

ECHTNER, C. e JAMAL, T. The disciplinary dilemma of tourism studies. **Annals of Tourism Research**. v. 24, n. 4, p. 868-883, 1997.

ESTEBAN, J., CETIN, G., ANTONOVICA, A. Theory of knowledge of tourism: A sociological and epistemological reflection, **Journal of Tourismology**, v.1, n.1, p. 2-15, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3º. Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FILHO, J. D. S. Questões teóricas expressam riqueza e pobreza no debate epistemológico do fenômeno turístico. V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SeminTUR, Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina Universidade de Caxias do Sul – UCS, **Anais**... Caxias do Sul, RS, 2008. p. 1-21.

GALVÃO, P. L. A.; MARQUES, P. K. L.; CASTRO, C. A. T. O positivismo nas produções científicas do turismo: um olhar sobre a obra Administração do Turismo de Miguel Acerenza. In: XIII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, **Anais**... São Paulo: ANPTUR, 2016. v. 1. p. 1-16.

GARCÍA, M. O.; KORSTANJE, M. E. Reflexiones en torno a la situación de la investigación turística. **Dimensiones turísticas**. v. 1, n. 1, p. 13-30, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert Woodrow, **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GRECO, John. O que é epistemologia? In. GRECO, J.; SOSA, E. (Org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução: Fernandes, A. S. e Bettoni, R. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOLDEN, Andrew. **Tourism Studies and the Social Sciences**. New York: Routledge, 2005.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

JAFARI, J.; J. R. B. RITCHIE. Towards a Framework for Tourism Education. **Annals of Tourism Research**, v. 8, p.13-33, 1981.

JAFARI, Jafar. El turismo como disciplina científica. **Política y Sociedad**, v. 42, n. 1, p. 39-56, 2005.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro, F. Alves, 3º edição, 1979.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de filosofia**. 3º ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

JAPIASSU, Hilton. O espírito interdisciplinar. **Cad. EBAPE.BR**, v. 4, n. 3, p.1-8, 2006a.

JIMENEZ GUZMAN, L. F. **Teoria Turística**. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 1986.

JOVICIC, Z. A plea for tourismological theory and methodology. **The Tourist Review**, v. 43, n. 3, p.2-5, 1988. DOI: https://doi.org/10.1108/eb057997.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia cientifica**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEIPER, N. The framework of Tourism: Towards a Definition of Tourism, Tourist and Tourist Industry**. Annals of Tourism Research**, v. 6, n.4, p. 390-407, 1979.

LEIPER, N. Towards a cohesive curriculum tourism: The case for a distinct discipline. **Annals of Tourism Research**, v. 8, p. 69-83, 1981.

LICKORISH, L. J.; JENKINS, C. L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

KORSTANJE, M. Turismo: un nuevo enfoque disciplinario para la enseñanza académica. **TURyDES – Revista de Turismo y Desarrollo**, v. 2, n.5, p. 1-21, 2009.

KORSTANJE, M. **Ciencia de la hospitalidad: un nuevo aporte epistemico para comprender el objeto del turismo**. Editado por la Fundación Universitaria Andaluza Inca Garcilaso para eumed.net, 2013. Disponível em: http://www.eumed.net/libros-gratis/2013a/1331/index.htm.

KORSTANJE, M. Teoria turistica: del choque cultural a la percepción del riesgo. **TURyDES – Revista de Turismo y Desarrollo**, v.7, n.16, p. 1-12, 2014.

KORSTANJE, M. **Discussing the methodological inconsistencies of tourism research**. Repository CERS. Centre for Ethnicity and Racism studies. University of Leeds, 2015. Disponível em: http://cers.leeds.ac.uk/files/2013/05/Korstanje_CERS_3.pdf.

KORNBLITH, Hilary. Em defesa de uma epistemologia naturalizada. In. GRECO, J.; SOSA, E. (Org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução: Fernandes, A. S. e Bettoni, R. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**; Tradução Contexto traduções. São Paulo: Aleph, 2001.

KUHN, Thomas, S. **A estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1998.

MACHADO, L. T. A teoria da dependência na América Latina. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 35, p.199-215, 1999.

MARTINS, J.; BOEMER, M.R.; FERRAZ, CA. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enf**. USP, São Paulo, v.24, n.1, p.139-147, 1990.

MARTÍNEZ, A. de J.J. Aproximação à conceituação do turismo a partir da teoria geral de sistemas. p. 109- 148. In: TRIGO, L.G.G.; PANOSSO NETTO, A.; CARVALHO, M.A.; PIRES, P. dos S. (Eds.) **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

MARUJO, N. A pesquisa em turismo: reflexões sobre as abordagens qualitativa e quantitativa. **TURyDES – Revista de Turismo y Desarrollo**, v. 6, n. 14, p. 1-13, 2013.

MOESCH, Marutschka Martini. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In: Susana Gastal. (Org.). **TURISMO: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002, v. 1, p. 25-44.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka Martini; REJOWSKI, Miriam; GASTAL, Susana. Domínio Material e Conceitual do Turismo. In: 2º Seminário Nacional dos Programas de pós-graduação em Turismo, 2005, Balneário Camboriú-SC. **Anais**... Balneário Camboriú: ANPTUR/UNIVALE, 2005. v. 01. p. 01-13.

MOESCH, M. M.; BENI, M. C. Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo. In: XI ANPTUR, 2015, Natal. **Anais** ... São Paulo: ANPTUR, 2015.

MOGENDORFF, J. R. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**, v. 23, n. 63, p. 152-159, 2012.

MOMM, C. F. & SANTOS, R. N. M. Conhecimento científico produzido nos cursos de pós-graduação (stricto sensu) em turismo e áreas correlatas no Brasil no período de 2000 a 2006. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 4 n.02, p. 64-85, 2010.

MORTON, Adam. Conhecimento. In. PAPINEAU, David. (Org.). **Filosofia**. Trad. Maria da Anunciação Rodrigues e Eliana Rocha. São Paulo: Publifolha, p. 74-104, 2009.

MOSER, Paul K; MULDER, Dwayne H; TROUT, J. D. **A teoria do conhecimento: uma introdução temática**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOSER, Paul K. Realismo, Objetividade e ceticismo. In. GRECO, J.; SOSA, E. (Org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução: Fernandes, A. S. e Bettoni, R. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MUÑOZ DE ESCALONA, F. **Crítica de la economía turística. Enfoque de oferta versus enfoque de demanda**. 1992. Tese (Doutorado em Economia) - Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales, Universidad Complutense de Madrid, Madrid.

MUÑOZ DE ESCALONA, F. Es el conocimiento del turismo una ciencia? Y si no lo es, puede serlo? **Turismo y Sociedad**, v.20, p. 27-48, 2017. DOI: https://doi.org/10.18601/01207555.n20.02.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do Turismo: fetichismo e dependência**. Campinas, SP: Editora: Alínea, 2005.

PALOMO, M. F. Hacia una teoría formal del turismo. **HOMO VIATOR: revista hermenéutica del viaje, la hospitalidad y el ocio**, México, v. 2, n. 2, p. 6-23, 2012.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, A; CASTILLO NECHAR, M. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v.8, n.1, p.120-144, 2014.

PENNA, Antonio Gomes. **Introdução à epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

PERNECKY, T.; JAMAL, T. (Hermeneutic) Phenomenology in Tourism Studies. **Annals of Tourism Research**, v. 37, n. 4, p. 1055–1075, 2010.

REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional x situação brasileira**. 6º ed. Campinas: Papirus, v. 1. 167p, 2002.

REJOWSKI, Mirian. Produção científica em turismo: análise de estudos referenciais no exterior e no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 21, p. 224-246, 2010.

REN, C.; PRITCHARD, A.; MORGAN, N. Constructing tourism research. **Annals of Tourism Research**, v.37, n.4, p. 885-904, 2010.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas**.** In. PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. B. (Orgs.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SANTOS, M. M. C. dos; POSSAMAI, A. M. D. P.; MARINHO, M. F. Pesquisa em turismo: panorama das teses de doutorado produzidas no Brasil de 2005 a 2007. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v. 3, n. 3, p. 3-33, 2009.

SESSA, A. The Science of Systems for Tourism Development. **Annals of Tourism Research**, Vol. 15, p. 219-235, 1988.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TRIBE, J. The indiscipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 638-657, 1997.

TRIBE, J. The truth about tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 2, p. 360-381, 2006.

TRIBE, J.; AIREY, D. Introdução. In: TRIBE, J.; AIREY, D. (Orgs.). **Educação Internacional em Turismo**. Trad. Carlos Szlak. (p. 17-29) São Paulo: SENAC, 2008.

TRIBE, J. Tribes, territories and networks In. the tourism academy. University of Surrey, United Kingdom. **Annals of Tourism Research**, v. 37, n. 1, p. 7–33, 2010.

TRIBE, J.; LIBURD, J. J.; The tourism knowledge system. **Annals of Tourism Research**, v. 57, p. 44-61, 2016.

UNWTO (WORLD TOURISMO ORGANIZATION). **Código de Ética Mundial para o Turismo**. Disponível em: <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>. Acesso em: 13/05/2018.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

WAHAB, S. E. A. **Introdução à administração do turismo: alguns aspectos estruturais e operacionais do turismo internacional: teoria e prática**. (2ª ed.). Trad. Luíz Roberto de Morais Junqueira. São Paulo: Pioneira, 1988.

WEILER, Betty. Pesquisas e Teorias de Turismo: uma revisão. IN: LOCKWOOD, Andrew; MEDLIK, S. **Turismo e Hospitalidade no século XXI**. Barueri, SP: Manole, 2003.

WILLIAMS, Michael. Ceticismo. In. GRECO, J.; SOSA, E. (Org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução: Fernandes, A. S. e Bettoni, R. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ZAGZEBSKI, Linda. O que é o conhecimento? In. GRECO, J.; SOSA, E. (Org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução: Fernandes, A. S. e Bettoni, R. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. São Paulo: Paulus, 2005.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl**. Revista de Abordagem Gestáltica**, v.13, n. 2, p. 216-221, 2007.